

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS
CÂMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

ANA MARIA HERNANDES DA FONSECA

A PERÍFRASE VERBAL *IR+INFINITIVO* E O FUTURO DO DIALETO
RIOPRETANO: UM ESTUDO NA INTERFACE
SOCIOLINGUÍSTICA/GRAMATICALIZAÇÃO

São José do Rio Preto
2010

ANA MARIA HERNANDES DA FONSECA

**A PERÍFRASE VERBAL *IR+INFINITIVO* E O FUTURO DO DIALETO
RIOPRETANO: UM ESTUDO NA INTERFACE
SOCIOLINGUÍSTICA/GRAMATICALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração - Análise Linguística, Linha de Pesquisa - Variação e Mudança Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Apoio: FAPESP (Processo nº 07/57282-7)

São José do Rio Preto
2010

Fonseca, Ana Maria Hernandes da.

A perífrase verbal *ir+infinitivo* e o futuro do dialeto riopretano : um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização / Ana Maria Hernandes da Fonseca. - São José do Rio Preto : [s.n.], 2010.
174 f. : il.; 30 cm.

Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de

Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa – Gramática. 3. Língua portuguesa – Português falado. 4. Língua portuguesa – Dialectos – São José do Rio Preto (SP). I. Gonçalves, Sebastião Carlos Leite. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'27

ANA MARIA HERNANDES DA FONSECA

**A PERÍFRASE VERBAL *IR+INFINITIVO* E O FUTURO DO DIALETO
RIOPRETANO: UM ESTUDO NA INTERFACE
SOCIOLINGUÍSTICA/GRAMATICALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração - Análise Linguística, Linha de Pesquisa - Variação e Mudança Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves – Orientador

UNESP – Universidade Estadual Paulista

Profª. Dra. Maria Luiza Braga

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Kees Hengeveld

UvA – Universidade de Amsterdam

Membros Suplentes:

Profª. Dra. Gisele Cássia de Souza

UNESP – Universidade Estadual Paulista

Profª. Dra. Anna Christina Bentes

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

São José do Rio Preto (SP)
16/agosto/2010

Ao meu filho Guilherme, maior presente que a vida me deu,

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, e especialmente, ao professor Sebastião Carlos, pela sábia e criteriosa orientação e pela seriedade com que guiou estes meus primeiros passos como pesquisadora. Obrigada não apenas por confiar em meu trabalho, mas por fazer-me confiar em mim mesma.

À professora Gisele, pelas valiosas sugestões por ocasião do Exame de Qualificação, pelas incansáveis leituras que realizou de meu trabalho e pelas palavras de incentivo e de carinho.

À professora Anna Flora pela amizade e carinho desmedido.

À querida professora Maria Luiza Braga, a quem muito admiro, por ter aceitado o convite para compor a Banca Examinadora deste trabalho.

Ao professor Kees Hengeveld, por também ter aceitado, gentilmente, participar da Banca Examinadora e pela contribuição já iniciada, indiretamente, no desenvolvimento desta pesquisa durante a leitura de seus textos.

À FAPESP, pelo apoio financeiro, imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho.

Às queridas amigas-irmãs Maura, Carla e Angélica, que comigo dividiram as ansiedades e angústias vividas durante a trajetória da pesquisa.

Às minha amigas do "Colegião" Lourdinha e Irmã Vaneti, por tornarem meus dias mais alegres com seus sorrisos inconfundíveis.

Aos meus pais, por compartilharem comigo meu ideal e por incentivarem-me a conquistá-lo.

Ao Marcelo, meu marido e companheiro, pela presença constante em minha vida. Seu amor e sua compreensão foram imprescindíveis para eu cumprir mais esta etapa.

Ao meu filho Guilherme, amor maior da minha vida, não apenas agradeço pela paciência, compreensão e respeito por meu trabalho, mas também peço desculpas por todos os momentos em que tive de me ausentar de sua vida. Conviver com você faz de mim uma pessoa melhor. Eu te amo muito.

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não para*

(Cazuza & Arnaldo Brandão)

FONSECA, Ana Maria Hernandes da. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a perífrase verbal *ir+infinitivo*. Sob o ponto de vista da *Gramaticalização*, tratamos da formação da perífrase e de sua multifuncionalidade no Português Brasileiro, mais especificamente na variedade falada no interior do Estado de São Paulo. As amostras de fala integram o banco de dados Iboruna. Além da função de futuridade, a perífrase expressa também funções aspectuais, modais e de marcador discursivo, multifuncionalidade decorrente de diferentes estágios de sua gramaticalização. A partir das funções identificadas, relacionamos os graus de gramaticalidade da perífrase com a escala universal de gramaticalização das categorias verbais flexionais do complexo TAM (Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade), comprovando a hipótese de que a escala de gramaticalização de *ir+infinitivo* obedece à ordem “universal” dos morfemas verbais flexionais como postulado em Bybee (1985). Sob o enfoque da Sociolinguística, procedemos ao tratamento variável da expressão de futuridade codificada por [*IR_{PRESENTE INDICATIVO} + Infinitivo*] vs. [*Futuro do Presente*], no caso de Futuro do Presente, e por [*IR_{PRETÉRITO IMPERFEITO} + Infinitivo*] vs. [*Futuro do Pretérito*], no caso de Futuro do Pretérito. Enquanto a expressão de Futuro do Presente não constitui regra variável na comunidade de fala investigada, visto que a mudança já se instaurou em favor da variante analítica, a expressão de Futuro do Pretérito na forma analítica é condicionada pelos seguintes fatores: estatuto sintático da oração (orações subordinadas), paradigma verbal do verbo principal (verbos regulares), tipo de estado de coisas (estado), tipo de texto (narrativo) e idade do informante (faixa etária mais jovem). Ao final, consideramos que a principal contribuição do trabalho foi a de mostrar o êxito da abordagem de um mesmo fenômeno na interface de duas teorias de mudança linguística: a Sociolinguística e a Gramaticalização.

Palavras-chave: *ir+infinitivo*, Futuro, variação linguística, Gramaticalização.

FONSECA, Ana Maria Hernandez da. *The “ir+infinitive” verbal periphrasis and the future of the dialect from São José do Rio Preto: a study on the Sociolinguistics/Grammaticalization interface*. 2010. 174f. Thesis (Master’s degree on Linguistic Studies) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

ABSTRACT

This study focuses on the *ir+infinitive* verbal periphrasis. From the aspect of Grammaticalization, this study approaches the formation of the periphrasis and its multifunctionality in Brazilian Portuguese language, especially in the variety used in the interior of São Paulo State. The samples of speech integrate the Iboruna database. Besides the function of futurity, the periphrasis also expresses aspectual and modal functions, and acts as discourse marker. This multifunctionality derives from different stages of its grammaticalization. Based on the functions identified, we have related the grammaticality degrees of the periphrasis to the universal scale of grammaticalization of flexional verbal categories of the TAM complex (Time, Aspect, Mode/Modality), proving the hypothesis that the grammaticalization scale of *ir+infinitive* follows the “universal” order of flexional verbal morphemes, as postulated in Bybee (1985). Under the focus of Sociolinguistics, we proceed to the variable treatment of the expression of futurity encoded by [*IR_{PRESENT INDICATIVE} + Infinitive*] vs. [*Future of Present*], in the case of the Future of Present, and by [*IR_{IMPERFECT PRETERITE} + Infinitive*] vs. [*Future of Preterite*], in the case of the Future of Preterite. While the expression of the Future of Present does not constitute a variable rule in the speech community investigated – due to the fact that the change has already been established in favor of the analytical variant –, the expression of the Future of Preterite is conditioned by the following factors: syntactic statute of the clause (subordinate clause), verbal paradigm of the main verb (regular verbs), type of state of things (state), type of text (narrative) and age of the informer (youngest age-group). Finally, it is possible to consider that the main contribution of this study was to show the success of approaching the same phenomenon on the interface of two theories of linguistic change: Sociolinguistics and Grammaticalization.

Keywords: *IR+infinitive*, Future, Linguistic variation, Grammaticalization

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

LISTA DE FIGURAS

	p.
Figura 01: Alternância cíclica entre futuro sintético e analítico	24
Figura 02: Escala de categorias cognitivas (HEINE <i>et al.</i> , 1991:157)	41
Figura 03: Classificação das oposições Aspectuais (COMRIE, 1976:25)	67
Figura 04: <i>Cline</i> de Gramaticalidade das categorias do complexo TAM (BYBEE, 1985)	78
Figura 05: <i>Cline</i> de Gramaticalidade de <i>ir+infinitivo</i> pelo critério Frequência (BYBEE, 2003)	138
Figura 06: <i>Cline</i> de Gramaticalidade de <i>ir+infinitivo</i> pelos Critérios de Auxiliabilidade (HEINE, 1993; LOBATO, 1975; LONGO, 1990 e LONGO E CAMPOS, 2002)	142

LISTA DE QUADROS

	p.
Quadro 01: Desenvolvimento histórico das formas de futuro	24
Quadro 02: Parâmetros de Gramaticalização (LEHMANN, 1995 [1982])	40
Quadro 03: Critérios de Auxiliabilidade (LOBATO, 1975; LONGO, 1990; HEINE, 1993; LONGO & CAMPOS, 2002)	52
Quadro 04: Combinação de classificação de tipos de Modalidade (HENGEVELD, 2004) .	74
Quadro 05: Variáveis controladas na constituição da Amostra Censo (GONÇALVES, 2008)	80
Quadro 06: Distribuição dos perfis sociais dos informantes da Amostra Censo	81
Quadro 07: Identificação dos perfis sociais dos informantes da subamostra constituída	81
Quadro 08: Ocorrências prototípicas de <i>ir+infinitivo</i>	139
Quadro 09: Atualização dos Critérios de Auxiliabilidade às ocorrências prototípicas de <i>ir+infinitivo</i>	140

LISTA DE TABELAS

	p.
Tabela 01: Frequência <i>token/type</i> de <i>ir+infinitivo</i>	101
Tabela 02: Fatores linguísticos relevantes para noção <i>Aspectual</i> de <i>ir+infinitivo</i>	103
Tabela 03: Fatores linguísticos que favorecem o predomínio da função <i>Temporal</i> de <i>ir+infinitivo</i>	113
Tabela 04: Fatores linguísticos que favorecem o predomínio da função <i>Modal</i> de <i>ir+infinitivo</i>	121
Tabela 05: Fatores Linguísticos determinantes da função <i>Marcador Discursivo</i> de <i>ir+infinitivo</i>	131
Tabela 06: Fatores Linguísticos determinantes da função <i>Ambígua</i> de <i>ir+infinitivo</i>	134
Tabela 07: Funções de <i>ir+infinitivo</i> alternantes de futuro sintético	146
Tabela 08: Distribuição Geral das variantes de tempo futuro no dialeto do interior paulista	148
Tabela 09: Distribuição Geral definitiva das variantes de tempo futuro no dialeto do interior paulista	149
Tabela 10: Frequência e PR do Futuro do Pretérito analítico com relação à variável <i>Tipo sintático da oração</i>	154
Tabela 11: Frequência e PR do Futuro do Pretérito analítico com relação à variável <i>Paradigma Verbal</i>	156
Tabela 12: Frequência e PR do Futuro do Pretérito analítico com relação à variável <i>Tipo de Estado de Coisas</i>	158
Tabela 13: Frequência e PR do Futuro do Pretérito analítico com relação à variável <i>Tipo de Texto</i>	159
Tabela 14: Frequência e PR do Futuro do Pretérito analítico com relação à variável <i>Idade</i>	162
Tabela 15: Fatores que influenciam a escolha de uma das variantes de Futuro do Pretérito.....	163

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01:	Frequência <i>type</i> de <i>ir+infinitivo</i>	p. 137
Gráfico 02:	Percentual de ocorrências perifrásticas alternantes ou não de futuro sintético	145
Gráfico 03:	Percentual de ocorrências de Futuro do Pretérito analítico e sintético no dialeto riopretano	153

LISTA DE ABREVIATURAS

AC	Amostra <i>Censu</i> ou Amostra Comunidade
AI	Amostra de Interação
DE	Descrição
ME	Momento do Evento
ME(P)	Modalidade Epistêmica de Possibilidade
MF	Momento da Fala
MOA	Modalidade Orientada para o Agente
MOF	Modalidade Orientada para o Falante
MR	Momento ou Ponto de Referência
NE	Narrativa de Experiência Pessoal
NR	Narrativa Recontada
PB	Português Brasileiro
PR	Peso Relativo
RO	Relato de Opinião
RP	Relato de Procedimento
TAM	Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 13
1. A EXPRESSÃO DE FUTURIDADE	17
1.1 A noção de futuridade	17
1.2 Abordagem histórica das formas de futuro	21
1.2.1 Origem do Futuro do Presente	22
1.2.1 Origem do Futuro do Pretérito ou Futuro Condicional	23
1.3 As formas de futuro da atualidade	26
1.3.1 Futuro do Presente (Sintético)	26
1.3.2 Futuro do Pretérito (Sintético) ou Futuro Condicional	28
1.3.3 A construção <i>ir+infinitivo</i>	30
2. SUBSÍDIOS TEÓRICOS	35
1.1 Gramaticalização	35
1.1.1 A constituição de <i>ir+infinitivo</i> sob a perspectiva da Gramaticalização	40
1.1.2 Conexidade, Auxiliaridade e Gramaticalização de <i>ir+infinitivo</i>	45
1.2 Sociolinguística na interface com a Gramaticalização	53
3. A GRAMATICALIZAÇÃO DAS CATEGORIAS VERBAIS E DE IR+INFINITIVO	59
1.1 A categoria verbal Tempo	59
1.1.1 A Manifestação do Tempo na construção <i>ir+infinitivo</i>	63
1.2 A categoria verbal Aspecto	65
1.2.1 A Manifestação do Aspecto na construção <i>ir+infinitivo</i>	69
1.3 categoria verbal Modo/Modalidade	71
1.3.1 A Manifestação de Modo/Modalidade na construção <i>ir+infinitivo</i>	75
1.4 O universal morfológico de Bybee (1985) e a gramaticalização de <i>ir+infinitivo</i> : uma possível correlação	76
4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	79
1.1 O <i>Corpus</i>	79
1.2 Sobre a análise de <i>ir+infinitivo</i>	81
1.2.1 Apuração da multifuncionalidade	81
1.2.2 Grau de gramaticalidade dos <i>types</i> de <i>ir+infinitivo</i>	87
1.2.3 Abordagem Variacionista	88
1.2.3.1 Das restrições da análise quantitativa	90
1.2.3.2 Grupos de Fatores	91
1.3 Da quantificação e análise dos dados	98
5. A PERÍFRASE VERBAL IR+INFINITIVO E O FUTURO DO DIALETO RIOPRETANO	100
I Parte: Multifuncionalidade e Gramaticalização de <i>ir+infinitivo</i>	100
1.1 Função Aspectual	102
1.1.1 Aspecto Imperfectivo Iterativo	105
1.1.2 Aspecto Imperfectivo Inceptivo Semelfactivo	107
1.1.3 Aspecto Imperfectivo Cursivo Semelfactivo	110
1.1.4 Aspecto Perfectivo Semelfactivo	111
1.2 Função Temporal	112
1.2.1 Tempo Futuro Próximo	115
1.2.2 Tempo Futuro do Pretérito	117

1.2.3 Tempo Futuro Remoto	118
1.3 Função Modal	120
1.3.1 Modalidade orientada para o Falante	123
1.3.2 Modalidade orientada para o Agente	125
1.3.3 Modalidade Epistêmica de Possibilidade	127
1.4 Outras funções de <i>ir+infinitivo</i> para além do complexo TAM	129
1.4.1 Função de Marcador Discursivo	129
1.4.2 Função Ambígua	133
II Parte: Grau de Gramaticalização dos <i>types</i> de <i>ir+infinitivo</i>	137
2.1 Frequência como critério	137
2.2 Critérios de Auxiliaridade	139
III Parte: Estudo variacionista: a alternância entre futuro sintético e analítico ..	145
3.1 Um caminho para o estudo variacionista	145
3.2 Análise qualitativa do Futuro do Presente sintético e analítico	149
3.3 Análise quantitativa do Futuro do Pretérito sintético e analítico.....	152
3.3.1 Significância dos grupos de fatores considerados	153
3.3.1.1 Estatuto sintático da oração	154
3.3.1.2 Paradigma Verbal	156
3.3.1.3 Tipo de estado de coisas	157
3.3.1.4 Tipo de Texto	159
3.3.1.5 Idade	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	168

INTRODUÇÃO

A noção de futuridade é tema amplamente discutido no âmbito da pesquisa linguística. Para alguns estudiosos, o fato de o futuro existir apenas como forma de expectativa ou antecipação inviabiliza sua existência material; para outros, afirmar que falta ao futuro um traço de existência não se sustenta em um mundo de tempo relativo para o qual o tempo e o objeto qualificam o que é real (SILVA, 2002). Esses diferentes pontos de vista mostram-nos o quão complexa é a categorização do futuro nas línguas em geral (FLEISCHMANN, 1982; CÂMARA JÚNIOR, 1956; LEECH, 1994; ULTAN, 1978; COSERIU, 1957; CORÔA, 1998, 2005; SILVA 2002, entre outros).

Há autores que defendem que o futuro seria mais bem enquadrado na categoria Modo, outros, na categoria Tempo, divergência que se deve ao fato de a ocorrência do estado de coisas qualificado pelo futuro não ser tão certa quanto a de estados de coisas situados no passado ou no presente, pois, ao enunciar um evento futuro, o falante faz uma predição de um evento que ele acredita ser possível de se realizar em um momento posterior ao momento da fala. Por envolver traços como incerteza, dúvida, probabilidade, possibilidade, essa categoria encontra-se no limiar entre as categorias de Tempo e de Modo/Modalidade.

Esta dissertação tem como tema central a noção de futuridade, e defendemos aqui que não há uma categorização fixa para o futuro. Como nessa noção Tempo e Modo coexistem e estão fortemente imbricados, a categorização de uma determinada forma é sempre mais bem apreendida em termos de traços predominantes (CORÔA, 2005; LONGO, 2000; SILVA, 2002). Se predominam traços asseverativos, prevalecerá a categoria Tempo, mas, se são traços de dúvida/incerteza que predominam, então prevalecerá a categoria Modo.

Dentre as diversas formas de marcar futuridade, selecionamos como objeto de estudo a construção verbal *ir+infinitivo* e suas variantes sintéticas para expressão de Futuro do

Presente e Futuro do Pretérito.

Desenvolvemos nossa pesquisa sob uma perspectiva sociofuncional (NARO & BRAGA, 2000; GORSKI & TAVARES, 2009) em duas etapas. Na primeira etapa, sob o ponto de vista funcionalista da Gramaticalização, buscamos retratar (i) a formação da perífrase *ir + infinitivo*, de uso supostamente instanciado a partir do verbo pleno *ir* com valor de deslocamento espacial, que, ao longo do tempo, passou a desenvolver também a função de verbo auxiliar marcador de futuridade, dentre outros valores, e (ii) a multifuncionalidade da perífrase, já que, além do valor de futuridade, a perífrase expressa, sincronicamente, valores aspectuais, modais e de marcador discursivo. Advogamos que a multifuncionalidade de *ir+infinitivo* é decorrente de seus diferentes estágios de gramaticalização e, para buscarmos comprovação para essa hipótese, aferimos o grau de gramaticalidade de cada *type* de *ir+infinitivo*, sob a expectativa de que, conforme *ir+infinitivo* se gramaticaliza, as funções semântico-pragmáticas que vão se atualizando durante esse processo seguem a mesma hierarquia proposta por Bybee (1985) para a ordenação universal de ocorrência de morfemas flexionais TAM (Aspecto > Tempo > Modo) em relação ao radical do verbo. Essa correlação é possível de ser feita, tendo em vista a equivalência funcional entre auxiliares e morfemas flexionais, conforme mostraremos no capítulo 03.

Na segunda etapa da pesquisa, sob o enfoque da Sociolinguística, buscamos verificar a viabilidade de um tratamento variável da expressão de futuridade no dialeto riopretano, revelado por condicionantes linguísticos e sociais, particularmente entre os usos alternantes sintético e analítico de [*IR_{PRESENTE IND.} + Infinitivo*] vs. [*Futuro do Presente*] e de [*IR_{PRETÉRITO IMPERFEITO} + Infinitivo*] vs. [*Futuro do Pretérito*]. É nosso interesse verificar se é possível tratarmos o futuro como fenômeno variável no dialeto do interior paulista ou se já estamos diante de um caso de mudança instaurado em favor da variante analítica. A comprovação empírica toma por base amostras de fala provenientes do banco de dados Iboruna, de

responsabilidade do projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista (GONÇALVES, 2007).

O ponto de junção que justifica uma abordagem sociofuncional do fenômeno em questão remete ao princípio da Estratificação proposto por Hopper (1991), claramente atualizado na coexistência, dentro do domínio funcional de futuridade, de formas alternantes de futuro sintético e de futuro analítico, possivelmente variantes de uma mesma variável, como pretendemos mostrar.

Nosso trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos. No primeiro deles, intitulado *A expressão de futuridade*, discutimos a origem das formas de futuro, a problemática de sua categorização, o processo evolutivo cíclico entre formas analíticas e sintéticas e, por fim, as formas de codificação de futuridade na sincronia atual, dando ênfase à construção verbal *ir+infinitivo* e suas variantes sintéticas.

No segundo capítulo, *Subsídios Teóricos*, apresentamos conceitos e definições clássicos das perspectivas da Gramaticalização e da Sociolinguística a fim de embasarmos teoricamente nosso objeto de estudo. Ao tratarmos da perspectiva da Gramaticalização, detemo-nos ainda no conceito de auxiliaridade e nos critérios comumente usados para a identificação de um auxiliar prototípico.

No terceiro capítulo, *A gramaticalização das categorias verbais e a gramaticalização de ir+infinitivo*, tratamos das categorias verbais de Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade (TAM), considerando a proposta de Bybee (1985) sobre a ordem universal dos morfemas flexionais em relação ao radical e a conseqüente gramaticalização das categorias verbais. Hipotetizamos, com base em indícios obtidos na análise sincrônica dos dados, que a trajetória de gramaticalização de *ir+infinitivo* ocorre no interior de um processo mais amplo de gramaticalização de categorias verbais.

No quarto capítulo, *Procedimentos de Análise*, descrevemos a metodologia de que nos

valemos para a realização de cada uma das etapas de nossas análises: a checagem da multifuncionalidade de *ir+infinitivo*, a aferição do grau de gramaticalidade de cada uma das funções de *ir+infinitivo* e a análise sociolinguística do fenômeno.

No quinto e último capítulo, *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano*, dedicamo-nos à exposição, análise e interpretação dos resultados: apresentamos as funções identificadas para as construções de *ir+infinitivo* e os fatores determinantes de cada uma das funções, definimos, por meio dos critérios frequência (BYBEE, 2003) e de auxiliaridade (LOBATO, 1975; LONGO, 1990; HEINE, 1993; LONGO & CAMPOS, 2002), o grau de gramaticalidade de cada uma das funções da construção verbal em estudo e, por fim, realizamos a análise variacionista.

Os quadros, gráficos, figuras, tabelas e exemplos de ocorrências têm numeração contínua em todo o trabalho. Na análise que leva em conta a multifuncionalidade da construção *ir+infinitivo* são considerados apenas os grupos de fatores que foram determinantes de funções e, na análise Sociolinguística, os grupos de fatores são apresentados na ordem de relevância apontada pelo programa GoldVarb. Os grupos de fatores não selecionados não foram levados em consideração na análise, mas tiveram suas justificativas expostas no quarto capítulo *Procedimentos de Análise*.

A EXPRESSÃO DE FUTURIDADE**1. A expressão de futuridade**

No presente capítulo, apresentamos considerações sobre a noção de futuridade e propomos, com base em estudos sobre o tema, possíveis trajetórias que expliquem a origem de formas futurizadas. Abordamos também o processo de codificação do futuro desde o proto-indo-europeu até as línguas românicas, discutimos a alternância cíclica entre futuro sintético e analítico e, por fim, enfocamos as formas de futuro empregadas na atualidade no português brasileiro (PB).

1.1 A noção de futuridade

A categoria verbal de tempo futuro apareceu relativamente tarde nas línguas indo-europeias. Foram criações secundárias resultantes da gramaticalização de formas inicialmente modais (CÂMARA JÚNIOR, 1956, p. 21). É também uma categoria mais abstrata; não está no mesmo plano significativo e funcional em que se encontram as formas de presente ou passado. De acordo com Givón (1995), passado e presente enquadram-se na modalidade *realis*, já que apresentam como garantida a ocorrência do evento em um tempo específico. Já o futuro, para o autor, representa um valor temporal dos fatos ainda não experienciados; estaria, portanto, no âmbito do *irrealis*, pois retrata a possibilidade de um evento vir-a-ser.

Por serem passíveis de determinação, passado e presente seriam categorias de naturezas mais concretas, factuais; já as generalizações indutivas e predições, próprias do futuro, relegariam-no ao plano do *irrealis*, de natureza cognitiva mais abstrata, hipotética e, portanto, mais complexa do que a das demais categorias. Essas noções inerentes ao futuro podem explicar seu pouco emprego na fala popular de qualquer língua, sua inexistência nos

crioulos e a internalização mais tardia de sua noção e codificação pelos falantes (IORDAN, 1967 *apud* BALEEIRO, 1988, p. 16), o que de fato parecer ser verdade para todas as línguas do mundo, uma vez em que, no processo de aquisição da linguagem, crianças adquirem o significado de futuro mais tardiamente do que o de passado ou o de presente (FLEISCHMANN, 1982).

Interessante ainda é que, pelo fato de o futuro se enquadrar na modalidade *irrealis*, não é possível enquadrá-lo inequivocamente na categoria TEMPO, como presente ou passado se enquadram. Pelo fato de não ser um tempo determinado, mas uma projeção do querer e da expectativa do falante, infere-se também da expressão de futuridade uma leitura modal, o que aponta para o problema da sua categorização: trata-se de Tempo ou Modo?, problemática discutida por vários autores. De acordo com Leech (1994 *apud* CORÔA, 1998), a não-certeza dos acontecimentos futuros provoca uma interferência da atitude do falante no emprego das formas verbais de futuro. Nas palavras do autor,

nós não podemos estar tão certos da realização de acontecimentos futuros como estamos com eventos passados ou presentes, e, por essa razão, até o prognóstico mais seguro deve indicar algo sobre a atitude do falante e está, por isso, matizado pela modalidade (LEECH, 1994, p.57 *apud* CORÔA, 1998, p. 130).¹

Para Câmara Jr. (1956, p. 25), o futuro teria surgido menos como tempo do que como modo. Segundo o autor, o impulso linguístico que criou um futuro gramatical não foi o de situar um processo como posterior ao momento da fala, mas o de assinalar uma atitude do sujeito falante em relação a um processo posterior ao momento da enunciação. Já Coseriu (1957 *apud* FLEISCHMANN, 1982) afirma que o valor modal das formas de tempo futuro deriva de um conceito de futuro como uma tela temporal, na qual o homem projeta uma

¹ we cannot be as certain of future happenings as we are of events past and present, and for this reason, even the most confident prognostication must indicate something of the speaker's attitude and so be tinged with modality. (LEECH, 1994, p.57 *apud* CORÔA, 1998, p.130)

variedade de noções essencialmente modais: volição, obrigação, possibilidade, incerteza etc, fixadas no presente. Ultan (1978, p.105 *apud* FLEISCHMANN, 1982), por sua vez, salienta a dimensão de possibilidade e de incerteza do futuro, postulando que a tendência do futuro de migrar para um território modal está ligada ao fato de que categorias modais epistêmicas envolvem vários níveis de incerteza, que se correlacionam com o fator incerteza inerente a qualquer evento futuro. Jespersen (1958 *apud* CORÔA, 2005) postula que todas as formas de se manifestar futuridade são matizadas pela modalidade e que esse tipo de expressão é menos definido, porque não sabemos tanto do futuro como sabemos do passado; não se pode negar algo tão categoricamente como se pode no passado, pois o futuro é apenas uma possibilidade.

No PB, no âmbito da tradição gramatical, essa dúvida parece não existir, uma vez que os gramáticos apenas categorizam o Futuro como tempo verbal; até chegam a mencionar traços como *certeza, probabilidade, dúvida, obrigação* ligados ao uso do Futuro, mas não é feita nenhuma relação explícita com a categoria da modalidade. Nessa abordagem, aparecem, assim, desvinculadas as categorias de tempo e modo, porém negar esse vínculo nas formas verbais de Futuro é negar o grau de modalização implícito nas próprias características desse tempo verbal. A esse respeito, Silva (2002) assim se pronuncia:

o tempo futuro vivido internamente é essencialmente modal e sua constante antecipação o traz para o presente em forma de intenção, desejo, obrigação. Ao se exteriorizar, ele não é puramente temporal. Entretanto não é apenas modal, é temporal também. A simples manifestação de uma intenção já o torna temporal. (SILVA, 2002, p. 52)

A nosso ver, na codificação da futuridade, tempo e modo/modalidade não se excluem; ao contrário disso, estão fortemente imbricados e devem ser reconhecidos em termos de traços predominantes: quando uma forma de futuridade é empregada com um valor asseverativo, sobressai-se o valor temporal; quando é empregada apoiando-se mais na crença do falante, os valores modais são mais perceptíveis. Tal constatação vai ao encontro do postulado de Corôa (1998, p. 143), para quem os usos modais das formas de futuro jogam com a virtualidade

inerente ao vir-a-ser, com a ideia de possível, e os usos temporais se ligam à oposição que o futuro instaura com passado e presente, e isso se dá quando consideramos que a possibilidade se avizinha da certeza.²

Outro aspecto bastante relevante relacionado às formas futurizadas diz respeito a sua *instabilidade saliente*. De acordo com Fleischmann (1982, p. 23), uma característica quase universal das formas de futuro é que elas estão propensas à mudança semântica. Elas evoluem, tipicamente, dentro de domínios modais ou aspectuais, e, em algum ponto, determinadas formas adquirem valor temporal. Em um segundo estágio, uma vez que a forma obteve a função de futuro, ela adquire colorações modais que, se suficientemente proferidas, podem eventualmente suplantar o valor temporal da forma.

Semelhante às postulações de Fleischmann são as de Bybee *et al.* (1991, p. 19), os quais, a partir de um estudo tipológico, postulam que o futuro pode se desenvolver de quatro caminhos independentes entre si, a saber:

- (i) a partir de **formas aspectuais**: formas cuja principal função é marcar imperfectivo e, em casos raros, perfectivos, podem passar a ser usadas para indicar tempo futuro;
- (ii) a partir de **modalidades orientadas para o agente**: verbos ou construções com significado orientado para um agente, como o significado de “desejo” ou “obrigação” e, menos comumente, de “habilidade”, podem se desenvolver, como um de seus usos, em formas de futuro;
- (iii) a partir de **verbos de movimento**: verbos ou construções que assinalam movimento em direção a uma meta podem dar origem a formas de futuro;
- (iv) a partir de **advérbios temporais**: advérbios indicando um tempo após o momento da fala ou um tempo referencial podem ser desenvolver em formas de futuro.

Independentemente da trajetória de desenvolvimento seguida por uma forma de futuro, é imprescindível concebê-la não apenas como uma referência temporal futura, mas também como uma forma que, usada para assinalar uma *predição* (BYBEE *et al.*, 1991), carrega sempre consigo valores modais.

² Aprofundaremos um pouco mais esse conceito de formas de futuro modais e temporais quando tratarmos da alternância entre futuro sintético e analítico na seção 1.2 deste capítulo.

1.2 Abordagem histórica das formas de futuro

De acordo com Fleischmann (1982, p. 32), no proto-indo-europeu, não havia, presumivelmente, paradigma de futuro explícito. A referência ao tempo era assinalada por advérbios ou elementos nominais, e as formas verbais associadas a esses elementos tinham valores aspectuais. No indo-europeu, algumas formas já existentes no sistema linguístico, pressionadas pelo uso, passaram a codificar a noção de futuridade. Esses itens teriam se originado de dois tipos de modificação do presente do indicativo: (i) tipo subjuntivo sintético, com a adição de *-e/-o*; e (ii) tipo analítico optativo (perifrástico), formado pela adição de um elemento *-ye/-i*, que tinha significado aproximado ao de IR. Além da diferença formal, essas formas tinham também diferença semântica: a primeira remetia a um futuro mais vívido e a segunda, a um futuro mais remoto.

Em latim, segundo Fleischmann, a referência a eventos futuros era realizada por uma variedade de estratégias, em construções tanto sintéticas quanto analíticas, que envolviam categorias de tempo, aspecto e modo. Nas línguas românicas, deu-se a formação do paradigma de futuro sintético, presente e pretérito, tal como se apresenta até os dias de hoje. Ambos os tipos de futuro teriam tido uma formação semelhante; originaram-se, por um processo de gramaticalização, de construções infinitivas com *habere* no presente do Indicativo, no caso do futuro simples, e de construções infinitivas com *habere* no imperfeito do Indicativo, no caso do condicional (Futuro do Pretérito). O primeiro desenvolvimento teria servido de modelo para o último (TAGLIAVINI, 1949; NUNES, 1989 *apud* OLIVEIRA, 2003, 2004). A seguir, apresentamos possíveis trajetórias para a formação do futuro sintético, segundo alguns estudiosos da área.

1.2.1 Origem do Futuro do Presente

De acordo com Câmara Jr. (1956, p. 29), o latim apresentava, a partir do século III a.C., três formas de expressar tempo futuro, todas elas sintéticas: (i) futuros arcaicos, como *faxo* e *capso*, que remontavam aos futuros em *-so*, do grego e do osco-umbro, e em *-syá*, do sânscrito; (ii) formas de origem subjuntiva, como *ero*, *legam* e *uenies*; (iii) formas em *-bo*, como *cantabo*, de raiz indoeuropéia *-bhwe*. Contudo, a partir do latim vulgar, essas formas tornam-se menos frequentes, talvez, como salienta Coutinho (1969), pela semelhança de algumas delas com o perfeito do indicativo, o que ocasionava equívocos, com sobreposições de valores em formas diferentes. Formas perifrásticas passaram a ser usadas com nuances modais, como dubitativo, volitivo, desiderativo, hipotético, tipicamente associadas ao valor de futuridade (OLIVEIRA, 2006).

A primeira construção perifrástica de referência futura teria se formado, de acordo com Fleischmann (1982, p. 35), pelas combinações do participio futuro ativo em *-urus* com formas de *sum*: *facturus sum*, *eram*, *ero* etc. O valor mais comum descrito para essas construções era o de *iminência*. Além dele, outros sentidos são também apontados, como *intencionalidade* e/ou *destino*, *posterioridade*, *futuridade*, *ulterioridade*. Esse grupo verbal teria se formado, no período pós-clássico, quando *-urus* se desenvolveu de um marcador aspectual prospectivo para um marcador tanto aspectual quanto temporal de futuro/posterior. Nessa última função, a estrutura analítica com *-urus* competiu com uma forma sintética temporal apenas em contextos não-passados (*amaturus sum* vs. *amabo*). Mas a construção com *-urus* foi destinada também a competir, segundo Fleischmann, com uma estrutura emergente no infinitivo com *habere*, que assumiria suas funções inteiramente. Essa construção com *habere* flexionado no **presente + verbo principal no infinitivo** é a que daria origem, posteriormente, ao Futuro do Presente na sua forma sintética. Segundo Coutinho (1969), havia, a princípio, certa liberdade na colocação do infinitivo, que podia vir antes ou

depois de *habere*. É somente no último período do latim vulgar, ou na primeira fase do romance que, segundo o autor, passa o infinitivo ao primeiro lugar no grupo verbal. Essa construção tinha, inicialmente, um valor modal deôntico (*cantare habeo* = *hei de cantar, devo cantar*); sua consolidação, de acordo com Câmara Júnior (1956, p. 32), facilitou a aglutinação do auxiliar ao infinitivo, quando então a forma adquire o valor de “futuro puro”. Surge, pois, o futuro românico sintético: *cantare habeo* > *cantare hei* > *cantarei* (port.), *chanterai* (fr.), *cantaré* (esp.), *canteró* (it.).

1.2.2 Origem do Futuro do Pretérito ou Futuro Condicional

De acordo com Coutinho (1969), o valor de Futuro do Pretérito era aferido, no latim clássico, pelo pretérito imperfeito do subjuntivo na apódose de uma construção condicional. No latim vulgar, contudo, começaram a aparecer, para exprimir essa noção, perífrases verbais formadas pelo infinitivo de um verbo principal mais o imperfeito do indicativo de *habere* (*habebam cantare/cantare habebam*). Segundo Câmara Jr. (1956, p. 44), a emergência dessas construções foi motivada pela necessidade de se introduzirem ideias modais de desejo, vontade, obrigação etc. Teria sido essa necessidade que criou, segundo o autor, uma categoria de futuro dentro do presente, abarcando o porvir, e que também fixou um futuro no âmbito do pretérito.

Como a frequência de uso dessa forma aumentava sistematicamente, o imperfeito de *habere* passou por crescentes alterações: as formas originais *habebam, habebas, habebat* etc sofreram dissimilação e tornaram-se **abeam, *abeas, *abeat* etc. Assim, o imperfeito ficou reduzido a *-*éam, -*éas, -*éat, -*éamus, -*éatis, -*éant*, que se formaram em *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam*. (COUTINHO, 1969, p. 277). A evolução dessas formas verbais pode ser assim exemplificada: *Cantare habebam* > *cantarabéam* > *cantaréam* > *cantaria*.

Interessante também apresentar a hipótese de Oliveira (2003, 2004) sobre a formação

do condicional em português. A autora prevê duas formas concorrentes para a gênese do condicional: *amar havia* (semelhante à gênese do futuro simples *amar hei*) e *amar ia*; essas formas teriam passado por um estágio de competição, em que apenas a perífrase com auxiliar *ir* pôde reduzir-se fonologicamente, o que teria permitido sua aglutinação ao infinitivo e sua consequente transformação em afixo. Assim, o processo de gramaticalização que teria dado origem ao futuro românico, embora semelhante, envolveria, de acordo com a autora, auxiliares diferentes: *haver* para o futuro simples (*amar + hei*) e *ir* para o condicional (*amar + ia*).³

O desenvolvimento histórico das formas de futuro encontra-se resumido no quadro 01, dado a seguir.

Proto-Indo-Europeu	Indo-Europeu	Latim Clássico	Latim Vulgar	Românico
<ul style="list-style-type: none"> • Não havia paradigma de futuro explícito; • Referências temporais futuras feitas por adverbiais ou elementos nominais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Formas já existentes passam a codificar futuro (modificadores do presente do Indicativo); • Formas sintéticas e analíticas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Futuro do Presente: atualizado por três formas sintéticas (destaque <i>-bo</i>). • Futuro do Pretérito: aferido pelo pretérito imperfeito do subjuntivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Futuro do Presente: <i>-bo</i> vs. <i>-urus sum</i>; <i>-urus sum</i> vs. <i>habere</i> PRES. + INF. • Futuro do Pretérito: <i>habere</i> PRET.IMPER.IND+ INF. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>habere</i> PRES.IND. + INF. → Futuro do Presente sintético em <i>-rei</i>; • <i>Habere</i> IMPERF.IND. + INF → Futuro do Pretérito sintético em <i>-ria</i>.

Quadro 01: Desenvolvimento histórico das formas de futuro

Atualmente, o futuro sintético encontra-se em franco desuso no Português Brasileiro (PB) e vem sendo substituído pela variante analítica *ir+infinitivo*. Essa alternância *futuro sintético* ~ *futuro analítico* constatada atualmente não é um fato inédito: remonta a todo um processo cíclico explicável, de acordo com Fleischmann (1982), pela questão modal/temporal.

Formas sintéticas e analíticas do indo europeu > Formas sintéticas no latim clássico > Formas analíticas no latim vulgar > Formas sintéticas nas língua românicas > Formas analíticas nas língua modernas

Figura 01: Alternância cíclica entre futuro sintético e analítico

³ A origem do futuro condicional é amplamente discutida por vários autores, contudo não se constitui foco de nossa pesquisa, já que não é nosso intuito uma investigação diacrônica dos dados.

Segundo Fleischmann, num processo evolutivo cíclico, um sintagma verbal analítico aglutina-se a um verbo pleno (forma sintética), conforme mostra o quadro (01) da página anterior. Quando essa nova forma sintética se fortalece temporalmente, enfraquece-se modalmente, fazendo, assim, surgir a forma perifrástica novamente, na qual as noções modais são mais evidentes. Nas palavras da autora:

quanto mais uma forma se torna temporalizada, mais fraca é sua força modal e vice-versa. Se as trocas estão balanceadas suficientemente na direção da temporalidade, falantes podem, eventualmente, se sentir motivados a procurar novas formas – frequentemente perífrases que combinam um auxiliar modal e um verbo pleno – para restaurarem a modalidade que foi perdida no processo de temporalização (FLEISCHMANN, 1982, p. 31).⁴

Tal comportamento das formas de futuro pode ser explicado por uma possível correlação entre as dimensões semânticas e morfossintáticas na evolução do futuro: as formas que, em primeiro lugar expressam temporalidade são sintéticas e as que expressam modalidade são analíticas (SILVA, 2002).

Já para Câmara Jr. (1956), a expansão das variantes analíticas de futuro também estaria relacionada com mudanças na ordem das palavras. De acordo com o autor, o latim, fixando gradativamente a ordem SVO, perdeu formas sintéticas e ganhou formas perifrásticas. Com relação à mudança na ordem de palavras, Fleischmann (1982) assim se pronuncia:

a mudança da ordem básica de palavras de SOV para SVO, como ocorreu no latim, pode explicar a perda do sistema morfológico de casos e o surgimento de construção com verbos auxiliares cujos componentes são agora ordenados como AUX + V. (FLEISCHMANN, 1982, p. 04).⁵

É possível ainda explicar a alternância cíclica de futuro sintético e analítico

⁴ the more temporalized a given form becomes, the weaker its modal force, and vice versa. If the balance shifts sufficiently in the direction of temporality, speakers may eventually be motivated to seek out new forms – frequently periphrases combining a modal auxiliary and a full verb – through which to restore the modality that has been lost in the process of temporalization (FLEISCHMANN, 1982, p. 31).

⁵ a basic word-order shift from SOV to SVO, such as occurred in Latin, would predictably entail the loss of a suffixed case system and the rise of auxiliary verb constructions whose elements are now ordered AUX + V. (FLEISCHMANN, 1982, p. 04)

recorrendo-se ao *princípio do uniformitarismo* proposto por Labov (1972). Segundo tal princípio, as forças que operam para produzir a mudança linguística num tempo presente são do mesmo tipo e ordem de grandeza daquelas que operaram no passado. Assim, a motivação atual para que, na expressão de futuro, falantes empreguem mais forma analítica do que sintética seria a mesma que desencadeou, no latim vulgar, a utilização de perífrases com *habere* em lugar de futuro sintético em *-bo*: a expressão primeira da modalidade.

1.3 As formas de futuro da atualidade

Elaborando um recorte sincrônico do PB contemporâneo, encontramos diversas maneiras de se expressar a noção de futuridade. Embora as Gramáticas Normativas apresentem apenas o futuro sintético (Presente e Pretérito) e o Futuro do Subjuntivo como formas de futuro, há também, para exprimir essa noção, o Presente do Indicativo (“tempo zero”) e as formas perifrásticas (futuro analítico): *ir+infinitivo*, *ter de/que+infinitivo*, *estar para+infinitivo*, *haver de +infinitivo* e *querer/poder/dever+infinitivo*.

Por uma questão de delimitação de nosso objeto de pesquisa, nosso estudo focaliza a perífrase verbal constituída por *ir+infinitivo* e suas variantes sintéticas: Futuro do Presente e Futuro do Pretérito, a seguir, descritas brevemente.

1.3.1 Futuro do Presente (Sintético)

O Futuro do Presente, de acordo com as Gramáticas Tradicionais, expressa uma ação que ainda está por ser realizada. Trata-se de um fato certo ou provável, posterior ao momento da fala (CUNHA & CINTRA, 1985). Bechara (1978, p. 279) apresenta outras funções para o Futuro do Presente: pode ser usado em lugar do Presente simples para indicar incerteza ou ideia aproximada (*Ele **terá** seus vinte anos*) ou ainda em lugar de Imperativo, exprimindo ordem ou recomendação (***Defenderás** os teus direitos*). Encontram-se também referências de

que tal tempo verbal pode exprimir *certeza, probabilidade (incerteza, dúvida), obrigação*, sem a relação, entretanto, desses valores com a disposição mental do falante, ou seja, com valores modais. É nesse ponto que a Gramática Tradicional deixa uma lacuna, já que qualquer que seja a descrição desse tempo verbal não se pode deixar de lado a importância das sobreposições modais.

Para Said Ali (1964, p. 132), o Futuro do Presente expressa fatos ainda inexistentes, mas que têm possibilidade de se realizar posteriormente ao momento da fala.

Baleeiro (1988, p. 07) postula o Futuro do Presente como um futuro categórico, perfeitamente determinado, um futuro fora do plano hipotético, porque seu valor é afirmativo, não condicional. Imbs (1960) apresenta-o como uma época quase autônoma e adequada ao anúncio profético; nas palavras do autor:

o Futuro do Presente destaca-se nitidamente do presente, com o qual ele opera uma ruptura; representa um etapa verdadeiramente nova no interior de uma série de processos do qual ele faz parte. (IMBS, 1960, p. 45, *apud* BALEEIRO, 1988, p. 13)

Como se pode notar, para Imbs, no futuro simples, a ação é vista em si mesma e por si mesma, sem considerar qualquer começo de execução no presente, e é exatamente essa a diferença, para o autor, entre futuro sintético e analítico: enquanto neste há um sentimento de continuidade com a época presente, naquele há uma ruptura; trata-se de uma época independente. Esse conceito é também defendido por Câmara Júnior (1956) e por Fleischmann (1982) como será visto mais adiante.

Posicionamento diferente é o adotado por Corôa (1998), para quem não há uma distinção entre Futuro do Presente sintético ou analítico com relação a uma maior ou menor proximidade temporal com o momento da enunciação. Para a autora, ambas as formas são usadas para expressar a avaliação que o falante faz, em um tempo presente, a respeito de um estado de coisas que ocorrerá em um tempo posterior ao momento da enunciação; em outras

palavras, postula uma associação direta entre presente e Futuro do Presente, seja ele sintético ou analítico. Para a autora,

o Futuro do Presente traz a futuridade para próximo do presente (...) e pela íntima relação com a modalidade, a perspectiva temporal na qual se insere a interlocução – um "olhar" avaliativo do aqui e agora da enunciação sobre algo a acontecer no futuro – associa-se, neste caso, o MR (momento/ponto de referência) ao MF (momento da fala) (CORÔA, 1998, p. 138).

Para Fleischmann (1982, p. 18), o que diferencia a interpretação temporal de Futuro simples e Futuro do Presente analítico é a noção de *relevância do presente*, que, segundo a autora, ocorre em formas futurizadas (analíticas) e as torna tempos verbais relativos ao presente psicológico do falante, e não ocorre no Futuro simples, o que o torna um tempo absoluto. Já Corôa (1998) afirma que ambas as formas, analíticas e sintéticas de Futuro do Presente, trazem a futuridade para próximo do presente, sendo, portanto, tempos absolutos. Em nosso trabalho, adotamos o posicionamento de Fleischmann, pois, a nosso ver, o Futuro do Presente analítico possui sim um aspecto de continuidade em relação ao presente, conforme mostraremos, mais adiante, quando esboçarmos um paralelo entre a construção verbal *ir+infinitivo* e a construção *be going to* do inglês, continuidade que está ausente no futuro simples (cf. seção 1.3.3).

1.3.2 Futuro do Pretérito (Sintético) ou Futuro Condicional

A definição mais comumente encontrada, nos manuais de gramática normativa, acerca do Futuro do Pretérito é a de um futuro incerto ou hipotético que depende de outro acontecimento para se realizar (SARMENTO, 2005, p. 253). Bechara (1978, p. 279) elenca alguns usos mais específicos para esse tempo verbal, tais como: (i) asseveração em relação ao passado ou admiração por um fato ter se realizado (*Eu teria ficado satisfeito com as tuas cartas; Seria isso verdadeiro?*) e (ii) incerteza (*Haveria na festa umas doze pessoas*). Outra definição bastante comum para o Futuro do Pretérito é a de um futuro em relação a um tempo

passado.

Como se pode notar, nenhuma referência explícita é feita ao valor modal do Futuro do Pretérito, embora se afirme sua utilização para expressar que um fato se dará sob certas condições. Para Corôa (1998, p. 152), o emprego do Futuro do Pretérito inscreve-se em um dizer ainda mais carregado de incertezas do que Futuro do Presente e por isso, funções modais são nele ainda mais evidentes. Fleischmann (1982, p. 26) afirma que, em todas as línguas, formas condicionais exibem tanto uma função temporal de marcar um evento como posterior a alguma referência passada, quanto uma função modal de expressão de contrafactualidade ou ação hipotética. Câmara Júnior (1956, p. 46-56) também reconhece a existência de um Futuro do Pretérito temporal e modal e afirma que o genuinamente temporal é favorecido pelo discurso indireto, pois, por meio dele, focaliza-se, no passado, uma atividade *dicendi* e o evento seguinte seria o pós-pretérito; o modal se faria sentir com mais força em construções condicionais. Hengeveld (comunicação pessoal) também concorda com a coexistência temporal/modal do futuro do pretérito, pelos mesmos argumentos apresentados por Corôa (1998) e Câmara Júnior (1956), e acrescenta que o valor temporal é apenas de futuro, o traço de pretério só existe por simples cópia do verbo da oração matriz.⁶

A nosso ver, por estar claro que, em qualquer língua, temporalidade e modalidade coocorrem em formas de futuro, a determinação de um ou outro valor deve ser concebida em termos de predominância: no caso do Futuro do Pretérito, seu valor será predominantemente temporal quando marcar um evento posterior a algum ponto de referência passado e isso geralmente ocorrerá por meio de um discurso indireto; e será predominantemente modal, quando expressar desde polidez, dúvida, probabilidade até uma ação hipotética em construções condicionais.

⁶ Comunicação pessoal, por ocasião da defesa de Mestrado desta dissertação, realizada na UNESP/IBILCE, em 16/07/2010.

1.3.3 A construção *ir+infinitivo*

Pontes (1973) elenca algumas características da construção verbal constituída de *ir+infinitivo*, a saber:

- só se combina com o infinitivo impessoal, não admitindo orações com *que* nem sujeito diferente para o infinitivo. São exemplos de Pontes:

(01) a. *João vai estudar./Os meninos vão estudar.*
 a'. **João vai que estude./* João vai Paulo estudar.*

- não apresenta restrição seletiva, ou seja, admite qualquer tipo semântico de sujeito e de verbo principal, como em (02); restrições de seleção se verifica entre o sujeito e o verbo principal, sem qualquer interveniência do verbo *ir*, como mostra (03).

(02) a. *A pedra vai quebrar.* [sujeito -animado]
 b. *A sinceridade vai assustar o menino* [sujeito -animado, +abstrato]
 c. *Vai chover.*

(03) **A pedra vai estudar.*

Segundo Pontes, o verbo *ir* que se constrói com infinitivo se distingue do outro *ir* que se completa com adjunto adverbial de lugar, não só semanticamente, em que o primeiro indica futuramente e o segundo, movimento espacial, mas também sintaticamente. Sintaticamente, *ir + infinitivo* não pode ser precedido de *ter + -do* e *estar + -ndo* ((4a-b)), ao passo que, como verbo pleno, o pode ((05)). Semanticamente, *ir+infinitivo* não apresenta restrição de seleção, como mostrado em (02) e (03) acima, enquanto *ir*, como verbo pleno, não se combina com sujeitos não-agentes⁷ ((06)).

⁷ A autora, na verdade, aponta essa restrição para nomes abstratos (e não sujeitos não-agentes). Repare-se, entretanto, que não é a propriedade abstrato que restringe a combinação com *ir* verbo pleno. Mesmo nomes concretos desprovidos do traço agentividade não podem se combinar com *ir* na codificação de movimento (**A árvore vai ao centro da cidade*).

- (04) a. *João vai saber a lição.*
 b. **João está indo saber a lição.*
 c. **João tem ido saber a lição.*
- (05) a. *João tem ido à escola.*
 b. *João está indo à escola.*
- (06) **A sinceridade vai para casa.*

Segundo Pontes, além de *ir*₁, formador de perífrase, e *ir*₂, verbo pleno, terem restrições de seleção diferentes, possuem também traços contextuais diferentes. *Ir*₁ deve ser marcado como verbo intransitivo, como *parecer*, que tem uma oração como sujeito. Já *ir*₂ deve ser marcado como verbo que não admite sujeito não-agente (nem oracional, portanto) e pode ter como complemento um adjunto adverbial de lugar (direção) codificado por meio de um SN ou SP. Argumenta ainda Pontes que *ir*₂ pode ter também como complemento uma oração, e neste caso, estaremos diante de uma ambiguidade, como no contexto dado em (07).

- (07) *João vai estudar.* (ir₁ ou ir₂? Locomoção ou Futuridade?)

Essas análises de Pontes são bastante passíveis de contestação, como também o é a sua conclusão de que *ir*₁ e *ir*₂ são casos de homonímia. Parece-nos, no mínimo, estranho, nos casos de perífrases, falar em complemento, como sugere a autora em (07). Voltaremos a essa problemática um pouco mais adiante.

Almeida (1980) sugere que, para a formação da perífrase verbal *ir+infinitivo*, o verbo pleno *ir*, por um processo de gramaticalização (cf. seção 2.1.3 deste trabalho), sofreu um esvaziamento semântico de seu sentido original de deslocamento, e foi recategorizado como verbo auxiliar, passando a compor um todo significativo com o verbo principal (auxiliado). Esse esvaziamento era também previsto por Said Ali (1964, p. 338), que defendia que, na realização da forma composta *ir+infinitivo*, o verbo *ir*, sem sentido de deslocamento de um

ponto para outro, atua como auxiliar, expressando com o infinitivo “um ato cuja realização próxima prometemos com firmeza, falando de nós mesmos, ou damos como certa, falando de outrem”. Silva (2002) alerta que, embora haja esse esvaziamento semântico, é o movimento implícito em *ir* que dá idéia de posterioridade. Essa idéia de movimento temporal é, entretanto, mais abstrata que a idéia de deslocamento espacial.

Bybee & Pagliuca (1987) afirmam que é a partir do século XVII que a construção *be going to* do inglês, funcionalmente semelhante a *ir+infinitivo* em português, perdeu sua noção de deslocamento para expressar um “movimento em direção a uma meta” num sentido mais figurativo, já que o valor modal passou a fazer parte dessa construção. Os autores afirmam que não importa o sentido de movimento no tempo e no espaço transmitido pela construção perifrástica; o que é válido é sempre entendê-la como já em progresso, isso porque a maioria das construções que envolvem *go* sempre tem um aspecto imperfectivo ou contínuo.

Almeida (1980), baseando-se em Câmara Jr. (1970), defende que o infinitivo, por ser a forma mais indefinida do verbo, não possui implicadas as noções gramaticais de tempo, aspecto e modo. Entretanto, possui em si uma ação de caráter prospectivo orientada para o futuro. É com base nesse mesmo argumento que Silva (2002) conclui que tanto o caráter prospectivo do infinitivo quanto a idéia de movimento do auxiliar contribuem para a expressão de futuridade das formas perifrásticas.

Essas considerações parecem-nos suficientes para colocar em xeque a proposta de Pontes (1973) de tratar, no PB, o verbo *ir* pleno e auxiliar como caso de homonímia, e não de polissemia, haja vista o traço semântico [movimento] do verbo pleno que permanece no auxiliar.

Vários significados são atribuídos ao uso da perífrase verbal *ir+infinitivo*, a saber: (i) futuro próximo ou imediato, (ii) futuro iminente, (iii) futuro intencional, (iv) presente inceptivo, (v) futuro ulterior. Para Fleischmann (1982, p. 18), todos esses significados são

vagos e se sobrepõem. O mais importante a ser considerado ao se tratar de perífrases é a “relevância do presente”, ou seja, o evento futuro deve ser visto pelo falante como oriundo do presente. É essa consideração de Fleischmann que permite diferenciar o futuro analítico do sintético. Compartilha esse conceito Edouard Pichon (1936, *apud* CÂMARA, 1956, p. 35), para quem o futuro analítico com *ir* é "um prolongamento dinâmico do nosso presente".

Reforça a ideia de que a construção *ir+infinitivo* tenha um vínculo com o presente a postulação de Wekker (1976), apresentada no trabalho de Bybee e Pagliuca (1987). Para esse autor, a construção *be going to*, funcionalmente semelhante a *ir+infinitivo*, possui uma orientação no presente porque, neste uso, há indicações no presente de que alguma coisa irá acontecer. Bybee e Pagliucca (1987) exemplificam essa afirmação por meio dos enunciados dados em (08):

- (08) a. *She is going to have a baby*
 b. *She will have a baby*

Enquanto (08a) implica que ela já está grávida, (08b) não implica que ela já esteja.

Silva (2002) apresenta também a postulação de Close (1977), para quem a escolha do falante por uma das formas de futuro está relacionada ao seu ponto de interesse, que pode estar voltado para o presente ou para o futuro. Exemplificam esse entendimento dos autores os enunciados dados em (09).

- (09) a. *He is going to leave tomorrow*
 b. *He will leave tomorrow*

No enunciado em (09a), o ponto de interesse é o momento presente, com atenção voltada para o pós-presente, daí a utilização de *be going to*; já em (09b), o ponto de interesse é apenas o momento futuro, por isso o falante utiliza *will*, funcionalmente semelhante ao Futuro do Presente sintético do português.

No que se refere ao PB, pode-se afirmar que, sendo ou não distintas – e, em nosso trabalho defendemos que são – forma sintética e perifrástica coexistem. A perífrase *ir+infinitivo*, mais popular, vem substituindo a forma sintética em vários contextos. Embora a forma ainda não tenha seu lugar na gramática normativa, sua popularidade demonstra que está se tornando funcionalmente equivalente ao futuro sintético, que parece estar em franco declínio.

Uma das hipóteses que consideramos fortemente neste trabalho é a de que o futuro sintético ainda resiste no português contemporâneo em razão de seu ensino explícito por parte da escola, pelo fato de ser esta a forma verbal considerada “correta” pelas gramáticas normativas. Assim, na dimensão variável do fenômeno, formas sintéticas e analíticas parecem constituir, em primeira instância, alternantes de cunho estilístico, já que cada forma de futuro parece ter se especializado para um tipo específico de registro, futuro sintético para a escrita e futuro analítico para a fala.⁸

Reforça a formulação dessa hipótese, as considerações apresentadas por Silva (2002), proveniente de observações da forma *vô ir*, muito comum na fala de crianças, em fase de aquisição da linguagem. Essa redundância, além de alertar para o processo de gramaticalização do verbo *ir*, nos faz inferir que a criança pode estar prefixando o *vou* em outras ocorrências, como em *vôfalar*, *vôbrincar*, *vôtelefonar* etc. Crianças, que não possuem nenhum compromisso normatizante, utilizam-se, em princípio, da perífrase *ir+infinitivo* para marcar futuridade, talvez por esta ser carregada de um valor modal que é menos perceptível no futuro sintético. Nossa suspeita é a de que, com seu contato com a gramática normativa nas escolas, a manifestação da forma analítica ceda ainda algum espaço para a forma sintética, o que se percebe principalmente na escrita.

⁸ Interessante seria a comparação do uso do futuro em textos escritos e falados, o que não constitui objetivo desta pesquisa.

SUBSÍDIOS TEÓRICOS**1. Subsídios Teóricos**

Neste capítulo, apresentamos os princípios e pressupostos básicos da Gramaticalização, enfocando aqueles que se relacionam ao nosso objeto de estudo. Abordamos ainda, sob essa perspectiva teórica, o conceito de auxiliaridade e os critérios comumente utilizados para medir o grau de auxiliaridade e, conseqüentemente, de gramaticalização de perífrases verbais. Em um segundo momento, expomos os postulados fundamentais da Sociolinguística Variacionista, a fim de estabelecermos os subsídios para a análise da regra variável entre futuro sintético e analítico, e definimos os princípios básicos que viabilizam a análise de nosso objeto de estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização.

Buscamos, por meio desta exposição teórica, chegar a uma orientação de pesquisa clara e definida, pela interpretação de trabalhos de alguns dos principais pesquisadores sobre o processo de variação e mudança linguística.

1.1 Gramaticalização

A Gramaticalização é um processo de mudança linguística, gradual e unidirecional, por meio do qual elementos lexicais passam, ao longo do tempo, a desempenhar funções gramaticais, ou então elementos gramaticais assumem funções ainda mais gramaticais (HOPPER E TRAUGOTT, 2003 [1993]). A motivação que impulsiona esse processo é o alcance do sucesso comunicativo, ou seja, o falante, na busca de ser expressivo, acaba criando novas funções para palavras já existentes. Isso acarreta um grande número de implicações para a estrutura da expressão inicial, a saber:

- (i) *dessemantização ou bleaching semântico*: perda gradual de conteúdo semântico original;
- (ii) *extensão ou generalização contextual*: o item passa a ser utilizado em novos contextos;
- (iii) *descategorização*: perda de funções morfossintáticas da forma original, incluindo a perda do *status* de palavra independente;
- (iv) *erosão ou redução fonética*: o item em gramaticalização, dado seu aumento de frequência de uso, tende a perder substância fonética (HEINE, 2003).

Embora alguns estudiosos critiquem o mecanismo do *bleaching semântico*, uma vez que, por ele, vê-se o processo pelo viés da perda, não se pode negar que há, no decorrer do processo de mudança, o apagamento de traços semânticos da forma original. Segundo Lehmann (1995 [1982]), a generalização ou *bleaching semântico* parece, de fato, atuar em todo o *continuum* de gramaticalização; conforme o processo se estende, itens têm seu significado mais generalizado, mais abstratizado, mais amplamente aplicado a um número maior de contextos e, conseqüentemente, têm aumentada sua frequência de uso.

A fim de evitar radicalismos, interessante talvez seria adotar uma postura que considera, ao lado das perdas semânticas, os ganhos, principalmente pragmáticos, que também decorrem deste processo (TRAUGOTT, 1980, 1988; SWEETSER, 1990). Para olharmos dessa forma, é preciso, segundo Traugott e König (1991, p. 192), que consideremos o *princípio da informatividade ou relevância* que guia o falante para que este consiga ser mais e mais específico por meio da codificação gramatical; tal princípio convidaria também o ouvinte a selecionar a interpretação mais informativa.

De acordo com Heine (2003), a atuação dos mecanismos de gramaticalização promove também implicações para a estrutura surgida de um processo de gramaticalização. Lehmann (1995 [1982]) propõe que ocorra, concomitante a esse processo:

- (i) *paradigmatização*: tendência da forma gramaticalizada a se arranjar em paradigmas;
- (ii) *obrigatoriedade*: tendência de formas opcionais tornarem-se obrigatórias;
- (iii) *condensação*: encurtamento de formas;
- (iv) *coalescência ou fusão*: tendência à união de formas adjacentes;
- (v) *fixação*: ordens antes livres tornam-se mais fixas.

Efeitos mais gerais, também provocados pela atualização dos mecanismos, são descritos por Hopper (1991:22), em termos de princípios de Gramaticalização, os quais listamos a seguir.

- **Estratificação:** *dentro de um amplo domínio funcional, novas camadas estão emergindo continuamente. Quando isso acontece, camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e a interagir com as camadas mais novas.*

Esse princípio sugere que a gramaticalização não acarreta, imediatamente, a substituição de um item pelo outro, mas, ao contrário disso, permite a coexistência de camadas novas e antigas que codificam um mesmo domínio funcional, ocasionando a variação linguística. Um exemplo de *estratificação* pode ser verificado em nosso fenômeno de estudo em que *ir+infinitivo* surge para marcar futuridade, mas não descarta a forma antiga – futuro sintético – que também codifica essa função. Conforme veremos adiante, é esse princípio que nos permite tratar a perífrase *ir+infinitivo* na interface Sociolinguística/Gramaticalização.

- **Divergência:** *quando uma forma lexical sofre gramaticalização, a forma lexical original pode permanecer no sistema como elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças de um item lexical comum.*

Tal postulado sugere que a gramaticalização de uma forma não implica o desaparecimento de seu congênere lexical; ao contrário, pode resultar em pares de formas que apresentam etimologia comum, mas que são divergentes funcionalmente. Relativamente à formação da perífrase *ir+infinitivo*, o verbo pleno *ir*, que entra na composição da forma inovadora de codificação de futuro, permanece como item lexical pleno, codificando movimento, e, como tal, sujeito a novas mudanças.

- **Especialização:** *dentro de um domínio funcional, em um determinado estágio, pode existir uma variedade de formas com nuances semânticas diferentes; à medida que a gramaticalização ocorre, essa variedade de escolhas formais estreita-se e um pequeno número de formas selecionadas assume significados mais gerais e mais gramaticalizados.*

Esse princípio está fortemente relacionado ao aumento da frequência de uso de um item. Quando uma forma passa a ser muito utilizada para marcar determinada função, tende a especializar-se nela. É o que se verifica com *ir+infinitivo*, forma que, pela sua alta frequência de uso, especializou-se, ao menos na fala, na marcação de futuridade.

- **Persistência:** *quando uma forma se gramaticaliza, passando de uma função lexical para uma função gramatical, alguns traços do significado lexical original tendem a permanecer na nova forma gramatical e detalhes de sua história lexical podem se refletir em sua distribuição gramatical.*

A persistência, percebida, principalmente, nos estágios incipientes de gramaticalização, caracteriza-se pela manutenção, nas formas gramaticalizadas, de traços de significado da forma fonte, originando formas polissêmicas. Na construção *ir+infinitivo*, o traço semântico que se preserva do uso pleno do verbo *ir* é o de movimento. Contudo, percebemos, durante a trajetória de gramaticalização desse item, uma abstratização do traço de movimento no espaço que passa a movimento no tempo.

- **Descategorização:** *formas que sofrem gramaticalização tendem a perder ou a neutralizar as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas características de categorias plenas, como nome ou verbo, e assumir características de categorias secundárias, como adjetivos, partículas, preposições, etc.*

Esse princípio sugere que, em um processo de gramaticalização, itens pertencentes a classe de categorias abertas tendem a migrar para a classe de categorias mais fechadas, mais gramaticais. Tal princípio atualiza-se claramente em *ir+infinitivo*, já que para sua formação, o verbo *ir*, pleno, pertencente à categoria de palavras lexicais, passou a verbo auxiliar, deixando, portanto, de se constituir núcleo de predicação.

É também imprescindível que apresentemos os estudos de Lehmann (1995 [1982]), já que estes inauguraram uma nova forma de ver o processo de gramaticalização. O autor optou não por identificar a gramaticalização de uma forma, mas o seu grau de autonomia. De acordo com o autor, a autonomia de um signo é contrária a sua gramaticalidade, e a gramaticalização diminuiria a liberdade com que um signo é usado, retraindo sua autonomia. Dessa forma, ao medirmos o grau de autonomia de um item estamos, conseqüentemente, identificando seu grau de gramaticalização. Segundo o autor, para medirmos a autonomia de um signo três aspectos devem ser considerados:

- (i) o *peso*: propriedade do item que o torna distinto dos demais de sua classe;
- (ii) a *coesão*: relação que um signo contrai com outros signos; e,
- (iii) a *variabilidade*: mobilidade que um signo pode usufruir em relação aos outros.

Para Lehmann, quanto mais autônomo um signo é, mais peso, mais variabilidade e menos coesão ele possui; em contrapartida, quanto mais gramaticalizado, menor é o seu peso e sua variabilidade e maior é a sua coesão.

É a partir desses três aspectos relacionados aos eixos paradigmáticos e sintagmáticos da linguagem que Lehmann estabelece os critérios para medir a autonomia do signo.

Paradigmaticamente, *peso*, *coesão* e *variabilidade* resultam, respectivamente, os critérios:

- (i) *integridade* ou tamanho substancial do signo;
- (ii) *paradigmaticidade* ou grau de integração de determinado signo a seu paradigma;
- (iii) *variabilidade paradigmática* ou possibilidade de utilização em lugar da forma gramaticalizada de outros signos que integram o mesmo paradigma;

Já na dimensão sintagmática, também os fatores *peso*, *coesão* e *variabilidade* definem três outros critérios, respectivamente:

- (iv) *escopo estrutural* ou extensão da construção a que o signo pertence;
- (v) *conexidade* ou grau de dependência do signo aos demais da cadeia sintagmática;

(vi) *variabilidade sintagmática* ou possibilidade de mudança do signo na construção da qual ele faz parte, ou seja, sua mobilidade.

Os seis critérios resultantes do cruzamento dos fatores *peso*, *coesão* e *variabilidade* com os aspectos *paradigmáticos* e *sintagmáticos* encontram-se resumidos no quadro abaixo.

Aspectos	Paradigmático	Sintagmático
PESO	Integridade	Escopo estrutural
COESÃO	Paradigmaticidade	Conexidade
VARIABILIDADE	Variabilidade paradigmática	Variabilidade sintagmática

Quadro 02: Parâmetros de Gramaticalização (LEHMANN, 1995 [1982])

Tendo exposto os principais pressupostos da Gramaticalização que nortearão nossa análise acerca da perífrase verbal *ir+infinitivo*, apresentamos, na próxima seção, uma possível explicação da origem dessa construção, com base em estudos sincrônicos.

1.1.1 A constituição de *ir+infinitivo* sob a perspectiva da Gramaticalização

Concebe-se, com base em estudos puramente sincrônicos (ALMEIDA, 1980, SILVA, 2002; GIBBON, 2001), que, para a formação da perífrase verbal *ir+infinitivo* codificadora de futuridade, o verbo pleno *ir*, por um processo de gramaticalização, sofreu um “esvaziamento de traços” do seu significado original de deslocamento e foi recategorizado como verbo auxiliar, exprimindo, entre outros valores, a noção de futuridade, quando seguido de um verbo principal. Silva (2002) alerta que, embora haja esse esvaziamento semântico, é o significado de movimento, remanescente em *ir*, que dá o valor de posterioridade à perífrase. Contudo, é importante perceber que o valor de movimento, transmitido *metaforicamente* à forma mais gramaticalizada, é o de um movimento temporal, mais abstrato, portanto, do que o sentido de movimento espacial da forma fonte.

Heine *et al.* (1991) foram os primeiros a enfatizar a ideia de que a gramaticalização seria conduzida via *processos metafóricos* que apontam para domínios mais abstratos,

entendendo a metáfora como uma estratégia cognitiva que possibilita o surgimento de itens gramaticais, uma vez que atua como uma espécie de veículo na transferência de significados. Posteriormente, outros estudiosos, como Bybee *et al.* (1994) e Hopper & Traugott (2003 [1993]), entre outros, corroboraram essa postulação.

Heine *et al.* (1991), com base em princípios da cognição humana, construíram uma escala, cuja disposição unidirecional de categorias cognitivas explica, via metáfora, a utilização de uma categoria mais à esquerda para a codificação de conceitos de categorias que se situam mais à direita, como mostrado abaixo.

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Figura 02: Escala de categorias cognitivas (Heine *et al.*, 1991, p. 157)

A transferência metafórica de uma categoria para outra não implica, necessariamente, a substituição da primeira pela segunda, mas apenas o acionamento de um domínio cognitivo mais concreto para a codificação de outro mais abstrato, pressupondo, nesse processo, a instanciação de fenômenos explicáveis via gramaticalização. Com base nessa informação, podemos considerar que o uso do verbo *ir* com sentido de deslocamento espacial coexiste com o uso da forma perifrástica *ir+infinitivo*, em que o mesmo verbo *ir* é o responsável primeiro pela marcação de tempo futuro. Estaríamos, portanto, em franco processo de gramaticalização, no qual, em determinados contextos, temos uma semântica totalmente espacial, mais concreta, como em (10); em outros contextos, uma semântica de deslocamento com uma finalidade, como em (11); em outros, uma semântica ambígua entre espaço e tempo, como em (12); e outros cuja semântica é totalmente temporal, mais abstrata, como em (13).⁹

(10) *vô(u) bastante pro CLU::be* (AC-010; RP; L.290)

(11) *eu vô(u) lá às vezes pa andá(r) a cava::lo* (AC-001; DE; L.139)

⁹ As ocorrências exemplificativas deste capítulo foram retiradas do Banco de Dados IBORUNA, o qual constitui o *corpus* desta pesquisa (cf. Cap. 4).

- (12) *ah... hoje eles vão pescá(r) lá, né?* (AC-015; RP; L.681)
- (13) *olha ele [o quarto] ainda num tá pronto ele vai reformá(r) TOTALMENTE né? ele vai mudá(r) MUITO mas eu vô(u) falá(r) como é que ele tá agora...* (AC-006; DE; L.279)

Segundo Heine *et al.* (1991) uma cadeia de gramaticalização pode ser simbolizada como segue representada em (14).

- (14) Representação de uma cadeia de gramaticalização
 $A > (AB) > B \quad \dots \quad Y > (YZ) > Z$

As propriedades dessa cadeia são, segundo os autores, as seguintes:

- (i) as cadeias de gramaticalização apresentam os pontos extremos do processo, que se diferem em seu grau relativo de gramaticalização, em que **Z** corresponde a uma forma gramaticalizada de **A**;
- (ii) qualquer ponto intermediário desta cadeia pode ser definido com referência a pontos extremos, o que significa que, quanto mais próximo o sentido está de **A**, menor é a gramaticalização da forma;
- (iii) os diferentes sentidos, ao longo de uma cadeia, também podem ser definidos a partir da relação de um com o outro. Assim, um sentido à esquerda é menos gramaticalizado do que qualquer um a sua direita, e, quanto mais próximos estiverem dois sentidos, mais semelhantes em significado eles o são e menos diferem seus relativos graus de gramaticalização;
- (iv) quanto mais distantes se encontrarem dois sentidos ao longo de uma cadeia, maiores são as chances de eles pertencerem a domínios cognitivos distintos. Assim, **B** pertence ao mesmo domínio cognitivo de **A**, mas a um domínio diferente de **Y** ou **Z**.

O momento do processo em que a interpretação é induzida pelo contexto, ou seja, o momento em que os dois sentidos, ao longo da cadeia, estão mais próximos, é denominado por Heine *et al.* de **princípio metonímico**. Sendo assim, a gramaticalização é explicada como uma extensão gradual do uso de uma entidade de origem motivada pelo *contexto*. Retomando exemplo já citado, temos um processo metonímico representado pela ocorrência em (12), pois, nesse emprego, o verbo *ir* é polissêmico, ambíguo: pode ser interpretado com valor tanto de deslocamento espacial (reforçado pela presença do locativo *lá*) quanto de deslocamento temporal. Embora a presença do advérbio *hoje* possa estar atenuando o valor de futuridade do

enunciado, essa leitura ainda é viável, tendo em vista que é possível interpretarmos que o estado de coisas descrito ocorrerá em um momento posterior ao momento da fala, ainda que se trate de um momento posterior bastante próximo. Em casos como o descrito em (12), a interpretação do sentido pretendido pelo falante só é possível de ser alcançada amparada pelo contexto.

Além dos processos metafóricos e metonímicos, são também reconhecidos como mecanismos significativos para a mudança em geral, a *reanálise* e a *analogia*.

A *reanálise*, para Langacker (1977, *apud* GONÇALVES, 2003) é a “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões sem envolvimento de uma alteração imediata e intrínseca na manifestação superficial”. Um dos tipos mais frequentes de reanálise, e também uma das mais frequentes na gramaticalização, é a fusão de duas ou mais formas, com a conseqüente junção das fronteiras morfológicas. É importante ressaltar que a reanálise não deve ser vista como sinônimo de gramaticalização, principalmente por causa do princípio da unidirecionalidade, inerente à gramaticalização, mas não à reanálise.

A analogia refere-se à atração de formas existentes para construções também já existentes (HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993]). Os casos de analogia são, muitas vezes, a primeira evidência, para o falante de uma língua, de que a mudança está acontecendo.

No tratamento da perífrase constituída por *ir* + *infinitivo* podemos ver a atuação da reanálise e da analogia como mostradas em (15).

(15) Atuação da reanálise e da analogia na constituição de *ir* + *infinitivo*

Estágio I: [estrutura de deslocamento espacial] + [estrutura de finalidade]

- a. *em Pocinho de Caldas que fica um po(u)co longe mas acho que... Cal/ o é de Caldas ou de Poços de Caldas num sei que eu [vô(u) lá às vezes] [pa andá(r) a cava::lo] [pra pra fazê(r) um monte de coisa]... é muito legal lá já subi numa monta::nha (numa capelinha) e a montanha é gRANde bem::* (AC-001; DE; L.139)
- b. *todo dia ele falava pra minha mãe – “óh eu vô::(u) eu vô(u) sai(r) com meu amigo eu [vô(u) lá na lanchonete][tomá(r) um refrigerante]* (AC-046; NR; L.174)

Estágio II: Reanálise estrutural [deslocamento?/ futuridade?]

- c. *ah... hoje eles [vão pescá(r)] lá, né?* (AC-015; RP; L.681)

Estágio III: Analogia [futuridade]

- d. *olha ele (QUARTO) ainda num tá pronto ele [vai reformá(r)] TOTALMENTE né? ele [vai mudá(r)] MUITO mas eu [vô(u) falá(r)] como é que ele tá agora...* (AC-006; DE; L.279)

No estágio I, o verbo *ir* tem sentido pleno de deslocamento, porém um deslocamento para uma finalidade. De acordo com Martelotta (comunicação pessoal),¹⁰ é esse contexto, mais do que qualquer outro mecanismo de gramaticalização, o desencadeador da mudança. No estágio II, há a reanálise sintática do verbo pleno *ir* como auxiliar: a colocação do locativo *lá*, no final da frase, redefine os limites estruturais dentro do enunciado, permitindo a formação da perífrase *ir+infinitivo*; contudo, esse estágio, ainda polissêmico, possibilita leitura tanto de tempo quanto de deslocamento espacial. No estágio III, por analogia ao anterior, tem-se uma nova oração em que a perífrase constituída marca apenas noção de futuridade.

Um dado importante a ser notado nas ocorrências em (15) diz respeito aos traços semânticos do sujeito. O verbo *ir*, em seu sentido original de deslocamento, exige sujeito com o traço [+animado] e, à medida que se gramaticaliza, vai perdendo essa restrição, como se verifica no último estágio, em que a perífrase ocorre com sujeito [- animado]. Esse exemplo ratifica a tese de que quanto mais gramaticalizado um item está, maior o número de contextos em que ele pode ser usado, mecanismo conhecido como *Extensão ou Generalização Contextual* (HEINE, 2003).

É interessante também notar que não só forma fonte (*ir=deslocamento*) e formas mais gramaticalizadas (*ir+infinitivo*) divergem funcionalmente. Dentre as próprias construções já formadas de *ir+infinitivo*, existem diferentes nuances semântico-pragmáticas, o que vem a

¹⁰ Comunicação pessoal, por ocasião de sua apresentação no VI Congresso Internacional da ABRALIN, realizado em João Pessoa/PB, de 04 a 07 de março de 2009.

comprovar o postulado da Gramaticalização de que a mudança nunca ocorre bruscamente; pelo contrário, é sempre gradual, podendo uma mesma forma designar diferentes funções, como prevê o *princípio da divergência*, proposto por Hopper (1991). Assim, dentre as perífrases de *ir+infinitivo*, existirão aquelas menos gramaticalizadas, porque seus elementos internos estão menos conectados, e outras mais gramaticalizadas, porque seus elementos são mais coesos (LEHMANN, 1995 [1982]) e, para cada grau de gramaticalidade, haverá uma função semântico-pragmática correspondente. Partimos, portanto, da hipótese de que a multifuncionalidade de *ir+infinitivo* é decorrente da manifestação de diferentes graus de gramaticalidade dessa perífrase.

Apresentamos, na próxima seção, o parâmetro da conexidade (LEHMANN, 1995 [1982]) e os critérios de auxiliaridade (HEINE, 1993; LOBATO, 1975; LONGO, 1990; LONGO & CAMPOS, 2002), os quais nos servirão de ferramentas para encontrar os diferentes graus de gramaticalidade de *ir+infinitivo*.

1.1.2 Conexidade, Auxiliaridade e Gramaticalização de *ir+infinitivo*

A partir do entendimento de que a gramaticalização é contrária à autonomia de uma forma, Lehmann (1995 [1982]) propõe seis parâmetros por meio dos quais se pode checar o grau de gramaticalização de uma forma, ou seja, sua autonomia. Isso quer dizer que quanto mais gramaticalizada uma forma, menor autonomia discursiva ela terá.

Dentre os parâmetros de Lehmann, parece-nos ser o da *Conexidade* o mais adequado para análise dos diferentes graus de gramaticalização da construção *ir+infinitivo*. De acordo com o autor,

a coesão sintagmática ou conexidade de um signo é a intimidade com que ele é conectado com outro signo, com o qual sustenta uma relação sintagmática. O grau de conexidade de um signo varia da justaposição até a fusão, em proporção com o seu grau de gramaticalidade (LEHMANN, 1995

[1982], p.147-148).¹¹

Assim considerando, relações sintagmáticas mais frouxas entre *ir+infinitivo* apontarão para um menor grau de gramaticalidade da perífrase, enquanto relações mais estreitas apontarão para um maior grau de gramaticalidade da perífrase.

Segundo Lehmann, um critério sintático bastante viável para se testar a conexidade de um formativo gramatical é a possibilidade de inserção de material entre ele e a palavra a qual tende a atrair-se. Será maior a gramaticalidade do conjunto que não permitir a inserção de material em seu interior. Esse critério sintático é equivalente ao critério da Inseparabilidade proposto por Lobato (1975) e por Longo & Campos (2002), conforme será visto mais adiante. Isso nos leva a hipotetizar que os critérios de auxiliaridade talvez sejam bons instrumentos para medir o grau de gramaticalidade da perífrase já que, quanto maior o número de critérios de auxiliaridade atualizados na perífrase, mais coesa, mais conectada e mais gramaticalizada ela estará.

Na literatura sobre auxiliaridade, pudemos perceber uma grande divergência sobre a definição do termo *auxiliar*, sobre os critérios adequados para sua identificação e sobre a determinação da gama de entidades que deveriam receber esse rótulo. A depender do posicionamento teórico do investigador e dos critérios por ele adotados, haverá um diferente conceito de Auxiliar e diferentes elementos linguísticos que podem integrar essa classe.

Para Pottier (1961, *apud* ALMEIDA, 1980, p. 20), o uso do termo Auxiliar é primariamente associado a todo verbo incidente sobre outro verbo, no mesmo sintagma verbal, em que o primeiro elemento deste sintagma é modificante, indicativo da modalidade da ação total, e o segundo, o modificado, que traz a noção nova. Assim, para o autor, cada elemento tem uma função no complexo de auxiliação.

¹¹ The syntagmatic cohesion or bondedness of a sign is the intimacy with which it is connected with another sign to which bears a syntagmatic relation. The degree of bondedness of a sign varies from juxtaposition to merger, in proportion to its degree of grammaticality.

Concepção divergente tem Benveniste (2006, p. 181), para quem a auxiliaridade apresenta-se como forma linguística unitária que se realiza em paradigmas inteiros, por meio de dois elementos, cada um dos quais assume uma parte das funções gramaticais. Pode-se perceber que, em Benveniste, a função gramatical não é desempenhada apenas por V1, mas pelo complexo de auxiliação. O autor justifica essa sua afirmação com o exemplo do francês *il a frappé*, em que as noções morfológicas de número e pessoa provêm do auxiliar *avoir*, mas a noção temporal de pretérito perfeito provém do conjunto, já que o auxiliar encontra-se no presente.

Em nosso trabalho, optamos por um posicionamento menos extremista em relação ao uso do termo Auxiliar. Reconhecemos ser V1 o que carrega toda informação morfológica do predador principal, como flexão de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade; contudo, a noção temporal (*time*) só pode ser identificada no complexo de auxiliação e no contexto maior em que a construção se insere.

Muitas hipóteses foram formuladas a fim de definir o estatuto gramatical dos auxiliares nas línguas como um todo, dentre as quais, apresentamos as listadas por Heine (1993):

- (i) *hipótese da autonomia*: auxiliares ou elementos sob esse rótulo constituem uma categoria distinta, diferente dos verbos e de outras categorias. Trata-se de uma categoria universal, porém com diferentes realizações em diferentes línguas (PUGLIELI, 1987, *apud* HEINE, 1993).
- (ii) *hipótese do verbo principal*: auxiliares e verbos plenos comporiam uma mesma categoria lexical (ROSS, 1969, *apud* HEINE, 1993) ou seriam um subconjunto especial da categoria verbo (PULLUM & WILSON, 1977, *apud* HEINE, 1993).
- (iii) *hipótese da gradiência*: não há limites separando auxiliares de verbos principais, os quais devem ser vistos na forma de um *continuum* ou gradiente. Essa posição está associada, por um lado, ao paradigma da gramaticalização e, por outro lado, à noção de *continuum* ou gradiência (GARCIA, 1967; BOLINGER, 1980, *apud* HEINE, 1993).

Essa última parece ser a hipótese defendida por Heine (1993), uma vez que ele define

Auxiliar como um item linguístico, localizado ao longo de uma cadeia de gramaticalização, que se estende desde verbo pleno até as flexões gramaticais de tempo, aspecto e modalidade, e seu comportamento pode ser descrito com referência a sua relativa localização ao longo dessa cadeia, que é chamada, em seu trabalho, de *cadeia verbo para TAM* (Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade). Partilham dessa hipótese Longo & Campos (2002), que advogam a favor de uma não dicotomia no tratamento de verbos auxiliar e pleno, já que a relação entre eles pode ser mais bem compreendida através de um *continuum* de gramaticalização. Essa é também a perspectiva que assumimos em nosso trabalho, uma vez que ao adotarmos o ponto de vista da Gramaticalização, admitimos que a mudança de formas lexicais (ou menos gramaticais) para formas mais gramaticais não é discreta; ao contrário disso é gradual, contínua e com sobreposições de funções, numa trajetória do tipo: *verbo pleno > verbo pleno/auxiliar > verbo auxiliar*.

Assumimos, portanto, não existir uma classe fixa e fechada de verbos auxiliares, mas uma classe aberta, fluida, que se instancia a partir do momento em que itens começam a apresentar algumas propriedades particulares, como mostraremos a seguir. Essas propriedades manifestam-se gradualmente, e quanto mais recorrentes, mais gramaticalizado estará o auxiliar.

Pelo fato de não haver um consenso sobre quais seriam as propriedades mais adequadas para identificar ou medir o grau de auxiliaridade de V1 em perífrases verbais, apresentamos, a seguir, senão todos, pelo menos a grande maioria dos critérios apontados pelos principais estudos sobre essa categoria (HEINE, 1993; LOBATO, 1975; LONGO, 1990; LONGO & CAMPOS, 2002) e selecionamos, para utilização em nossa análise, aqueles que são mais recorrentes entre os autores.

- **Crítérios de auxiliaridade propostos por Heine (1993)**

(i) Auxiliares tendem a sustentar expressões por uma pequena gama de domínios conceituais,

- especialmente: tempo, aspecto e modalidade;
- (ii) Auxiliares formam um conjunto fechado de unidades linguísticas;
 - (iii) Eles não são nem unidades claramente lexicais nem claramente gramaticais. Também ocorrem como verbos principais (LEWANDOWSKI, 1973; CONRAD, 1988, *apud* HEINE, 1993);
 - (iv) Eles expressam funções gramaticais, mas exibem, ao menos em alguns contextos, uma morfossintaxe verbal. Em alguns trabalhos eles são definidos como um subconjunto dos verbos (CRYSTAL, 1980; BUFMANN, 1990; COMRAD, 1988, *apud* HEINE, 1993);
 - (v) Embora tenham propriedades verbais, eles mostram um comportamento verbal reduzido: integram “paradigmas altamente defectivos” (MCCAWLEY, 1975); não podem ser apassivizados; não têm formas imperativas; não podem ser independentemente negados (PARK, 1992, *apud* HEINE, 1993);
 - (vi) Eles não podem ser predicado principal (semântico) da oração (MARCHESE, 1986, *apud* HEINE, 1993);
 - (vii) Eles têm duas variantes livres, em que uma é a forma plena (I will go) e outra a forma reduzida (I’ll go), ou, uma é um clítico e outra um afixo. (HARMANN & STORK, 1972, *apud* HEINE, 1993);
 - (viii) Eles tendem a não ser enfatizados ou são incapazes de receber contraste enfático (AKMAJIAN, 1979, *apud* HEINE, 1993);
 - (ix) Eles tendem a ser cliticizáveis ou necessariamente clíticos (STEELE, 1978, *apud* HEINE, 1993);
 - (x) Eles carregam toda informação morfológica do predicador principal, como flexão de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade, negação, concordância (STEELE, 1978, *apud* HEINE, 1993);
 - (xi) Enquanto auxiliares são, obrigatoriamente, partes de orações finitas em certas línguas; isso não necessariamente acontece em orações não-finitas ou imperativas (cf. JELINCK, 1983, *apud* HEINE, 1993);
 - (xii) Auxiliares não podem ser regidos por outros auxiliares;
 - (xiii) Eles não têm significância própria (HARMANN & STORK; 1972, *apud* HEINE, 1993) ou não contribuem para o significado da sentença; são “sinsemânticos” e “sincategoramáticos” para o lexema ao qual se aplicam (tipicamente, verbo principal) (CARLSON, 1983; RAMAT, 1987, *apud* HEINE, 1993);
 - (xiv) Eles tendem a ocorrer separadamente do verbo principal, podendo ser limitados por outros elementos (STEELE, 1981, *apud* HEINE, 1993);
 - (xv) Distintamente dos verbos, eles não podem ser nominalizados ou ocorrerem em combinação (MARCHESE, 1986, *apud* HEINE, 1993);
 - (xv) Eles tendem a ocorrer em uma ordem fixa ou em uma posição fixa na oração (PULLUM E WILSON, 1977; MARCHESE, 1986, *apud* HEINE, 1993). Línguas SVO /VSO tendem a apresentar a ordem *Aux. + verbo principal* e línguas SOV, a ordem *Verbo principal + Auxiliar*;
 - (xvii) Na presença do auxiliar, o verbo principal tende a aparecer numa forma não finita, frequentemente carregando em si algum elemento morfológico como uma nominalização, marca de infinitivo, gerúndio ou particípio. O verbo principal pode ainda estar associado com alguma morfologia locativa (ANDERSON, 1973, *apud* HEINE, 1993).

- **Crítérios de auxiliaridade apresentados por Lobato (1975)**

- (i) *Crítério semântico*: a todo auxiliar é atribuída uma perda sêmica, resultado do processo de

- gramaticalização do verbo: quanto maior a gramaticalização, mais completa será a perda do sentido concreto do verbo;
- (ii) *Critério da unidade significativa*: o conjunto em auxiliação forma uma unidade significativa em que o auxiliar intervém unicamente como elemento gramatical e o auxiliado como lexical;
 - (iii) *Critério da identidade de sujeitos*: se realmente se dá na língua o processo de auxiliação será verdade que os dois verbos terão um só sujeito;
 - (iv) *Critério da aceção egocêntrica* (DAMOURETTE E PICHON, 1911, *apud* LOBATO, 1975): todo auxiliar não possui ligação semântica com seu sujeito gramatical, mas está relacionado com o locutor. (sujeito gramatical \neq sujeito lógico);
 - (v) *Critério da restrição paradigmática*: todo auxiliar é defectivo: não admite participio passado e o imperativo;
 - (vi) *Critério da separabilidade*: um grupo verbal semanticamente uno e formado de um todo funcional seria indissociável;
 - (vii) *Critério da impossibilidade de construções completivas* a partir de grupos verbais formados por auxiliares;
 - (viii) *Critério prosódico*: auxiliar + auxiliado formam um só grupo fonético, onde o auxiliar é uma forma átona e proclítica;
 - (ix) *Critério da frequência de ocorrência*: só pode ser considerada auxiliar a unidade verbal muito frequentemente seguida de infinito, gerúndio ou participio;
 - (x) *Critério da incidência do circunstante de tempo*: será um sintagma verbal, a perífrase que permitir a incidência do circunstante temporal sobre o grupo verbal e não independentemente;
 - (xi) *Critério da apassivação*: se há na língua uma classe de auxiliares, esses devem pertencer ao grupo de verbos suscetíveis de coocorrer com um verbo apassivável, havendo relação de paráfrase entre as formas ativa e passiva;
 - (xii) *Critério da integração das sequências verbais*: quanto maior a possibilidade de escolha, dentro de um mesmo paradigma, entre variantes do auxiliante, mais lexicalizada será a unidade. Categorias gramaticais são passagens obrigatórias que não deixam escolha ao locutor;
 - (xiii) *Critério da extensão do campo de aplicação de morfema*: só seriam considerados auxiliares os verbos sem restrição quanto ao sujeito ou quanto ao auxiliado;
 - (xiv) *Critério da negatização*: uma sequência verbal em auxiliação não pode ser separada por uma negação, do mesmo modo que uma lexia não pode ser separada por uma adjetivação. Para que seja uma perífrase, a negação tem de incidir sobre o grupo verbal;
 - (xv) *Critério da pronominalização*: consiste em determinar se o auxiliado é ou não substituível por um pronome. Em caso afirmativo, os dois verbos seriam principais, sendo o infinito uma nominalização;
 - (xvi) *Critério da oposição*: todo grupo verbal com auxiliar prototípico contém sua contraparte na forma simples.

- **Critérios de auxiliaridade apresentados por Longo (1990)**

- (i) *Critério da apassivização*: o verbo é auxiliar quando a transformação de uma frase ativa em passiva o inclui na mudança estrutural, isto é, o argumento sujeito da passiva é sujeito do complexo verbal como um todo, mantendo-se a equivalência semântica entre as frases;
- (ii) *Critério da incidência da negação*: deve incidir sobre o grupo verbal e não entre ele;
- (iii) *Critério da incidência de circunstante temporal*: o circunstante deve incidir sobre o

complexo unitário AUX + VERBO;

- (iv) *Critério da pronominalização*: se pudermos substituir a forma nominal por um pronome como o ou isso, estamos diante de duas orações e não de um caso de auxiliaridade;
- (v) *Critério da impossibilidade de desdobramento da oração*: como os verbos auxiliares não constituem, por si só, núcleos de sintagmas verbais, formando com a base um grupo indissociável, não temos auxiliaridade se for possível desmembrar o grupo em dois núcleos de orações;
- (vi) *Impossibilidade de inserção de mais de um sujeito*: a perífrase verbal deve comportar apenas um sujeito, seja ele simples ou composto;
- (vii) *Critério da detematização*: o auxiliar é um verbo que se detematiza, isto é, perde a propriedade de atribuir funções semânticas aos elementos nominais com que se combina.

- **Critérios de auxiliaridade propostos por Longo & Campos (2002)**

- (i) *Critério da inseparabilidade*: perífrases mais ligadas e, conseqüentemente mais gramaticalizadas, não são separadas por nenhum tipo de material interveniente.
- (ii) *Critério da irreversibilidade*: uma perífrase é sempre constituída de verbo auxiliar seguido de uma forma nominal, e não o inverso.
- (iii) *Critério da recursividade*: diz respeito à possibilidade de coocorrência da mesma raiz verbal no verbo auxiliar e no verbo em auxiliação. Se a recursividade for positiva, a perífrase estará mais gramaticalizada do que as que não admitem a recursividade.

Sintetizamos, no quadro 03, à página seguinte, os critérios de auxiliaridade expostos acima, os quais, ao final, totalizam 25 critérios diferentes.

Dos critérios expostos no quadro 03, elegemos os 10, em destaque, para aplicação ao nosso objeto de estudo, mais especificamente aos diferentes *types* apurados para a perífrase *ir+infinitivo*. A escolha desses critérios se justifica pela maior recorrência entre os autores considerados. Embora o critério da *oposição* (10) tenha sido citado apenas por Lobato, ele nos parece bastante relevante para a checagem do grau de gramaticalização de auxiliares, porque, na escala de hierarquização de importância de critérios, é apontado como critério principal (LOBATO, 1975). Além disso, pela checagem desse critério, é possível verificarmos a atuação do princípio da estratificação de Hopper (1991).

Critérios de Auxiliaridade	Lobato (1975)	Longo (1990)	Heine (1993)	Longo e Campos(2002)
1. Inseparabilidade (prosódica, sintática e semântica)	√	√	√	√
2. Detematização (sem propriedade de predicação)	√	√	√	
3. Incidência da negação sobre a perífrase	√	√	√	
4. Restrição paradigmática (defectividade)	√		√	
5. Frequência alta (auxiliar + v. na forma nominal)	√		√	
6. Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase	√	√		
7. Impossibilidade de desdobramento da oração	√	√		
8. Critério da apassivização	√	√		
9. Recursividade (coocorrência com mesma raiz)			√	√
10. Oposição a uma forma simples correspondente	√			
11. Impossibilidade de substituição por pronome	√	√		
12. Sujeito único	√	√		
13. Posição fixa na perífrase			√	√
14. Participação do complexo TAM			√	
15. Categoria fluida entre pleno e auxiliar			√	
16. Formas variantes (plena e reduzida foneticamente)			√	
17. Impossibilidade de receber contraste enfático			√	
18. Tendência a se tornar clítico/afixo			√	
19. Flexão em pessoa, número, concordância, TAM etc			√	
20. Não-regência por outros auxiliares			√	
21. Sinsemânticos e sincategoremáticos			√	
22. Categoria separada do verbo principal			√	
23. Acepção egocêntrica	√			
24. Impossibilidade de ser complementado por oração	√			
25. Sem restrições semânticas sobre sujeito e auxiliado	√			

Quadro 03: Critérios de auxiliaridade (LOBATO, 1975; LONGO, 1990; HEINE, 1993; LONGO & CAMPOS, 2002)

O critério *pronominalização* (11), embora reiterado por dois dos autores (LOBATO, 1975; LONGO, 1990), não será incluído nas nossas análises, porque, como afirma Lobato, da maneira que é apresentado, esse critério se atualizaria até mesmo para os casos de auxiliares prototípicos (*ser, estar, ter e haver*). Os critérios (12) e (13) também não foram selecionados, ainda que reiterado por dois autores diferentes, pois, por se aplicarem categoricamente a todos os *types* de *ir+infinitivo*, não se constituem fatores distintivos.

A metodologia empregada para medir o grau de gramaticalidade dos *types* de *ir+infinitivo* por meio dos critérios de auxiliaridade encontra-se exposta no quarto capítulo deste trabalho.

1.2 Sociolinguística na interface com a Gramaticalização

O estudo da língua no contexto social ganha impulso com o advento da Sociolinguística, surgida na década de 60. Esse ramo das ciências linguísticas estuda a relação entre língua e sociedade. Embora alguns autores tenham anteriormente tratado dessa relação, é William Labov, em 1963, que dá início a um modelo de pesquisa que considera a língua inserida em seu contexto social. Sob essa perspectiva teórica, a língua é concebida como heterogênea – e de uma heterogeneidade estruturada – e suscetível a pressões sociais; e a variação é entendida como condição do próprio sistema linguístico, um reflexo da própria variabilidade social (LABOV, 1972). Para Weirench (1954 *apud* LABOV, 1972), em uma língua que serve a uma comunidade real, a ausência da heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. Tem-se, portanto, com a Sociolinguística, uma mudança de perspectiva em relação à unidade linguística: de invariável, discreta e qualitativa, passa a variável, contínua e quantitativa (LABOV, 1966).

De acordo com Camacho (2003), a instauração da Sociolinguística deu-se, por um lado, com o alargamento da noção de *competência*, de modo a abranger a variação e, por outro, com o uso de amostras de fala real como dado em lugar das intuições do pesquisador (LABOV, 1972; CEDERGREEN & SANKOFF, 1974, *apud* CAMACHO, 2003). Segundo o autor, para se sustentar como teoria, a Sociolinguística teve de dialogar com a teoria gerativa, paradigma vigente mais bem sucedido. Essa necessidade motivou a teoria a desenvolver um aparato formal para a regra variável com base nos modelos utilizados pela fonologia gerativa (LABOV, 1969). A noção de regra variável passa, com o decorrer do tempo, a ser utilizada como ferramenta analítica para descrever e explicar a variação em qualquer nível de análise, não importando a natureza do fenômeno em questão.

O conceito de variação, central à Sociolinguística, envolve, basicamente, dois outros conceitos: o de variável e o de variante linguística. Duas ou mais formas distintas em variação

que transmitam um mesmo conteúdo informativo constituem uma *variável linguística*. As formas alternantes de se dizer a mesma coisa, constituem-se as *variantes*. Para que se estabeleça uma variável linguística é necessário, portanto, que as duas ou mais variantes tenham o mesmo significado referencial ou denotativo (LABOV, 1972). Essa pressuposição de dizer o *mesmo* de modos diferentes se aplica sem grandes controvérsias a variáveis fonológicas, contudo a situação parece outra para além desse nível de análise.

Quando os mesmos métodos e técnicas aplicados inicialmente a fenômenos de nível fonológico passam a ser aplicados aos casos de variação sintática, há, de acordo com Bentivoglio (1987), uma crise no estatuto metodológico da Teoria Variacionista, discutida, principalmente, nos trabalhos de Lavandera (1978), Romaine (1981, 1984) e García (1985). Essa polêmica é relevante para nosso trabalho, à medida que lidamos com fenômeno de natureza morfossintática, o qual poderia ver questionado seu estatuto de variável.

Segundo Bentivoglio (1987), Lavandera (1978) instaurou, realmente, entre os variacionistas, uma crise, obrigando-os a refletir seriamente sobre o que faziam quando questionou o princípio da equivalência semântica entre formas variantes de natureza sintática. Para Lavandera, "as unidades para além do nível fonológico, digamos, um morfema, um item lexical, ou uma construção sintática, têm cada uma por definição um significado" (LAVANDERA, 1978, p.175 *apud* Bentivoglio, 1987, p.11). Como é então possível que haja variação, se por variação entendemos duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa num mesmo contexto e com mesmo valor de verdade?

Camacho (2003, 2010), ao discutir a polêmica instaurada entre Labov e Lavandera, argumenta que a noção de equivalência semântica entre variantes do nível sintático implicaria uma redução muito drástica da noção de significado referencial, se a sociolinguística insistisse em manter o princípio de que duas formas alternativas são variantes se representarem o mesmo significado no mesmo contexto de ocorrência. Teria sido por esse motivo que

Lavandera propôs o enfraquecimento da condição de igualdade de significado de todas as formas alternantes no estudo da variação extrafonológica, substituindo-a por uma condição de *igualdade ou comparabilidade funcional* (BENTIVOGLIO, 1987; MONTEIRO, 2000; BERLINCK, 2002; CAMACHO, 2003, 2010).

Weiner & Labov (1983 *apud* CAMACHO, 2003) afirmam, contudo, que a atitude de restringir a extensão de significado, em vez de expandi-la, é compatível com o enfoque sociolinguístico, que procura evidência objetiva da diferenciação social e estilística nas formas linguísticas. Dessa forma, nas palavras de Camacho (2003),

Weiner e Labov (1983) declaram independência entre fatores internos, estruturais, e os fatores externos, de natureza social e consideram que, embora não deixe de ser relevante a distribuição de informação no discurso, o fator funcional tem importância menor, se comparado à tendência mecânica da mudança motivada pela pressão do próprio sistema linguístico. (CAMACHO, 2003, p.60)

Segundo García (1985 *apud* CAMACHO, 2003, 2010), pela perspectiva de Labov e Weiner (1983), o conceito de "escolha" fica obscurecido, pois equivale ao de "variante livre"; haveria a ocorrência aleatória de formas equivalentes, e os desvios dessa distribuição hipotética seriam devidos ao efeito condicionador de diferentes contextos. Para García, os estudos variacionistas que adotam essa visão deixam definitivamente de lado o valor comunicativo das formas. Sob essa perspectiva, o falante nunca faz uma escolha, o que é absolutamente paradoxal dentro de um enfoque para o qual seria supostamente básica a natureza social da linguagem (CAMACHO, 2003, p.61).

Na nossa pesquisa, julgamos viável dispensar um tratamento variável ao fenômeno por identificarmos, no dialeto riopretano, a coexistência de formas analíticas e sintéticas na codificação de futuro. Contudo, diante do questionamento sempre possível sobre a viabilidade de investigação da variação acima do nível fonológico, cabe-nos indagar: seriam, de fato, futuro sintético e analítico variantes de uma mesma variável, já vez que assumimos,

anteriormente (cf. cap.01), diferenças semânticas entre essas formas?

Para Bentivoglio (1987, p.14), nenhuma posição extremada é adequada: nem a que aceita totalmente variação nos estudos sintáticos, nem a que a rejeita. De acordo com a autora, o mais prudente é adotarmos uma posição eclética de forma a beneficiar nossas análises sintáticas com o que aprendemos tanto do variacionismo quanto com das diferentes correntes funcionalistas.

Assim, a fim de buscarmos explicações linguísticas e extralinguísticas que caracterizem nosso fenômeno, independentemente de se tratar de um caso de variação *strictu sensu*, optamos por realizar a análise Sociolinguística "afrouxando" o conceito de equivalência semântica, como propõe Lavandera. Consideramos, pois, futuro sintético e futuro analítico variantes de uma mesma variável, já que pertencem a um mesmo domínio funcional, o de marcação de Tempo Futuro (Presente/Pretérito), cumprindo, portanto, o princípio de *igualdade* ou *comparabilidade funcional* (LAVANDERA, 1978).

Conforme já apresentado anteriormente, a perífrase verbal em estudo será analisada na interface Sociolinguística/Gramaticalização. Essa opção de trabalho teve como motivação o fato de que a maior parte das pesquisas sobre Gramaticalização, principalmente as que se desenvolvem sob o paradigma do funcionalismo norte-americano, centram-se apenas nas motivações internas que propiciam a mudança linguística; ou seja, prendem-se apenas ao fenômeno em si. Não levam em consideração fatores sociais, que deveriam ser explorados com a mesma densidade, já que a motivação para a mudança linguística está na necessidade comunicativa do falante em um determinado contexto sociocultural (MEILLET, 1912).

Segundo Lima-Hernandes (2005, p.33), “não se pode conceber que a dinâmica de um processo de mudança linguística corra à margem de uma movimentação social”, pois é o falante que, na busca em ser mais expressivo, criativo e econômico linguisticamente, introduz, na língua, novas variantes, que concorrendo entre si podem consolidar a mudança quando o

uso de uma delas predominar e o da outra cair em desuso. Entretanto, alerta a autora que não são somente fatores externos os responsáveis pelo desencadeamento da mudança, “o próprio sistema linguístico motiva o processo que mantém a dinamicidade intrínseca da língua”. (LIMA-HERNANDES, 2005, p.32)

Embora reconheçamos as incompatibilidades entre Sociolinguística e Funcionalismo (LABOV, 1994), principalmente no que tange às motivações que desencadeariam a mudança – Sociolinguística: motivações sociais, estruturais e mecânicas e Funcionalismo: motivações funcionais ligadas ao uso –, essas não impedem um tratamento sociofuncional pelo fato de também existirem compatibilidades, principalmente quando consideramos o *Princípio da Estratificação* (HOPPER, 1991). Esse princípio sugere que novas formas/camadas que surgem na língua não excluem, necessariamente, as anteriores, pelo contrário, elas podem coexistir e competir na codificação de um mesmo domínio funcional. De acordo com Gorski e Tavares (2009), quando aproximamos as terminologias temos que *camadas funcionais* correspondem às *variantes sociolinguísticas*. Destacam as autoras,

Ao estudar variação, estamos analisando uma etapa da mudança em que convergem os percursos de gramaticalização; ao estudar gramaticalização estamos averiguando diferentes etapas de variação ao longo do tempo (GORSKI & TAVARES, 2009, p.13).

Esse postulado é claramente aplicável ao nosso fenômeno em estudo, no seguinte sentido: temos que a perífrase verbal *ir+infinitivo* concorre com a forma sintética (Futuro do Presente/Futuro do Pretérito). Ao considerarmos o princípio de estratificação, pode-se dizer que a forma analítica é uma nova camada que foi fundida a uma camada anterior (futuro sintético), ambas integrantes de um mesmo domínio funcional; essas camadas coexistem e se alternam em uso. Na estratificação, a forma sintética não participa diretamente da gramaticalização do verbo pleno *ir*, mas, é resultado de outro processo de Gramaticalização (construções latinas com *habeo*), e passa, nesse contexto de marcação de futuro, a coexistir com a perífrase verbal *ir+infinitivo* (NARO & BRAGA, 2000).

É interessante também apresentar a reflexão feita por Gorski e Tavares (2009) acerca do conceito de *mudança* para a Sociolinguística e para a Gramaticalização. De acordo com as autoras, a *mudança*, na perspectiva laboviana, só acontece quando há a disseminação da inovação ao longo da comunidade de fala; não é, portanto, a inovação em si. Diferentemente ocorre na gramaticalização, em que a *mudança* refere-se tanto ao surgimento das inovações quanto à sua propagação social; a mudança bem sucedida contém essas duas etapas. Essas diferenças de abordagem se devem, segundo as autoras, às preocupações centrais de cada teoria: no caso da Teoria da Variação e Mudança, com um significado e as diferentes formas que o codificam e, no da gramaticalização, com uma forma que desempenha diferentes funções. Apresentam ainda as autoras um dado bastante relevante para justificar um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização: enquanto na teoria Sociolinguística, *a mudança decorre da variação*, na perspectiva da gramaticalização, *a variação é que decorre de mudança*, porque, sob a perspectiva da Gramaticalização, averigua-se o percurso evolutivo de um dado item que, no decorrer de sua trajetória, adquire múltiplas funções. Se uma ou mais dessas funções já estiverem sendo desempenhadas por outro item, ocorre uma situação de variação. Assim, a variação é consequência da multifuncionalidade de um item em processo de Gramaticalização.

Esperamos, por meio desta explanação teórica, ter deixado clara a viabilidade de analisarmos a construção *ir+infinitivo* sob uma perspectiva sociofuncional.

CAPÍTULO III

A GRAMATICALIZAÇÃO DAS CATEGORIAS VERBAIS E DE *IR+INFINITIVO*

1. Trajetória de gramaticalização das categorias verbais e de *ir+infinitivo*

Amparados em estudos anteriores (BYBEE, 1985) sobre a ordem universal de ocorrência e conseqüente ordem de gramaticalização de morfemas verbais flexionais, hipotetizamos, com base em indícios sincrônicos, que a gramaticalização da perífrase *ir+infinitivo* esteja ocorrendo em um processo maior de gramaticalização das categorias verbais. Contudo, antes de detalharmos essa hipótese, dedicamo-nos, em um primeiro momento, à apresentação das noções de *Tempo*, *Aspecto*, *Modo/Modalidade* (TAM), imprescindíveis para o desenvolvimento deste trabalho, já que se trata de funções que se atualizam em *ir+infinitivo*. De acordo com Givón (1995), essas categorias verbais são componentes universais nas línguas e interagem formando um domínio funcional complexo. Tal complexidade é decorrente da ausência de limites claros entre essas categorias, o que gera, muitas vezes, sobreposições de valores. A seguir, apresentamos a definição de cada uma das categorias.

1.1 A categoria Tempo

Para tratarmos de Tempo, é importante que façamos antes uma distinção dos conceitos que essa noção recobre. De acordo com Fleischman (1982, p. 08) há, nas Gramáticas Tradicionais, uma ambigüidade entre *tempo (tense)*, uma categoria gramatical, e *tempo (time)*, uma entidade fundamentalmente experiencial, um construto mental. Essa ambigüidade é conseqüência, segundo a autora, da prática de denominar *tenses* de acordo com a seqüência de tempo (*time*) linear: passado, presente e futuro. *Tense* e *time* são, portanto, “tempos” diferentes e possuem características muito particulares: *time* é mais abstrato, mais psicológico, é o tempo que é solidário com o tempo da sentença (BARBARA, 1975 *apud* LONGO, 1990),

enquanto *tense* é mais concreto, mecanizado, equivalente à categoria verbal Tempo. A construção verbal *ir+infinitivo*, foco de nossa pesquisa, ilustra claramente a distinção entre *time* e *tense*, à medida que pode ser conjugada, por exemplo, no *tense* de presente para expressar *time* de futuridade, como mostra (16), ou ainda, terá valor atemporal ou de habitualidade, quando codificar Aspecto Imperfectivo Iterativo, como em (17).

(16) *o apartamento da minha vó... vô(u) descrevê(r) ele pra você* (AC-022; DE; L.287)

(17) *por enquanto ele num tá estudan(d)o mas ele chega já vai dormí(r) porque... ele chega muito cansado...* (AC-022; NE; L.206)

Observe-se que tanto em (16) quanto em (17) o verbo *ir* ocorre flexionado no Presente do Indicativo, com a diferença de que em (16) expressa Futuro do Presente, parafraseável por futuro sintético (*vou descrever = descreverei*), enquanto em (17) o valor que se sobressai é aspecto iterativo, razão pela qual a paráfrase por futuro sintético não é possível.

Para Fleischmann (1982), *tense* geralmente expressa não o fluir do tempo nem sua segmentação, mas simplesmente a sequência de eventos – anterioridade, simultaneidade e posterioridade. Comrie (1976, p. 02) postula que *tense* relata o tempo (*time*) da situação tomando como referência outro tempo, geralmente o momento da fala. Por localizar o *time* da situação relativamente à situação de enunciação, descreve-o como categoria dêitica. Já Lyons (1977) define *tense* como a categoria resultante da gramaticalização da referência dêitica temporal. Fleischmann (1982) assim o define,

tense é uma categoria gramatical dêitica, marcada formalmente por um afixo, partícula, auxiliar etc, que tem, como função primordial, marcar sequências de eventos em relação direta ou indireta com um ponto temporal zero, que é o momento do evento de fala. *Tense*, em outras palavras, marca as relações seriais obtidas por meio dos três pontos de orientação: momento do evento (E), momento da fala (S) e o ponto de referência (R) (FLEISCHMANN, 1982, p.10).¹²

¹² *tense* will be defined as a *deictic* category of grammar, marked formally by an affix, particle, auxiliary, etc., whose primary function is to mark sequence of events in direct or indirect relation to a temporal zero-point, which is the moment of the speech event. *Tense*, in other words, marks the serial relationships obtaining among three orientation points E, S, and R (FLEISCHMANN, 1982, p.10).

Essa visão de tempo tem como base a teoria temporal de Reichenbach (1947) e é, sem dúvida, uma noção mais ampla do que a definição segmentada de tempo físico e tempo psicológico. Partindo da Teoria da Relatividade Especial de Einstein, a qual postulava, basicamente, a relatividade existente na percepção do evento, em que o tempo só pode ser definido com relação a um observador, Reichenbach esclareceu contradições que existiam entre lógica e língua natural naquela época. Nas palavras do filósofo:

Há uma classe de descrição (verbo) em que o indivíduo se reporta por ato de fala. Nós temos palavras especiais para indicar essa referência; palavras como "eu", "você", "aqui", "agora", "esse". Da mesma maneira são os **tempos verbais**, porque **determinam o tempo (time) pela referência ao momento em que as palavras são pronunciadas** (REICHENBACH, 1947, p. 284).¹³ (grifo nosso)

Em seus estudos, Reichenbach apontou como característica fundamental dos morfemas de tempo (*tenses*) a capacidade de relacionar cronologicamente três tempos ou momentos estruturalmente relevantes para sua compreensão, a saber:

- (i) *Momento da fala* (MF): é o momento da realização da fala; o momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação); é o tempo da comunicação.
- (ii) *Momento do evento* (ME): é o momento em que se dá o evento (processo ou ação) descrito; é o tempo da predicação.
- (iii) *Momento/Ponto de referência* (MR): é o tempo da referência; o sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME.

Para Corôa (2005, p. 39), dentre os três momentos temporais apresentados por Reichenbach, o MR é o mais complexo deles, pois sua natureza teórica faz com que seus contornos sejam menos concretamente percebidos. Sua incorporação ao sistema linguístico, segundo a autora, é consequência direta da visão relativa de tempo adotada depois de Einstein.

¹³ There is a class of description in which the individual referred to is the act of speaking. We have special words to indicate this reference; such words are "I", "you", "here", "now", "this". Of the same sort are the **tense of verbs**, since they **determine time by reference to the time when the words are uttered** (REICHENBACH, 1947, p.284).

As diferentes combinações entre os pontos temporais traduzem as diferentes interpretações temporais (passado/presente/futuro) de um determinado evento. Ilari (1997, p. 16) promove uma transposição das fórmulas de Reichenbach para as ideias correntes na tradição gramatical sobre os tempos verbais, a saber.¹⁴

(i) Presente:	$MF = ME = MR$
(ii) Futuro do Pretérito:	$MF \leftarrow MR; ME \leftarrow MR$
(iii) Pretérito mais que Perfeito:	$MF \leftarrow MR; ME \rightarrow MR$
(iv) Pretérito Imperfeito:	$MF \leftarrow MR = ME$ (ou $MF = MR \leftarrow ME$)
(v) Pretérito Perfeito:	$MF = MR \leftarrow ME$ (ou $MF \leftarrow MR = ME$)
(vi) Futuro:	$MF = MR \rightarrow ME$ (ou $MF \rightarrow MR = ME$)

As três últimas formas, segundo Ilari, não podem ser dadas como definitivas, pois há de se levar em consideração, para sua formulação, os fatores que incidem na interpretação temporal das sentenças.

É importante também apresentar as considerações de Fleischmann (1982, p. 10) sobre a existência de tempos absolutos e relativos. De acordo com a autora, um falante pode localizar, no tempo, um evento considerando-o diretamente, a partir do momento da fala, resultando o Tempo Absoluto, ou indiretamente, quando o considera a partir de um ponto de referência que pode anteceder, suceder ou coincidir com o momento da fala, resultando o Tempo Relativo. Segundo Fleischmann, o Tempo Absoluto é dêitico no sentido mais imediato de localizar o tempo do evento em uma relação direta com o falante; ocorrem com mais frequência em sentenças simples e independentes, e o evento descrito pode ser anterior, posterior ou simultâneo ao MF. O Tempo Relativo localiza o tempo de um evento, tipicamente, em sentenças dependentes, em relação a um ponto de referência estabelecido, geralmente, na oração principal. Eles podem se apresentar como anteriores, posteriores ou simultâneos ao MR.

Ao transpormos os conceitos de Fleischmann para nosso objeto de estudo, é possível

¹⁴ Nas fórmulas temporais de Ilari, o símbolo “=” corresponde a simultaneidade, “←”, a posterioridade e “→” a anterioridade.

associarmos o Futuro do Presente sintético a Tempo Absoluto e o Futuro do Presente analítico a Tempo Relativo. A forma sintética de Futuro do Presente seria um Tempo Absoluto, porque o evento futuro é sempre considerado em relação ao momento da fala (MF - MR, ME); o momento do evento "destaca-se nitidamente do presente com o qual opera uma ruptura" (IMBS, 1960, p.45 *apud* BALEEIRO, 1988); trata-se de um futuro que ocorre em uma época autônoma em relação ao presente, já que não se considera qualquer começo de execução de estado de coisas no presente. Já a forma analítica do Futuro do Presente, associada a Tempo Relativo, toma como referência o presente psicológico do falante (MF, MR - ME), o estado de coisas futuro é visto como uma "continuidade" do presente, o que Fleischmann (1982) denomina *Relevância do Presente. Ir+infinitivo*, portanto, "coroa um processo cursivamente considerado, em vez da expressão 'absoluta' ou autônoma de um processo por vir, desligado do momento atual" (CÂMARA JÚNIOR, 1956, p. 35).

Já o Futuro do Pretérito, independentemente da forma que assume, se sintética ou analítica, é um tempo sempre relativo, pois o evento é futuro em relação a um ponto de referência estabelecido em um momento anterior ao momento da fala (MR - MF - ME).

Feita essa breve introdução teórica acerca da categoria verbal *Tempo*, passemos a tratar, na próxima subseção, da atualização dessa categoria nas construções *ir+infinitivo*.

1.1.1 A Manifestação do Tempo na construção *ir+infinitivo*

Em nossas ocorrências, para analisarmos o tempo (*time*), consideramos que a expressão temporal não se dá apenas pelo acréscimo de morfemas a um radical ou pela colocação de partículas ou auxiliares, mas também pela presença de outros elementos linguísticos que se combinam para sua realização, como a presença de adverbiais ou algum outro correlato que favoreça a interpretação do tempo na sentença. É todo esse conjunto que permite a interpretação temporal adequada do tempo verbal.

Com base nos estudos de Bárbara (1975 *apud* LONGO, 1990), somente orações asseverativas, aquelas cuja verdade ou falsidade pode ser sempre verificada, podem conter tempo em sua estrutura subjacente; sendo assim, só terá predominância da leitura de tempo a oração asseverativa, ou seja, aquela cujo estado de coisas puder considerado afirmado, mesmo que ainda não realizado. Assim, em nossas ocorrências de *ir+infinitivo* foram consideradas predominantemente temporais, orações com nuances modais epistêmicas de certeza, porque o evento, embora apresentado como futuro, tem sua realização afirmada. Expomos, em (18), os contextos que atualizaram funções predominantemente temporais de *ir+infinitivo*.¹⁵

(18) **Funções predominantemente temporais de *ir+infinitivo***

a. **Tempo Futuro Próximo (MF, MR – ME)**

IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO (futuro próximo de uma situação real)

já tô registrado já vai fazê(r) um ano e... e meio... e:: já vai fazê(r) três anos que eu tô lá então pra mim foi muito bom (AC-051; NE; L.108)

IR_{FUT.PRES.IND.} + INFINITIVO (futuro próximo de uma situação irreal)

Por exemplo tá lá éh:: quem irá buscá(r)... éh:: a mãe... tem o nome da mãe e o R.G... (AC-051; RP; L.414)

b. **Tempo Futuro Remoto (MF – ME, MR)¹⁶**

IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO

eu e minha casa serviremos ao Senhor o que que eu quero ma/ de maior nessa vida... sabê(r) que um dia eu vô(u) morrê(r)... e vô(u) tê(r) a eternidade (AC-106; NE; L.258)

c. **Tempo Futuro do Pretérito (MR – MF – ME)**

IR_{PRET.IMPERF.IND.} + INFINITIVO (Futuro em relação a um MR passado)

um moleque maior falô(u) que ia batê(r) nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá (AC-067; NR; L.170)

IR_{FUT.PRET.IND.} + INFINITIVO (Futuro em relação a um MR passado)

ela veio e falô(u) que ela iria tirá(r) essa criança... entendeu?... que ela i/ tava pensan(d)o de abortá(r) essa criança... (AC-072; NR; L.176)

Como se pode notar, todas as funções em que se atualizou a noção de tempo são parafraseáveis pelo futuro sintético. Aprofundamo-nos na análise de cada uma dessas funções no

¹⁵ Nesta representação, o travessão significa anterioridade temporal e a vírgula, simultaneidade.

¹⁶ Nesta representação temporal, PR é simultâneo ao ME. Contudo, a nosso ver, isso não contraria o postulado de Fleischmann de que formas analíticas tomam como referência o presente psicológico do falante, pois é a presença do circunstante que promove a alteração do PR e não a perífrase em si. Aprofundamo-nos nessa análise no capítulo 05.

capítulo cinco deste trabalho.

1.2 A categoria verbal Aspecto

A literatura vigente sobre a categoria verbal Aspecto apresenta uma vasta gama de conceitos, todos eles relacionados à noção de duração de um evento no tempo. Para Travaglia (1982):

Aspecto é uma categoria verbal de Tempo, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que essas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização (TRAVAGLIA, 1982, p. 33).

Já Comrie (1976, p. 03) postula que “o aspecto refere-se às diferentes formas de se ver a constituição interna de uma situação”. Costa (2002, p. 21) define-o como sendo a “categoria linguística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato”. Nessas definições, fica claro que a categoria Aspecto está intrinsecamente relacionada à categoria verbal Tempo, porque ambas são utilizadas na referência ao Tempo; não à categoria tempo (*tense*), mas àquele tempo mais abstrato, denominado *time* por Fleischmann (1982). Embora essas categorias sejam temporais, distinguem-se do ponto de vista semântico, porque, segundo Comrie (1976, p.02-03), Tempo é categoria dêitica que localiza situações no tempo (*time*), geralmente com referência ao momento de fala, enquanto Aspecto tem a ver com a constituição temporal interna de uma situação. Segundo o autor, essas categorias poderiam ser diferenciadas como *tempo interno* (aspecto) e *tempo externo* de uma situação (*tense*). Para Fleischmann (1982, p. 11), Aspecto difere de Tempo em dois sentidos: aspecto é uma categoria não-dêitica e suas distinções semânticas gramaticalizadas dizem respeito a características do evento designados pelo verbo para além do tempo, como sua duração, instantaneidade, completamento, repetição, frequência, inepção, terminação, e assim por diante. Já Costa (2002) assim diferencia essas categorias:

Enquanto a categoria de Tempo trata o fato enquanto ponto distribuído na linha do tempo, a categoria Aspecto trata o fato como passível de conter frações de tempo que decorrem dentro dos seus limites (COSTA, 2002, p. 20).

De acordo com Castilho (2002), o aspecto, enquanto categoria linguística, não dispõe de morfologia própria na língua portuguesa, e, por isso, o falante se vale de vários recursos linguísticos para expressá-la: sentido do lexema (*aktionsart*), elementos morfossintáticos ou sintático-semânticos (sufixos, adjuntos adverbiais, orações adverbiais, repetições de verbos, perífrases verbais, complementos verbais), e, até mesmo, o discurso, já que algumas condições discursivas, uma vez verificadas, favorecem a emergência do aspecto.

Em nosso trabalho, a função aspectual é percebida, principalmente, no discurso, com a descrição de situações habituais, ou pela presença de adverbiais com valor de iteração. A ocorrência (19) ilustra esse modo de apreensão, já que o valor de habitualidade é identificado discursivamente, por meio da oração adverbial temporal encabeçada pela conjunção *quando* que, neste contexto, tem valor de *toda vez que*, e não na perífrase em si.

- (19) *na hora de louvor aquilo é... ¹⁸[maravilhoso] ¹⁸[Doc.: maravilhoso] MARavilhoso... é um show... eu CHORO quando eu **vô(u) cantá::(r)** assim* (AC-106; DE; L.486)

No que diz respeito à tipologia de Aspecto, a literatura é bastante controversa, contudo é ainda possível identificar uma base comum entre as diferentes teorias: a oposição básica entre *perfectividade* e *imperfectividade*.

Comrie (1976, p. 04), ao tratar da tipologia aspectual, propõe a existência de dois tipos básicos de aspecto: o *perfectivo*, em que situação é vista de fora, sem se distinguir qualquer estrutura interna da situação, sem se subdividir o evento em sucessivas fases temporais, e o *imperfectivo*, em que se faz uma referência explícita à estrutura temporal interna de uma situação; em outras palavras, a situação é vista por dentro. O autor apresenta uma subclassificação de oposições aspectuais, conforme mostrado na figura 03 abaixo.

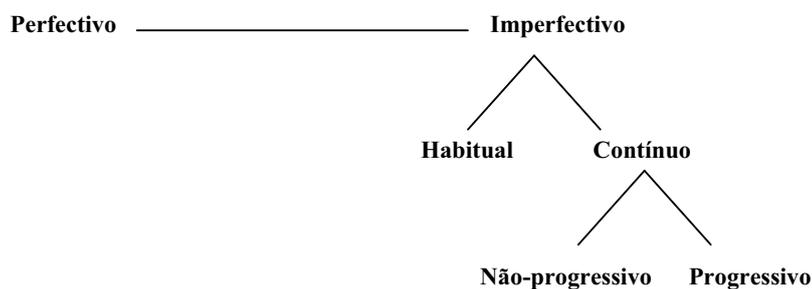


Figura 03: Classificação das oposições Aspectuais (COMRIE, 1976, p. 25)

Para Comrie, o Aspecto *Imperfectivo* pode apresentar-se como *Habitual* ou *Contínuo*. Segundo o autor, *habitualidade* tem sido frequentemente associada à iteratividade, à repetição de uma situação ou sucessivas ocorrências de uma série de instâncias de uma dada situação (COMRIE, 1976, p. 27). Contudo, nem sempre essa associação se sustenta, porque a mera repetição de uma situação não é suficiente para que ela seja referida especificamente como uma forma habitual; se uma situação é repetida por um número ilimitado de vezes, então todas essas instâncias da situação devem ser vistas como ocorrências singulares. Assim, a habitualidade deve ser interpretada como aquela que descreve uma situação que é característica de um período de tempo estendido, enquanto que iteratividade descreve uma situação que se repete, porém o período de tempo não pode ser prolongado. Posicionamento divergente é o de Castilho (2002), para quem, o evento que possui o traço habitualidade será iterativo, independentemente do tipo de repetição.

Já a *continuidade* é uma imperfectividade que não contém habitualidade (COMRIE, 1976, p. 26). Subdivide-se em dois tipos básicos: (i) *imperfectivo contínuo progressivo*, em que a situação é descrita como em progresso por verbos, geralmente, não-estativos, e faz referência a um estado de coisas mais temporário; e (ii) o *imperfectivo contínuo não-progressivo*, que se refere a estados-de-coisas mais ou menos permanentes.

Castilho (2002), ao propor uma tipologia aspectual, reconhece duas faces: uma qualitativa e outra quantitativa. A face qualitativa comportaria dois tipos básicos de Aspecto:

- (i) Aspecto *Perfectivo*, em que o começo da ação coincide com seu desfecho, sendo irrelevantes as fases de seu desenvolvimento. Nesse tipo, os verbos são, frequentemente, de *Aktionsart* télica ou global, ou seja, verbos de ação acabada e que podem manifestar tanto noções pontuais quanto resultativas.
- (ii) Aspecto *Imperfectivo*, em que o estado de coisas codificado na predicação é iniciado, porém não terminado; exprime, portanto o traço [+ durativo] e é expresso por verbos de *Aktionsart* atélico ou não-concluído. É possível, assim, reconhecer diferentes fases de processamento do *Imperfectivo*: uma fase inicial (imperfectivo inceptivo), uma fase medial (imperfectivo cursivo) e uma fase final (imperfectivo terminativo).

E a face quantitativa, comportaria outros dois tipos de Aspecto:

- (i) *Semelfactivo*, quando se tratar de ocorrências de estado de coisas singular;
- (ii) *Iterativo*, quando se tratar de ocorrências de estado de coisas que dão a noção de pluralidade, reiteração, habitualidade.

Embora Castilho reconheça essas duas faces aspectuais, adverte que seria um erro pensar que as predicações encaixam-se inequivocamente em uma ou outra face. Ao contrário disso, afirma que as expressões linguísticas podem se combinar entre os planos acima separados.

É interessante salientar que Castilho aborda, dentro da definição de aspecto perfectivo, a propriedade semântica aspectual Telecidade. Essa noção é muito frequente e também bastante controversa entre os estudiosos da área. Castilho entende por atélico um evento acabado. Já Comrie (1976, p. 45) postula que uma situação télica é aquela que envolve um processo que conduz a um ponto terminal definido. Assim, um estado de coisas durativo (imperfectivo) que tenha um ponto terminal definido no enunciado será atélico para Comrie e atélico para Castilho.

Como se pode constatar, não há consenso entre os estudiosos da área quanto à tipologia e às propriedades semânticas aspectuais. Tendo em vista essa incompatibilidade teórica, optamos, em nosso trabalho, por adotar a perspectiva teórica de Castilho (2002), que, além de apresentar uma tipologia mais “enxuta”, oferece conceitos que vêm mais ao encontro

das funções aspectuais que pudemos identificar em nosso *corpus* de análise.

Uma vez apresentados os conceitos primordiais da categoria verbal ASPECTO, dedicamo-nos, na próxima seção, a demonstrar a atualização dessa categoria nas construções *ir+infinitivo*.

1.2.1 A manifestação do Aspecto na construção *ir+infinitivo*

É amplamente discutido entre os estudiosos da categoria verbal Aspecto se há ou não atualização do Aspecto no tempo verbal futuro. De acordo com Castilho (2002), formas de futuro bem como as perífrases de *ir+infinitivo* parecem, aparentemente, bloquear a manifestação do aspecto. Tal constatação é feita com base nos estudos de Castilho (1968), em que o autor afirma que as noções modais, intrínsecas ao valor de futuridade, são as responsáveis pela não atualização de aspecto no tempo futuro.

Travaglia (1982) afirma também que os tempos de futuro em si, normalmente, restringem a atualização dos aspectos, e isso se deve a duas razões: o tempo futuro atribui à situação uma realização virtual que enfraquece as noções aspectuais que estão sendo atualizadas, dificultando suas percepções ou mesmo anulando-as; os tempos de futuro têm um valor modal, proveniente de seu valor de futuro, que restringe a expressão do aspecto (TRAVAGLIA, 1982, p. 153). Contudo, como aponta o próprio autor mais adiante em seu trabalho, podem-se encontrar ocorrências em que o Aspecto se atualiza no tempo futuro, não por ação da flexão temporal, mas pela interferência de outros recursos de expressão que fazem atualizar a categoria Aspecto, tais como as perífrases, os adjuntos adverbiais, semantemas do verbo e a repetição do verbo. O autor salienta que, quando se tem aspecto no tempo futuro, a situação apresentada como futura normalmente é presente ou passada em relação à outra situação ou a um dado momento expresso por um adjunto adverbial de tempo (TRAVAGLIA, 1982, p. 288).

Tal possibilidade vem a mostrar que o aspecto não é tão incompatível com o futuro no português como se pensava, mas sua percepção exige uma análise atenta do analista, que deve perceber todas as possíveis manifestações do Aspecto para além da flexão verbal.

Em nossas ocorrências, verificamos a atualização do aspecto nas faces qualitativa e quantitativa, conforme contextos apresentados em (20).

(20) **Funções Aspectuais de *ir+infinitivo***

a. **Aspecto Perfectivo (evento acabado)**

IR_{PRET.PERF.IND.} + INFINITIVO (= manifestação de passado)

aí:: nós mudô(u) dali... aí nós fomo(s) morá(r) lá:: no Bela Vista numa chacrinha lá né?... (AC-015; NE; L.154)

b. **Aspecto Imperfectivo Semelfactivo Inceptivo (evento não acabado com foco em seu início)**

IR_{PRET.PERF.IND.} + INFINITIVO (= manifestação de passado)

na hora que ele tava chegan(d)o perto do ponto que ele foi levantá(r) que ele sentiu que tinha sentado em cima d'uma carte(i)ra né?... (AC-035; NR; L.178)

IR_{PRET.IMPERF.IND.} + INFINITIVO (= manifestação de passado)

ele se trancô(u) no quarto falan(d)o que ia dormí(r) aí quando meu amigo foi vê(r) ele tava ten/ ele tem/ ia acendê(r) um cigarro pra pra fumá(r)... (AC-001; NR; L.91)

IR_{PRET.IMPERF.IND.} + INFINITIVO (= manifestação de futuro)

minha mãe engravidô(u)... num tinha nem um ano de namo::ro ela ainda fazia::... de casado desculpa... ela ainda fazia::... tava na esco::la... ela ia fazê::(r) magisté::rio... então no último aí ela engravidô(u) (AC-046; NR; L.227)

c. **Aspecto Imperfectivo Semelfactivo Cursivo (evento não acabado com foco em seu curso)**

IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO (= manifestação de futuro)

apesar de tudo ela disse que sem::pre amô(u) ele que sempre vai amá(r)... apesar da mor::te dele né?... (AC-038; NR; L.139)

d. **Aspecto Imperfectivo Iterativo (evento não acabado com foco em sua habitualidade/iteratividade)**

IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO (= atemporal)

eu já che::go vô(u) limpá(r) a mi::nha cozinha vô(u) cuidá(r) da jan::ta [Doc.: uhum ((concordando))] marido chega tipo se::te sete e me::ia... (AC-032; DE; L.147)

IR_{PRETIMPERF.IND.} + INFINITIVO (= habitualidade no passado)

Quando eu ia dormí(r) à noite ele tentava mexê(r) comigo... aí um dia eu cheguei na minha mãe contei pa minha mãe minha mãe NÃO acreditô(u)... (AC-032; NE; L.21)

Na maioria das ocorrências em que se atualizou Aspecto, as construções *ir+infinitivo* não são alternantes de futuro sintético, ou seja, não são variantes na codificação de futuridade

do PB. Contudo, em alguns casos de Aspecto Imperfectivo Inceptivo e Imperfectivo Cursivo, essa alternância foi constatada, ainda que em minoria, conforme mostraremos em nossas análises no capítulo 05. Isso vem a ratificar nossa hipótese de que tempo futuro não bloqueia aspecto, embora essa coocorrência seja bem menos frequente do que com Modo/Modalidade, por exemplo.

1.3 A categoria verbal Modo/Modalidade

De acordo com Bybee (1985) Modo e Modalidade são termos usados para designar uma vasta variedade de funções linguísticas que têm sido discutidas de um ponto de vista lógico e semântico. Segundo a linguista, Modo é uma marca do verbo que assinala como o falante se mostra para colocar a proposição dentro do contexto discursivo. Esse conceito é bastante genérico, mas foi assim formulado intencionalmente para que recobrisse tanto marcas de força ilocucionária quanto marcas de graus de comprometimento do falante com a verdade da proposição, Modalidade, portanto.

Já para Hengeveld (2004), a categoria morfológica de *modo* compreende todos os elementos gramaticais que operam sobre uma proposição que não estão diretamente ligados com a situação de um evento do mundo real, como concebido pelo falante. O autor partilha do ponto de vista de Bybee (1985), no que diz respeito ao estudo da modalidade e da força ilocucionária como subjacentes ao do modo.

Palmer (1986), distingue *modo* e *modalidade*, ainda que haja alguns problemas quanto à terminologia. O autor argumenta que a distinção pode ser tratada em termos de traços formais (Modo) vs. categorias semânticas (Modalidade), pois o “modo”, embora tenha sua função semântica relacionada ao conteúdo da sentença como um todo, é tradicionalmente restrito à categoria expressa pela morfologia verbal. A distinção entre modo e modalidade seria então similar àquela entre *tense* e *time*, *gênero* e *sexo*.

Independentemente do lugar que é dado à Modalidade, se subjacente ou adjacente ao Modo, há, de acordo com Bybee (1985), uma função comum a ela e a todas as marcas da categoria Modo, que é a de assinalar o que o falante está “fazendo” com a proposição. Por isso essa categoria escopa sempre a proposição inteira.

Bybee, Pagliuca & Perkins (1991, p.23) propõem uma divisão, no domínio da modalidade, em três tipos linguisticamente relevantes:

- (i) *Modalidade Orientada para Agente* (MOA): que inclui valores como desejo, obrigação, permissão;
- (ii) *Modalidade Epistêmica* (ME), incluindo valores de possibilidade e probabilidade;
- (iii) *Modalidade Orientada para o Falante* (MOF), que envolve a identificação de ilocuções imperativas e exortativas.

De acordo com os autores, a MOA pode ser usada para predicar algumas condições sobre o agente com relação ao completamento de uma ação ou evento e, secundariamente, é usada como um ato de fala para impor obrigação a alguém ou para garantir permissão de algo. Como se pode perceber, para os autores, o valor deôntico é apenas mais um, dentre os valores possíveis, desse tipo de modalidade. Já a MOF tem toda a proposição em seu escopo e, mais do que relacionar um agente para um predicado, relaciona o ato de fala à situação discursiva, mostrando o que o falante quer “fazer” com o enunciado. A ME seria aquela que indica “o grau de comprometimento do falante com o que ele diz” (PALMER, 1986, p. 56). A modalidade epistêmica tem em comum com a MOF o fato de indicar o que o falante está “fazendo” com a proposição e, por assim ser, tem também como escopo o enunciado todo.

Os autores argumentam, para justificar a escolha dessa classificação, que, de um ponto de vista diacrônico, é mais correto dizer que MOA desenvolve-se, no decorrer do tempo, nos outros dois tipos de modalidade do que dizer que deôntico se torna epistêmico, porque a noção de deôntico é apenas um dos valores que MOA abrange, já que pode abarcar também valores volitivos. Há, segundo eles, várias razões para hipotetizar que MOA ocorra em

estados iniciais de gramaticalização: primeiro, os mais antigos sentidos documentados dos auxiliares modais do inglês são todos orientados para o agente (*shall* significava estar obrigado ou destinado a, *will* significava querer ou desejar, *may* significava ser fisicamente capaz, *can*, significava saber como); segundo, a semântica da MOA é mais próxima da semântica lexical e, por isso contribui mais para o conteúdo proposicional do enunciado; e, finalmente, MOA tende a possuir mais restrição do que os outros dois tipos, visto que requer um agente animado e geralmente também um verbo de ação.

Hengeveld (2004) propõe que, para a classificação das categorias modais, dois parâmetros devem ser distinguidos: (i) *o alvo da avaliação* de uma distinção modal, que permite distinguir modalidades objetivas das subjetivas; e (ii) *o domínio da avaliação* de uma distinção modal, que distingue as modalidades epistêmica, deôntica e volitiva. Por meio do primeiro parâmetro, avalia-se a parte do enunciado que está sendo modalizada. Nele, distinguem-se os seguintes tipos de modalidade:

- (i) *Modalidade Orientada para o Participante*: afeta a parte relacional do enunciado expressa por um predicado e refere-se à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e o potencial de realização desse evento (cf. FOLEY & VAN VALIN, 1984);
- (ii) *Modalidade Orientada para o Evento*: afeta a descrição do evento contido no enunciado, i.e a parte descritiva de um enunciado, e refere-se à avaliação do estatuto de realidade do evento;
- (iii) *Modalidade Orientada para a Proposição*: afeta o conteúdo proposicional de um enunciado, i.e a parte do enunciado que representa a visão e crença do falante, e refere-se à especificação do grau de comprometimento do falante em relação à proposição por ele apresentada.

Já o *domínio da avaliação* de uma distinção modal é, segundo Hengeveld, a perspectiva da qual a avaliação é feita. Distinguem-se os seguintes tipos de modalidade pela variação da perspectiva:

- (i) *Modalidade Facultativa*: preocupa-se com capacidades intrínsecas ou adquiridas (*John é capaz de nadar.*);
- (ii) *Modalidade Deôntica*: preocupa-se com o que é permissível (legal, social ou moralmente) (*John tem de nadar.*)

- (iii) *Modalidade volitiva*: preocupa-se com o que é desejável (*John quer nadar.*);
 (iv) *Modalidade Epistêmica*: preocupa-se com o que é conhecido (sabido) sobre o mundo real (*John pode estar nadando.*);
 (v) *Modalidade Evidencial*: preocupa-se com o tipo da informação contida na sentença (*John estará nadando.*)

De acordo com Hengeveld, a combinação dos três alvos de avaliação com os cinco domínios de avaliação leva a 15 combinações possíveis de tipos de modalidade, contudo, algumas são logicamente excluídas. A combinação logicamente permitida encontra-se no quadro abaixo.

Domínio \ Alvo	Participante	Evento	Proposição
Facultativo	+	+	-
Deontico	+	+	-
Volitivo	+	+	+
Epistêmico	-	+	+
Evidencial	-	-	+

Quadro 04: Combinação de classificação de tipos de modalidade (HENGEVELD, 2004)

É interessante destacar a nítida aproximação das tipologias Modalidade Orientada para o Participante de Hengeveld (2004) e Modalidade Orientada para o Agente de Bybee, Pagliuca & Perkins (1991). Entretanto, de acordo com Hengeveld, a classificação Modalidade Orientada para o agente não é satisfatória, porque sugere que apenas participantes controladores em eventos dinâmicos podem estar sujeitos a este tipo de modalização, o que não é o caso (*John quer ser jovem novamente*). Dessa forma, justifica a aplicação do termo Modalidade Orientada para o Participante por ser uma classificação mais neutra.

Embora reconheçamos que a classificação proposta por Hengeveld (2004) contemple, com maior profundidade, cada um dos tipos de modalidade por combinar classificações a partir dos parâmetros domínio/alvo, optamos, em nosso trabalho, pela classificação de Bybee, Pagliuca & Perkins (1991), pelo fato de a categoria Modalidade ser apenas um dos tipos de funções que analisamos em *ir+infinitivo*. Ficaria inviável, portanto, ao nosso estudo,

descrever, exaustivamente, cada uma das funções modais que se atualizam na perífrase.

1.3.1 A manifestação de Modo/Modalidade na construção *ir+infinitivo*

Em nosso trabalho, procuramos focar a maneira como a modalidade se configura em construções com *ir+infinitivo*. Já foi constatado que, nessa construção, sempre que houver um valor de tempo futuro, haverá também um valor modal em que estão implícitas a avaliação do falante acerca da necessidade ou da possibilidade da ocorrência de determinado estado de coisas e que, muitas vezes, a leitura modal se sobressairá à leitura temporal.

Em nossos dados foram verificadas ocorrências em que o tempo futuro se combinou com MOA e com ME (certeza/possibilidade). Pudemos verificar que, quando a construção da qual a perífrase faz parte tem um valor modal epistêmico de certeza há o predomínio de uma leitura temporal de futuridade; nas demais construções, com valor modal orientado para o agente e modal epistêmico de possibilidade há o predomínio da leitura modal. Tal fato vem a confirmar a tese de Bárbara (1975) para quem o futuro tem um valor temporal sempre que a veracidade da asserção puder ser comprovada, quando não, verificar-se-á o predomínio da leitura modal. Construções *ir+infinitivo* com valor de MOF também foram verificadas e, embora contenham traço *irrealis*, inibem a leitura temporal de futuridade, já que indicam um convite ou encorajamento ao ouvinte.

Em nossas ocorrências, verificamos a atualização da modalidade, conforme contextos apresentados em (21).

(21) **Funções Modais de *ir+infinitivo***

a. **Modalidade orientada para o agente (desejo, dever, obrigação)**

IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO (= desejo)

foi dali que eu realmente prestei atenção na minha vida... parei pa pensá(r) e falei – “não realmente é música que eu quero... é música que eu vô(u) buscá(r)... (AC-035; NE; L.09)

IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO (= dever/obrigação)

aí::... as pessoas... que tão a sua volta vai fazê(r) o seguinte... vai viran(d)o as cartas entendeu? (AC-035; RP; L.424)

b. **Modalidade orientada para o falante (exortação, pedido, ordem)**

IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO (= exortação)

eles falaram – “ah vamo(s) montá(r) o guerre(i)ro? é::... um jogo:: R.P.G.... (AC-015; RP; L.736)

IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO (= pedido/ordem)

ela tava toman(d)o um refrigerante quebrô(u) a garrafa... e o pai dela falô(u) assim – “vai jogá(r) no rio” (AC-100; NE; L.25)

c. **Modalidade epistêmica de possibilidade (possibilidade, incerteza, dúvida)**

IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO

depende muito da pessoa se a pessoa se ela acredita muito na igreja católica... [Doc.: uhm] ela vai ficá(r) na igreja católica né? (AC-023; RO; L.501)

Como se pode constatar pelas ocorrências acima, as funções modais de *ir+infinitivo* coocorrem com tempo futuro e são alternantes de futuro sintético, exceto a MOF (exortativa). Embora haja a coocorrência de funções, a modal é ainda a predominante, pois se trata de enunciados que não contêm o traço [asseverativo], critério essencial para identificação de leituras essencialmente temporais.

1.4 O universal morfológico de Bybee (1985) e a gramaticalização de *ir+infinitivo*: uma possível correlação

Tendo apresentado de forma sucinta as principais características do complexo TAM e a forma como tais categorias se atualizam nas construções *ir+infinitivo*, passamos ao postulado de Bybee (1985) sobre a ordem universal de ocorrência dos morfemas flexionais.

A autora apresenta, por meio de um estudo tipológico, o comportamento das categorias flexionais *Valência, Voz, Aspecto, Tempo, Modo e Concordância*, analisando a frequência dessas categorias nas línguas do mundo, sua ordenação e efeitos morfo-fonêmicos em relação ao radical. Dentre as categorias abordadas pela autora focamo-nos apenas nas de *Aspecto, Tempo e Modo*, porque são as que estão intrinsecamente relacionadas ao nosso objeto de estudo.

Embora o trabalho de Bybee (1985) esteja direcionado aos morfemas flexionais, parece-nos viável aplicar seus postulados à análise de *ir+infinitivo*, uma vez que o Auxiliar tem um comportamento funcional muito semelhante ao dos morfemas flexionais; são eles os responsáveis por toda a marcação morfológica do grupo verbal. A esse respeito, Hengeveld (2004, p.97) argumenta que é possível que universais do campo da morfologia, como é o caso da posição dos afixos (BYBEE, 1985; HENGEVELD, 1989), sejam aplicados ao campo da sintaxe, na verificação, por exemplo, da posição de Auxiliares em relação ao verbo principal, pelo fato de o universal ter uma base semântica que se reflete tanto na morfologia quanto na sintaxe. A nosso ver, essa base semântica comum que permite que universais morfológicos sejam estendidos a fenômenos morfossintáticos, é o comportamento funcional semelhante de morfemas flexionais e Auxiliares.

De acordo com a Bybee (1985), a categoria verbal Aspecto refere-se exclusivamente a uma ação ou estado descrito pelo verbo. Ela não afeta os participantes nem se refere a eles, razão pela qual se torna a categoria mais relevante para a significação encerrada pelo radical do verbo, porque está mais diretamente ligada ao seu sentido lexical.

Com relação à categoria Tempo, a autora apresenta não ser este tão relevante para o verbo, como é o Aspecto, pois uma distinção temporal não afeta o significado do verbo; a situação referida continua sempre independentemente de seu tempo de ocorrência presente ou passado. Por outro lado, é mais relevante do que categorias como Modo e Concordância.

A categoria Modo/Modalidade tem a proposição em seu escopo, não modifica apenas o verbo. Além disso, argumenta a autora, por expressar a atitude do falante, não tem uma relação direta com a situação descrita pelo verbo. Essas propriedades fazem do Modo, uma categoria menos relevante para o verbo do que o Aspecto e Tempo o são.

Se pensarmos que categorias mais relevantes para o significado do radical do verbo são, conseqüentemente, categorias mais concretas, e que categorias menos relevantes, por

terem um escopo semântico maior, são também mais abstratas, é possível que estabeleçamos uma correlação entre a ordem de ocorrência de morfemas flexionais e a gramaticalização das categorias verbais. Tal correlação aparece em Hengeveld (2010) na seguinte nota:¹⁷

A hipótese de Traugott (1982) é a de que a gramaticalização segue do “menos pessoal” para o “mais pessoal”; Bybee (1985) hipotetiza que a gramaticalização segue do que é “mais relevante” para o que é “menos relevante” para o verbo. (HENGEVELD, 2010, s.p.).

O autor acredita, contudo, que o desenvolvimento diacrônico no campo TAM vai de expressões de menor escopo semântico para expressões de maior escopo semântico e não por outro caminho, perspectiva que pretendemos explorar em trabalho futuro.

Com base nessa correlação, elaboramos o seguinte *cline* de gramaticalização para as categorias verbais Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade:¹⁸

ASPECTO > TEMPO > MODO/MODALIDADE
 ----->
 [-gramatical] ----- [+ gramatical]

Figura 04: Cline de gramaticalidade das categorias do complexo TAM (BYBEE, 1985)

A partir de evidências sincrônicas, sugerimos, em nossa análise, que conforme a construção *ir+infinitivo* se gramaticaliza, as funções semântico-pragmáticas que vão se atualizando durante esse processo acompanham essa ordem “universal” de gramaticalização das categorias verbais flexionais. Para estabelecermos essa relação, relacionamos o grau de gramaticalidade de cada *type* de *ir+infinitivo* com a escala universal de gramaticalização das categorias verbais flexionais TAM, construída com base nos estudos de Bybee (1985). Essa análise é apresentada no quinto capítulo deste trabalho.

¹⁷ "Traugott's (1982) hypothesis that grammaticalization is from 'less personal' to 'more personal'; Bybee's (1985) hypothesis that grammaticalization is from 'more relevant' to 'less relevant' to the verb.

¹⁸ Interessante apresentar resultados de diferentes estudos do turco no campo de aquisição da linguagem (EKMEKCI, 1979; AKSU-KOÇ & SLOBIM, 1985 *apud* HENGEVELD, 2003, p. 108) os quais mostram que a primeira categoria que dominam as crianças turcas, na aquisição do sistema verbal, é a de aspecto durativo; essa é seguida de tempo passado e, por fim, de modo inferencial. Tais resultados mostram, segundo Hengeveld, que o processo de aquisição de uma língua também respeita a ordem da hierarquia morfológica (BYBEE, 1985), em que ASPECTO > TEMPO > MODO/MODALIDADE.

1. Procedimentos de Análise

Nossa pesquisa considerou preceitos metodológicos associados à perspectiva da Gramaticalização (BYBEE, 2003; LEHMANN, 1995 [1982]; HEINE, 1993) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), já que consideramos viável o tratamento da construção *ir+infinitivo* na interface dessas perspectivas teóricas (cf. capítulo 02).

O presente capítulo encontra-se assim estruturado: na primeira seção (1.1), apresentamos a composição e estruturação do banco de dados IBORUNA, *corpus* adotado em nossa pesquisa, bem como a descrição da subamostra composta; na segunda seção (1.2), abordamos as etapas seguidas para a análise da multifuncionalidade de *ir+infinitivo* (1.2.1), para a análise que buscou aferir o grau de gramaticalidade de cada *type* de *ir+infinitivo* (1.2.2) e, por fim, as etapas seguidas para análise do tratamento variável de tempo futuro (1.2.3); na terceira seção (1.3), descrevemos ainda os procedimentos de quantificação e análise dos dados.

1.1 O *corpus*

Em nossa pesquisa, utilizamos como *corpus* as amostras de fala do Banco de Dados IBORUNA, composto no interior do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), sediado na Unesp de São José do Rio Preto. Trata-se do primeiro banco de dados com amostras do português falado no interior do Estado de São Paulo, coletadas em sete municípios da região noroeste: Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto. Este banco de dados é composto, de acordo com Gonçalves (2008), por dois tipos de amostras de fala: *Amostra Censo* ou *Amostra Comunidade* (AC), coletada de

acordo com os critérios da Sociolinguística laboviana (LABOV, 1972); e *Amostra de Interação* (AI), coletada em contextos interacionais livres, sem o controle de qualquer variável. Em nosso trabalho, valemo-nos apenas do primeiro tipo de amostra, dada a abordagem Sociolinguística de nossa pesquisa.

As entrevistas que compõem a Amostra Censo foram coletadas com rigoroso controle das seguintes variáveis sociais, a saber: *sexo/gênero, faixa etária, nível de escolaridade e renda*, como mostrado no quadro 05, abaixo.

Variáveis	Variantes
1. Sexo /gênero	(1) masculino; (2) feminino
2. Faixa etária	(1) de 7 a 15 anos; (2) de 16 a 25 anos; (3) de 26 a 35 anos; (4) de 36 a 55 anos; (5) + 55 anos
3. Escolaridade	(1) 1º Ciclo do Ens. Fundamental; (2) 2º Ciclo do Ens. Fundamental; (3) Ens. Médio; (4) Ens. Superior
4. Renda	(1) + 25 sal. mínimos; (2) 11 a 24 sal. mínimos; (3) 6 a 10 sal. mínimos; (4) até 5 sal. mínimos.

Quadro 05: Variáveis controladas na constituição da Amostra Censo (GONÇALVES, 2008, p.4)

Do cruzamento dessas variantes resultam as células sociais que definem o perfil de cada informante. Excluídas oito células impossíveis de serem preenchidas (*faixa etária de 7 a 15 anos vs. escolaridade Ensino Superior*), obtem-se o total de 152 informantes, que livremente cederam amostras de suas falas, dirigidas por roteiro de entrevista que visava à produção de cinco tipos de textos diferentes: Narrativa de Experiência Pessoal (NE), Narrativa Recontada (NR), Relato de Descrição (DE), Relato de Procedimento (RP) e Relato de Opinião (RO).

O quadro 06, à página seguinte, apresenta a distribuição dos perfis sociais dos informantes da Amostra Censo.

Dentre os 152 inquéritos que compõem o banco de dados, selecionamos 38, em função do número de variáveis sociais consideradas, para assim atingirmos todos os perfis possíveis dos entrevistados. Os perfis sociais dos informantes de cada uma das 38 amostras selecionadas seguem expostos no quadro 07, também à página seguinte.

RENDA/GÊNERO FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		MAIS DE 25 SM		DE 11 A 24 SM		DE 6 A 10 SM		ATÉ 5 SM	
		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM
7 A 15 ANOS	1º.C EF	001	002	003	004	005	006	007	008
	2º. C EF	009	010	011	012	013	014	015	016
	ENSINO M SUPERIOR	017	018	019	020	021	022	023	024
		-	-	-	-	-	-	-	-
16 A 25 ANOS	1º.C EF	025	026	027	028	029	030	031	032
	2º. C EF	033	034	035	036	037	038	039	040
	ENSINO M SUPERIOR	041	042	043	044	045	046	047	048
		049	050	051	052	053	054	055	056
26 A 35 ANOS	1º.C EF	057	058	059	060	061	062	063	064
	2º. C EF	065	066	067	068	069	070	071	072
	ENSINO M SUPERIOR	073	074	075	076	077	078	079	080
		081	082	083	084	085	086	087	088
36 A 55 ANOS	1º.C EF	089	090	091	092	093	094	095	096
	2º. C EF	097	098	099	100	101	102	103	104
	ENSINO M SUPERIOR	105	106	107	108	109	110	111	112
		113	114	115	116	117	118	119	120
+ DE 55 ANOS	1º.C EF	121	122	123	124	125	126	127	128
	2º. C EF	129	130	131	132	133	134	135	136
	ENSINO M SUPERIOR	137	138	139	140	141	142	143	144
		145	146	147	148	149	150	151	152

Quadro 06: Distribuição dos perfis sociais dos informantes da Amostra Censo.

ESCOLARIDADE/ GÊNERO FAIXA ETÁRIA	1º. CICLO DO E. FUNDAMENTAL		2º. CICLO DO E. FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO		ENSINO SUPERIOR	
	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM
07 a 15 anos	001	006	015	010	023	022		
16 a 25 anos	029	032	035	038	041	046	051	052
26 a 35 anos	059	062	067	072	077	074	083	086
36 a 55 anos	093	090	103	100	109	112	117	114
mais 55 anos	123	128	129	134	141	144	151	146

Quadro 07: Identificação dos perfis sociais dos informantes da subamostra constituída.

Como se observa no quadro 07, as amostras de fala selecionadas nos permitiram controlar, na análise do fenômeno variável, a atuação das variáveis sociais *gênero* (masculino/feminino), *escolaridade* (1º. Ciclo do Ensino Fundamental; 2º. Ciclo de Ensino Fundamental; Ensino Médio; Ensino Superior) e *faixa etária* (07 a 15 anos; 16 a 25 anos; 26 a 35 anos; 36 a 55 anos; mais de 55 anos).

1.2 Sobre a análise de *ir + infinitivo*

1.2.1 Apuração da multifuncionalidade

A primeira fase de nosso trabalho compreendeu a análise da multifuncionalidade da

construção *ir+infinitivo* a partir dos *tokens* encontrados. Nessa fase identificamos: (i) a quantidade exata de ocorrências de cada *type* e (ii) os fatores linguísticos determinantes da multifuncionalidade.¹⁹

Para analisar as diferentes funções de *ir+infinitivo*, nos valem os critérios apresentados a seguir, elaborados com base em análise prévia dos dados extraídos da subamostra da Amostra Censo.

Importante que se diga que, nessa etapa da investigação, visamos apenas à identificação das funções codificadas pela perífrase *ir + infinitivo*, não se tratando, portanto, de análise de regra variável, procedimento que será adotado em etapa posterior, que investiga somente as formas alternantes de codificação de tempo futuro.

Passemos à exposição dos critérios de análise.

Possibilidade de alternância com futuro sintético

Por meio desse critério de análise identificamos, dentre todos os *tokens* de *ir+infinitivo*, aqueles que codificavam futuridade, identificação importante na análise multifuncional, para verificarmos quais as funções atualizadas nas construções *ir+infinitivo* com valor de futuridade e quais as funções atualizadas com outros valores que não o de futuridade. Além disso, esse primeiro critério de análise nos permitiu também selecionar, para a etapa do estudo sociolinguístico posterior, somente os usos alternantes de expressão eminentemente de futuridade.

Valor semântico predominante da construção *ir+infinitivo*

Esse critério de análise permitiu identificar a função predominante da construção de *ir+infinitivo*. As funções identificadas foram: (i) aspecto imperfectivo iterativo; (ii) aspecto imperfectivo inceptivo semelfactivo; (iii) aspecto imperfectivo cursivo semelfactivo; (iv)

¹⁹ *Token* refere-se à qualquer ocorrência de *ir+infinitivo* e *Type*, à função associada à cada ocorrência.

aspecto perfectivo semelfactivo; (v) tempo futuro próximo; (vi) tempo futuro remoto; (vii) tempo Futuro do Pretérito; (viii) modalidade orientada para o falante; (ix) modalidade orientada para o agente; (x) modalidade epistêmica de possibilidade; (xi) marcador discursivo; e (xii) função ambígua.

Tipologia do estado de coisas em que a perífrase está inserida (DIK, 1989)

- Realização [+din] [+con] [+tel]
- Atividade [+din] [+con] [- tel]
- Mudança [+din] [- con] [+ tel]
- Dinamismo [+din] [- con] [- tel]
- Posição [- din] [+con]
- Estado [- din] [- con]

Por meio desse critério de análise, controlamos o tipo de estado de coisas que a predicação que contém a perífrase realiza, porque nuances aspectuais, apreensíveis pelo traço [telicidade], nos permitem assegurar a função atribuída às perífrases que codificam aspecto.

Estatuto sintático da oração em que ocorre a perífrase

- Oração principal de uma encaixada
- Oração encaixada
- Oração principal de uma adverbial
- Oração adverbial
- Oração principal de uma relativa
- Oração relativa
- Oração coordenada ou justaposta
- Oração livre

Este critério de análise visou verificar se funções ligadas ao estatuto mais gramaticalizado do Auxiliar tem um contexto oracional preferido de ocorrência.

Animacidade do sujeito

- [+ humano]
- [+ animado, - humano]
- [- animado, - humano]

Papel semântico do sujeito (DIK, 1989)

- Agente: entidade controladora de uma ação
- Posicionador: entidade controladora de posição
- Força: entidade não controladora, mas instigadora de processo
- Processado: entidade que sofre um processo
- Zero: entidade primariamente envolvida num Estado

Com o controle dos critérios Animacidade e Tipo semântico do sujeito, buscamos verificar, pela frequência de cada *type*, possíveis restrições de combinação da perífrase. A expectativa é a de que perífrases mais gramaticalizadas sejam livres de restrições semânticas sobre seus sujeitos e aquelas menos gramaticalizadas correlacionam-se com tipos mais específicos de sujeito.

Forma verbal (*Tense*) do verbo ir

- Infinitivo
- Presente do Indicativo
- Pretérito Perfeito
- Pretérito Imperfeito
- Futuro do Pretérito
- Futuro do Presente
- Presente do Subjuntivo
- Pretérito Imperfeito do Subjuntivo
- Futuro do Subjuntivo
- Imperativo

Distância temporal entre o MF e o ME

- Remoto
- Próximo
- Anterior
- Atemporal
- Futuro em relação a um tempo passado
- Futuro de uma situação irreal

Os critérios de análise Forma Temporal do verbo *ir* e distância temporal entre MF e o ME permitiram verificar os correlatos formal e semântico das perífrases, relativamente à manifestação da temporalidade. O distanciamento temporal entre o momento da fala (MF) e o momento do evento (ME) pode motivar o predomínio de uma determinada função de

ir+infinitivo. A expectativa era a de que a determinação da temporalidade permitiria checar não somente os casos de futuridade, que é o valor mais relevante para nossa investigação, mas também distinguir nuances aspectuais, mais nitidamente apreensíveis em formas de pretérito e atemporais.

Pessoa e número do sujeito gramatical

- 1^a. pessoa do singular
- 2^a. pessoa do singular
- 3^a. pessoa do singular
- 1^a. pessoa do plural
- 2^a. pessoa do plural
- 3^a. pessoa do plural

A expectativa era a de que a utilização da 1^a. pessoa favorecesse a variante analítica, já que o falante, ao se valer da 1^a. pessoa, compromete-se mais com a realização de um evento futuro. Comprometimento do falante relaciona-se à modalidade e essa é mais perceptível em formas analíticas.

Transitividade do verbo principal (MONGUILHOTT & COELHO, 2002 apud RUBIO, 2008)

- Verbo inacusativo: seleciona argumento interno, gerado na posição de complemento do verbo (*chegar, sair, morrer*)
- Verbo transitivo: seleciona argumento externo e interno (*desejar, dar, querer*)
- Verbo intransitivo: seleciona apenas argumento externo (*trabalhar, sorrir, telefonar*)
- Cópula: seleciona uma predicação reduzida (*ser, estar* etc).

A proposição desse critério de análise visa apenas a apreender a existência de correlatos sintáticos das funções da perífrase.

Presença e especificação de material inserido ou de pausa entre a perífrase

- | | |
|--------------------------------------|-------------------------------|
| • adverbial temporal determinado | • partículas de reforço |
| • adverbial temporal não-determinado | • pronomes oblíquos |
| • adverbial locativo determinado | • pausa/hesitação |
| • adverbial locativo não determinado | • mais de um tipo de material |
| • adverbial de dúvida | • marcador discursivo |
| • adverbial de afastamento | |

Posição de circunstanciais em relação à perífrase

- CIRC ... V1 V2 : à esquerda, adjacente ou não à perífrase
- V1 V2... CIRC : à direita, adjacente ou não à perífrase
- CIRC ... V1 V2... CIRC : à direita e à esquerda da perífrase
- V1 CIRC V2 : intercalado na perífrase

Os critérios de análise presença e especificação de material ou de pausa entre a perífrase e posição dos circunstanciais permitiram verificar o grau de coesão da perífrase. A presença de qualquer material interveniente entre V1 e V2 pode revelar que o grau de integração da perífrase é baixo, conforme parâmetro Conexidade de Lehmann (1995 [1982]). O controle do tipo de material interveniente e a posição em que ele ocorre são fatores relevantes porque podem determinar a interpretação semântica do auxiliar na perífrase, causando, muitas vezes, ambiguidade entre leitura de deslocamento e de futuridade. Além disso, presença de circunstanciais revela estágios mais anteriores da gramaticalização do auxiliar, ou seja, resquícios da estrutura anterior à reanálise estrutural de *ir+infinitivo*.

Presença de proposições/verbos modais

Esse critério de análise nos pareceu relevante, sob a hipótese de que a presença de proposições ou verbos modais na sentença reforça um determinado valor modal na perífrase.

Tipo de Força Illocucionária da oração (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008)

- | | |
|--------------------------|-----------------|
| • Declarativa Afirmativa | • Interrogativa |
| • Declarativa Negativa | • Proibitiva |
| • Comissiva | • Imperativa |
| • Exortativa | • Exclamativa |
| • Optativa | • Admonitiva |

Buscamos, por meio desse critério de análise, uma correlação entre o tipo de frase em que a perífrase se insere e sua função predominante. Estudos anteriores (BÁRBARA, 1975, *apud* LONGO, 1990) mostraram que somente orações asseverativas podem conter a noção de Tempo em sua estrutura subjacente; buscaremos comprovar esse postulado em nossa análise.

Tipo de discurso em que a perífrase se insere

- direto
- indireto

Tipo de texto

- narrativa (experiência pessoal e recontada)
- descrição
- relato de procedimento
- relato de opinião

Já está mais do que provado que a manifestação de determinados fenômenos são dependentes do tipo/gênero de discurso. É sob tais evidências que controlamos os grupos de fatores tipo de discurso e tipo de texto.

Identificados os *types* de *ir+infinitivo* bem como os fatores linguísticos que favoreceram a emergência de cada um deles, passamos à etapa seguinte de análise, em que aferimos o grau de gramaticalidade de cada *type* da construção verbal em estudo. A metodologia que adotamos, para tal trabalho, encontra-se descrita a seguir.

1.2.2 Grau de gramaticalidade dos *types* de *ir+infinitivo*

Partindo da hipótese de que a multifuncionalidade de *ir+infinitivo* é decorrente da manifestação de diferentes graus de gramaticalização dessa construção, julgamos relevante a identificação dos graus de gramaticalidade de cada *type* de *ir+infinitivo*. Para isso, valemos de dois critérios: (i) o critério da frequência *token* e *type* da construção, norteado pela tendência em gramaticalização de que formas mais gramaticalizadas se tornem mais frequentes no discurso e apresentem um número maior de funções (BYBEE, 2003); e (ii) os critérios de auxiliaridade (HEINE, 1993; LOBATO, 1975; LONGO, 1990; LONGO & CAMPOS, 2002), apresentados no capítulo 2 deste trabalho, os quais permitem estabelecer o grau de conexão (LEHMANN, 1995 [1982]) entre os elementos que compõem uma

construção verbal perifrástica, considerando que quanto maior o número de critérios de auxiliaridade atualizado numa construção, mais gramaticalizada ela estará. Esses critérios foram aplicados às ocorrências prototípicas de cada uma das 12 funções identificadas, visando a compor a escala de gramaticalização dessas funções.

A metodologia encontrada para aferir o grau de gramaticalidade de cada *type* por meio da aplicação dos 10 critérios de auxiliaridade selecionados foi a seguinte:

- (i) ocorrências com atualização de 01 a 03 critérios apresentam baixo nível de gramaticalidade;
- (ii) ocorrências com atualização de 04 a 07 critérios apresentam grau intermediário de gramaticalidade;
- (iii) ocorrências com atualização de 08 ou mais critérios apresentam alto grau de gramaticalidade.

1.2.3 Abordagem variacionista

Vencida as etapas anteriores, passamos, por fim, à análise variacionista, empreendida por meio da verificação de usos alternantes de futuro analítico e sintético.

Dentre todos os *tokens* de *ir+infinitivo*, selecionamos apenas aqueles intercambiáveis pelo futuro sintético (Presente ou Pretérito) e com valores predominantemente Temporais (Tempo Futuro Imediato, Tempo Futuro Remoto e Futuro do Pretérito), já que o foco da análise sociolinguística incide sobre a variação do tempo futuro no dialeto riopretano. A eles somamos as ocorrências de futuro sintético (Presente e Pretérito) encontradas em nosso *corpus* e que eram parafraseáveis pelo futuro analítico.

Em vista da expectativa que tínhamos de encontrar os dois tipos de tempo futuro em nosso *cópus*, postulamos, de início, investigar separadamente Futuro do Presente e Futuro do Pretérito, de modo que teríamos duas variáveis dependentes, às quais se correlacionam as independentes. Assim, as variáveis dependentes assim se definiriam:

Variável dependente 1: Contexto de Futuridade Próxima e Remota (Futuro do Presente)

- Futuro do Presente analítico: IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO (22)
 - Futuro do Presente sintético (23)
- (22) *meus (primo) aí eles que já são mais velhos né? (inint.) ela vai fazê(r) quatorze anos...* (AC-001; DE; L.143)
- (23) *então amanhã nós estaremos in(d)o pra lá ficaremos lá mais uns/ acho que uns dez dias lá pescan(d)o* (AC-093; DE; L. 191)

Variável dependente 2: Contexto de Futuro em relação a um passado (Futuro do Pretérito)

- Futuro do Pretérito analítico: IR_{PRET.IMP.IND.} + INFINITIVO (24)
 - Futuro do Pretérito sintético (25)
- (24) *um moleque maior falô(u) que ia batê(r) nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá e brincade(i)ra lá e começô(u) empurrá(r) ele...* (AC-067; NR; L.170)
- (25) *naqueles dias de eleição... que a gente/ nós somos lembrado... eles são as pessoas MAIS maravilhosas do mundo seria... nem seu pai e sua mãe seria tão bom po cê/ e fa/ e ia sê(r) tão bom pra você quantos eles...* (AC-103; RO; L.464)

Contudo, no momento da seleção dos dados, constatamos que a quantidade de ocorrências de Futuro do Presente sintético, como em (23), era insuficiente para uma análise quantitativa da regra variável do Futuro do Presente. Assim, para essa função, empreendemos apenas uma análise qualitativa dos dados. A análise quantitativa é feita apenas para as formas alternantes de codificação de Futuro do Pretérito, como em (24) e (25), cujo tratamento variável mostrou-se ainda frutífero em nosso *corpus*.

Torna-se importante, neste momento, um último esclarecimento sobre o procedimento que tornou possível a análise variável envolvendo o Futuro do Pretérito. Em nosso trabalho nos dedicamos primeiramente à investigação da multifuncionalidade de *ir+infinitivo*, o que posteriormente facilitou nossa tarefa de identificação da função estritamente temporal variante da forma sintética. Esse procedimento da análise da multifuncionalidade para o futuro sintético não foi realizado, por não ser objetivo do nosso trabalho, o que significa dizer que as ocorrências de futuro sintético selecionadas não se pautaram pelo mesmo rigor metodológico que balizou a seleção de ocorrências de futuro analítico. Assim, foram excluídas da análise

variacionista apenas aquelas ocorrências cuja leitura temporal não era possível de ser apreendida claramente, como apresentamos na seção que segue.

1.2.3.1 Das restrições da análise quantitativa

No levantamento de dados de Futuro do Pretérito, houve, em nossa amostra, ocorrências que não correspondiam ao contexto em estudo (futuro em relação a um passado). Trata-se de construções **IR** PRET.IMP.IND. + **INFINITIVO** e de formas sintéticas no Futuro do Pretérito que, por não exprimirem valor de Tempo Futuro do Pretérito, não foram selecionadas. O primeiro tipo é tratado, na primeira etapa de análise deste trabalho, em que apresentamos a multifuncionalidade da construção *ir+infinitivo*. O segundo tipo merece outro estudo para que se defina, com mais precisão, suas funções.

Elencamos, a seguir, exemplos das ocorrências que foram descartadas da análise variacionista de Futuro do Pretérito.

- **IR** PRET.IMP.IND. + **INFINITIVO** com valor Aspectual Imperfectivo Inceptivo.

(26) *ele se trancô(u) no quarto falan(d)o que ia dormí(r) aí quando meu amigo foi vê(r) ele tava ten/ ele tem/ ia acendê(r) um cigarro pra pra fumá(r)...* (AC-001; NR; L.91)
- **Futuro do Pretérito sintético** com valor de Pretérito Perfeito.

(27) *o carro-forte que prestava serviço na região ofereceu serviço mas... num **seria** necessário porque a gen/ nós num encontrava no no veículo* (AC-103; NE; L.102)
- **Futuro do Pretérito sintético** com valor de Pretérito Imperfeito.

(28) *se ele chegasse num lugar que tivesse alguém que tava a fim de briga... era com ele mesmo ele não pensava duas vez... ele não pensava não sei se **seria** por envolvimento com mulher... ou então pra demonstrá(r)::... o::... como se diz? aqui quem manda sou eu* (AC-103; NR; L.189)
- **Futuro do Pretérito sintético** com valor de Presente: utilizado com função modal de atenuação, uma forma de o falante não se comprometer com o que diz.

(29) *o descaso da saúde segurança pública... eu acho que isso tudo **estaria** mais ou menos vinculado com::... corrupções né?* (AC-093; RO; L. 332)
- **Futuro do Pretérito** com valor Modal Deôntico.

(30) *eu acho que é isso que as escolas **deveriam** fazê(r)...* *TOMArA que façam...* (AC-109; RO;

L.760)

- **Futuro do Pretérito** com valor Modal Epistêmico de Possibilidade.

(31) *se tivesse pego ele **poderia** num tá entre nós hoje né?* (AC-015; NE; L.77)

- **Futuro do Pretérito** em expressão cristalizada.

(32) *ah eu **gostaria** assim de dá(r) minha opinião:: sobre as droga né?... (AC-038; RO; L.246)*

A fim de verificarmos quais fatores linguísticos e sociais influenciam o falante na escolha de uma das variantes, elaboramos o envelope de variação descrito na próxima seção. É importante frisar que, embora entre as formas analíticas e sintéticas de Futuro do Pretérito haja diferenças quanto aos significados estilísticos, elas ainda podem ser consideradas variantes de uma mesma variável, pois possuem "equivalência funcional" (LAVANDERA, 1978).

1.2.3.2 Grupos de Fatores

Variável Dependente

A variável dependente é binária e constitui-se das seguintes variantes: Futuro do Pretérito Analítico, como em (33) e (34), e Futuro do Pretérito Sintético, como em (35) e (36).

(33) *um moleque maior falô(u) que **ia batê(r)** nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá e brincade(i)ra lá e começô(u) empurrá(r) ele... (AC-067; NR; L.170)*

(34) *ele fa/ com/ PROMETEU pro meu irmão que NUNCA MAIS ele **iria colocá(r)**... uma gota de álcool na boca... (AC-072; NE; L.91)*

(35) *com as minhas filhas e no momento de falá(r) pra elas eu disse... que:: eu **teria** que tirá(r) o seio elas começaram choRANdo... (AC-134; NE; L.61)*

(36) *eu vô(u) falá(r) como/ como/ como eu **faria** pra sai(r) daqui e chegá(r) na casa do meu pai. (AC-083; RP; L.292)*

Variáveis Independentes

Variáveis Sociais

Para o controle dos grupos de fatores extralinguísticos, mantivemos a estratificação dos informantes, de acordo com a segmentação dos fatores propostos para a composição do Banco de Dados IBORUNA. Consideramos o controle dos fatores sociais tão importantes para a caracterização de um fenômeno linguístico quanto o são os fatores linguísticos, pois a mudança inicia-se não apenas pela pressão do próprio sistema linguístico, mas também pela necessidade do falante que, na busca em ser mais expressivo, criativo e econômico linguisticamente, introduz, na língua, novas formas para noções já existentes no sistema linguístico. Nesta pesquisa, controlamos as variáveis externas estratificadas em idade, sexo/gênero e escolaridade.

Idade

- 07 a 15 anos
- 16 a 25 anos
- 26 a 35 anos
- 36 a 55 anos
- mais de 55 anos

Consideramos importante o controle deste grupo de fator, pois nos permite constatar se o fenômeno em estudo é um caso de variação estável ou de uma mudança em curso. Partindo da hipótese de que seria um caso de mudança em curso, dada a frequência maior com que a forma analítica ocorre em relação à forma sintética, o esperado seria que os mais jovens empregassem a forma analítica e que os usos sintéticos se restringissem a falantes mais velhos.

Sexo/Gênero

A maioria das pesquisas que se valem da variável *Sexo/Gênero* mostra que mulheres tendem mais à utilização da forma padrão, sendo, portanto, mais conservadoras em relação à mudança. De acordo com Oliveira e Silva & Paiva (1996, p. 366), existe uma forte tendência de mulheres serem mais sensíveis ao uso de formas linguísticas padronizadas, tanto nos casos de variação estável como nos casos de mudança. Contudo, muitos resultados apontam também que mulheres são inovadoras quando se trata de fenômenos em variação sem estigmatização (OLIVEIRA E SILVA & PAIVA, 1996).

Nosso objeto de estudo parece pertencer ao grupo de variação não estigmatizada, uma vez

que *ir+infinitivo* vem sendo usado em uma vasta gama de contextos, formais e informais. Assim, a proposição desse grupo de fator visa checar se, de fato, mulheres realizam mais a variante analítica, inovadora e não estigmatizada, na expressão de Futuro do Pretérito, do que os homens.

Escolaridade

- 1º. ciclo do Ensino Fundamental
- 2º. ciclo do Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior

Controlamos o grupo de fator *Escolaridade*, sob a expectativa de que as variantes sintética e analítica tivessem um comportamento diferenciado ao longo dos quatro níveis de escolaridade, com a variante conservadora mais restrita ao segmento de maior nível de escolaridade.

Variáveis Linguísticas relacionadas ao Sujeito

Pessoa gramatical e número do sujeito

- 1ª. pessoa do singular
- 3ª. pessoa do singular
- 1ª. pessoa do plural
- 3ª. pessoa do plural

Propusemos esse grupo de fator sob a hipótese de que primeiras pessoas favoreceriam o uso da forma perifrástica e terceiras pessoas favoreceriam o uso da forma sintética. Tal pressuposto baseou-se em duas constatações: (i) ao se colocar na enunciação, o falante revela um "maior compromisso com a realização do fato que está anunciando e, portanto, carrega mais certeza de sua realização" (GIBBÓN, 2000, p. 91). Sabe-se, pela literatura já apresentada sobre futuridade, que noções modais denotadoras de comprometimento do falante com o que é dito são mais bem expressas por formas analíticas; daí nossa expectativa; (ii) ao utilizar a terceira pessoa, o falante se reporta a fatos acontecidos ou que acontecerão a outras pessoas; há assim um menor comprometimento com o que é dito. Por esse motivo, era esperado que formas sintéticas, que têm uma coloração modal menos evidente, coocorressem mais com

sujeitos de terceira pessoa. Não encontramos ocorrências de sujeito de segunda pessoa.

Variáveis Linguísticas relacionadas ao verbo

Padigma verbal

- Regular
- Irregular

Esse fator foi proposto sob duas hipóteses: (i) se há no sistema uma mudança em curso no sentido de o futuro analítico substituir o sintético, isso aconteceria primeiro nas formas verbais regulares e depois nas formas irregulares (OLIVEIRA, 2006) e (ii) pelo fato de verbos irregulares terem padrões especiais de desinências, ficariam estocados na memória do falante como únicos (BYBEE, 2003). Se isso realmente é verdadeiro, então verbos irregulares seriam mais frequentes com formas sintéticas.

Variáveis Linguísticas relacionadas ao verbo e seus argumentos

Concordância sujeito-verbo

Era esperado que a concordância verbal fosse realizada mais com formas sintéticas que analíticas de Futuro do Pretérito, pois se subentende que o falante que realiza concordância na modalidade oral, promove um monitoramento maior de sua fala e talvez se valha mais da forma sintética por ser esta a considerada "correta" pela gramática normativa.

Tipologia do estado de coisas

Foi considerado esse fator pressupondo que eventos do tipo *Ação* favoreceriam a variante analítica, com base na seguinte suposição: (i) a expressão de modo é mais saliente na variante analítica do que na sua contraparte sintética (cf. capítulo 01); (ii) estado de coisa *Ação* envolve um agente que age conscientemente e controla o evento; (iii) por se tratar de evento controlado por um agente, a probabilidade de esse tipo estado de coisas se realizar é

maior do que qualquer um dos outros tipos; (iv) então, na expressão modal, o falante se comprometeria mais com a proposição construída a partir de um estado de coisas *Ação* do que os outros tipos, ainda que esse seja futuro. Outra justificativa que nos levou a hipotetizar que *Ação* favoreceria a variante analítica foi o fato de o verbo *ir* ser um verbo de movimento que conserva esse traço semântico mesmo nas formas perifrásticas. Abaixo, apresentamos cada fator considerado, seguido de uma ocorrência exemplificativa.

- Estado de coisas Ação [+din][+con]

(37) *e nessas quatro mil pessoas assim.: eles iam escolhê(r) (entre) quatro... quatro pessoas apenas [Doc.: uhm] quatro qué(r) dizê(r) a possibilidade seria de mil a um.. (AC-035; NE; L.22)*

(38) *eu vô(u) falá(r) como/ como/ como eu furia pra saí(r) daqui e chegá(r) na casa do meu pai (AC-083; RP; L.292)*

- Estado de coisas Processo [+din] [-con]

(39) *ainda o médico falô(u) assim – “óh... cê ia tê(r) um filho com problema... ia sofrê(r) você e ele” (AC-90; NE; L.60)*

(40) *e ele como era muito ruim ele falô(u) pra ela que ela se virasse pra ELE iria morrê(r) os dois... (AC-059; NE; L.10)*

- Estado de coisas Posição [-din][+con]

(41) *ai eu falei que ele queria vim conversá(r) com ele... e se ele ia permití(r) (AC-046; NE; L.103)*

(42) *por est/ está(r) consciente... e como eu era também o responsável pelo carro-forte... teria eu que ficá(r) ali... já que poderia estar naquele local... (AC-103; NE; L.73)*

- Estado de coisas Estado [-din][-con]

(43) *o médico examinô(u)/ – “nossa agora esse vai sê(r) difícil você engravidá(r) porque... u/ duas trompa tava sen(d)o difícil...” ai com uma (trompa) ia sê(r) MAIS difícil ainda (AC-062; NE; L.66)*

(44) *era muito longe seria... no mínimo uns quatro cinco horas pa chegá(r) até lá... um carro... leve carro::... de passeio seria mais rápido (AC-103; NE; L.86)*

Variáveis Linguísticas relacionadas à oração

Estatuto sintático da oração

Esse grupo de fator foi proposto para checarmos a existência ou não de contextos sintáticos favorecedores da realização de formas sintéticas ou analíticas. Sua proposta teve motivação a partir da leitura de trabalhos de Bybee (2001) acerca do contexto sintático

favorecedor de formas inovadoras e conservadoras, e de Fleischmann (1982) sobre a relação entre *tenses relativos* e tipo sintático da oração.

Bybee (2001) sugere que orações principais são inovadoras e subordinadas, conservadoras. Se o postulado de Bybee se aplicasse em nosso fenômeno de estudo, a forma analítica, inovadora, se faria presente, principalmente, em orações principais.

Já Fleischmann (1982) postula que um *tense* relativo, como Futuro do Pretérito o *é*, localiza o tempo de um evento, tipicamente, em cláusulas dependentes, em relação a um ponto de referência estabelecido, geralmente, na cláusula principal. Se tal postulado fosse verificado em nossa análise, haveria, portanto, o predomínio de orações subordinadas para a atualização desse tempo verbal, restando saber apenas se elas propiciariam a emergência da forma sintética ou analítica.

Pelos postulados de Bybee (2001) e Fleischmann (1982) serem divergentes, instigou-nos a verificar se, de fato, formas analíticas e sintéticas teriam contextos sintáticos favorecedores.

Apresentamos, a seguir, os fatores considerados nessa variável com seus respectivos exemplos.

- Subordinada (encaixada e adverbial)

(45) *no que veio embora o moleque falô(u) que **ia catá(r) o meu irmão...** meu irmão achô(u) que era brincade(i)ra* (AC-015; NE; L.22)

(46) *é muito importante pra mim eu penso que **HOJE... eu num conseguiria sobrevivê(r)...** numa o(u)tra profissão mesmo que eu ganhasse mais... eu poderia até fazê(r) alguma coisa e dá(r) aula* (AC-109; DE; L.505)

- Principal de Subordinada (encaixada e adverbial)

(47) *ela falô(u) se era aquilo que eu queria mesmo então:... que fosse aqui/ se era aquela minha decisão ela me/... **ela num (ia) atrapalhá(r)*** (AC-029; NE; L.48)

(48) *por est/ está(r) consciente... e como eu era também **o responsável pelo carro-forte...** teria eu que ficá(r) ali... já que poderia estar naquele local...* (AC-103; NE; L.73)

- Coordenada ou Justaposta

(49) *nesse dia a gente só ia... trazer **num ia levar...** e eu aguardando o retorno/ a chegada de alguém né?... que seria... responsável... que seria o geren/ o gerente da empresa...* (AC-103;

NE; L.104)

- (50) ... *daí fizeram novos exa::me tudo fizeram... a ultra-som... ai... tava na trompa e tinha que tirá(r) uma trompa ti/ tava morto já... o feto... e teria que tirá(r)... uma trompa...* (AC-062; NE; L.62)

Paralelismo Formal em âmbito discursivo

O grupo de fator *Paralelismo Formal* tem se mostrado bastante relevante dentro dos estudos variacionistas, principalmente sobre concordância verbal e nominal (SCHERRE, 1998; GIBBÓN, 2000; OLIVEIRA, 2006; RUBIO, 2008). O conceito que melhor o caracteriza é o de que *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros* (POPLACK, 1979, p. 80 *apud* OLIVEIRA, 2006).

Scherre & Naro (1993) verificaram que o paralelismo formal pode ser considerado sob duas dimensões diferentes. A primeira, chamada *paralelismo oracional*, busca evidenciar se há correlação entre o tipo de marca existente no sujeito e o tipo de marca existente no verbo. A segunda, chamada *paralelismo discursivo*, busca evidenciar se, em uma construção seriada, a presença de marca no(s) verbo(s) anterior(es) pode levar a um maior índice de mesma marca dentro da oração analisada. Em nosso fenômeno de estudo, checamos a atuação do paralelismo discursivo, pois a repetição das formas de futuro (sintéticas ou analíticas) não ocorrem no interior de uma mesma oração, nas relações entre seus constituintes, mas entre orações subsequentes.

Propusemos este grupo de fator sob a expectativa de que o emprego do Futuro do Pretérito analítico desencadearia outra forma perifrástica subsequente e o uso do Futuro do Pretérito sintético levaria à utilização de outra forma simples. Os fatores considerados neste grupo foram:

- ocorrência única ou primeira de uma série:

- (51) *ai ele falô(u) que num ia sai(r) comigo porque ele ia na Cachaçaria com os colegas dele...* (AC-046; NE; L.56)
- (52) *eu gostaria de aprendê(r)... sô(u) bastante curioso pra aprendê(r) esse curso...* (AC-035; RO; L.475)

- mesma marca de marca anterior
- (53) *porque se ele quisesse assumi(r) alguma coisa ele num ia procurá(r) uma criança... ele ia procurá(r) uma muLhER... uma pessoa mais madu::ra* (AC-022; RO; L.558)
- (54) *eles saindo c'uma profissão... eles num::... pensaria em ro(u)bá(r)... (num) pensaria em matá(r)... em se vingá(r)... porque também vai sabê(r) porque que uma pessoa ro(u)bô(u)... TEM* (AC-051; RO; L.536)
- marca diferente de marca anterior

Não encontramos ocorrências para esse fator que, por esse motivo, foi excluído.

Variável linguística relacionada ao tipo de texto

A hipótese que motivou a análise desta variável foi a de que formas analíticas de Futuro do Pretérito ocorreriam mais em textos narrativos do que em outros tipos, principalmente nos contextos de discurso relatado. A estratificação dessa variável é apresentada a seguir.

- narrativa
- descrição
- relato procedimento
- relato de opinião

1.3 Da quantificação e análise dos dados

De acordo com Labov (1969, p. 728), “o estudo da variação é necessariamente quantitativo, e análise quantitativa envolve, necessariamente, contagem”²⁰. Assim, para quantificação e análise seguras de nossos dados, seja sob a perspectiva da Sociolinguística, seja sob o ponto de vista da Gramaticalização, adotamos, como ferramenta estatística, o Pacote GOLDVARB 2001 (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001), que realiza a análise combinatória dos dados distribuídos pelos vários grupos de fatores, fornecendo percentuais e pesos relativos para todas as variáveis consideradas.

²⁰ “the study of variation is necessarily quantitative, and quantitative analysis necessarily involves counting...” (LABOV, 1969, p.728)

Como a primeira etapa de nossa análise não tem cunho variacionista, pois apresenta apenas a multifuncionalidade de *ir+infinitivo*, realizamos apenas a rodada unidimensional do programa, a fim de identificarmos quais fatores linguísticos correlacionam-se a determinadas funções. Já na segunda fase de análise, realizamos ambos os tipos de rodadas do programa: a da análise unidirecional e da análise multidimensional. Por meio delas, testamos a aplicação da regra variável, examinando o efeito de cada fator individualmente e medindo a influência relativa dos fatores sobre a variável estudada. Por meio do programa GOLDVARB, é possível selecionar como variáveis que influenciam a variável dependente aquelas que atingem o nível de significância (0,05) e que têm *log likelihood* – valor que indica a adequação dos pesos relativos às frequências observadas – mais próximo de zero.

Nossa análise partiu de rodadas com variável binária e teve como regra de aplicação a variante analítica de Futuro do Pretérito, forma inovadora. Na segunda parte do capítulo 5, dedicada ao estudo sociolinguístico, apresentamos apenas resultados relevantes para as variáveis selecionadas pelo Programa GOLDVARB.

CAPÍTULO V

A PERÍFRASE VERBAL IR+INFINITIVO E O FUTURO DO DIALETO RIOPRETANO

O presente capítulo, dedicado às análises quantitativas e qualitativas de ocorrências de *ir+infinitivo*, encontra-se dividido em três partes. Na primeira, realizamos a análise da multifuncionalidade de *ir+infinitivo*, atentando-nos para os fatores linguísticos que motivam o predomínio de cada uma das funções dessa construção. Na segunda, aferimos o grau de gramaticalização de cada *type* de *ir+infinitivo*, a fim de mostrar, por indícios sincrônicos, que a gramaticalização dessa construção pode estar coocorrendo a expensas de um processo maior de gramaticalização das categorias verbais. Na terceira parte, promovemos a análise variacionista da expressão de futuridade no dialeto riopretano, para tentar estabelecer que fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam o falante na escolha de uma das formas variantes – sintética/analítica – de codificação de tempo futuro.

Parte I: Multifuncionalidade e Gramaticalização de *ir+infinitivo*

Nesta primeira parte do trabalho, apresentamos as análises dos dados para o estabelecimento da multifuncionalidade de *ir+infinitivo*, alcançada por meio dos critérios de análise linguísticos apresentados na seção (1.2.1) do capítulo IV.

Na tabela 01, contabiliza-se o número total de ocorrências das construções de *ir+infinitivo* (frequência *token*) bem como a frequência das diferentes funções identificadas (frequência *type*) em nosso *corpus*. As noções de *token/type* são aqui empregadas como aparece na literatura sobre gramaticalização (HEINE *et. al.*, 1991, BYBEE, 2003). No nosso caso, *token* identifica qualquer ocorrência de *ir+infinitivo*, independentemente de seu valor contextual, e *type* diz respeito às funções particulares que a ocorrência assume no contexto.

De um total de 1492 *tokens*, apreendemos 12 *types* diferentes, que se agrupam em

torno de três *types* mais gerais: Aspecto, Tempo e Modalidade, conforme mostra tabela 01.

Tabela 01: Frequência *token/type* de *ir+infinitivo*

	<i>Type</i>	<i>Token</i>
ASPECTO (04) 280 <i>tokens</i> 19% da amostra	Aspecto Imperfectivo Iterativo	99/1492 6,6%
	Aspecto Imperfectivo Inceptivo Semelfactivo	90/1492 6,0%
	Aspecto Imperfectivo Cursivo Semelfactivo	3/1492 0,2%
	Aspecto Perfectivo Semelfactivo	88/1492 5,9%
	TEMPO (03)	Tempo Futuro Próximo
631 <i>tokens</i> 42% da amostra	Tempo Futuro Remoto	18/1492 1,2%
	Tempo Futuro do Pretérito	81/1492 5,4%
MODALIDADE (03) 463 <i>tokens</i> 31% da amostra	Modalidade orientada para Falante	49/1492 3,3%
	Modalidade Orientada para Agente	98/1492 6,6%
	Modalidade Epistêmica (Possibilidade)	316/1492 21,3%
OUTRAS (02) 118 <i>tokens</i> 8% da amostra	Marcador Discursivo	65/1492 4,4%
	Função Ambígua	53/1492 3,5%
	TOTAL	1492 100%

Como se pode notar, a construção *ir+infinitivo* atualizou uma vasta gama de funções, contudo apresenta maior recorrência nas funções *Tempo Futuro Próximo* (35,6% da amostra) e *Modalidade Epistêmica de Possibilidade* (21,3% da amostra). A alta frequência da construção nesses *types* pode ser explicada pelo fato de *ir+infinitivo* estar em processo de gramaticalização e vir se especializando na codificação de tempo futuro, explicação que se sustenta na hipótese de Bybee (2003), segundo a qual a frequência *token/type* de uso de formas/construções gramaticalizadas aumenta conforme a gramaticalização se desenvolve.

A predominância dos *types* Tempo Futuro/Modalidade Epistêmica não nos permite desconsiderar as outras funções; todas coexistem sincronicamente já que a gramaticalização, por ser gradual, permite a coocorrência de formas idênticas, porém funcionalmente

divergentes (HOPPER, 1991).

Outro dado que justifica a alta frequência das funções Tempo Futuro Próximo e Modalidade Epistêmica (possibilidade) pode estar relacionado à própria noção de futuridade. Como já foi dito, essa construção tem se especializado na codificação de futuro; esse tempo verbal, por estar localizado no domínio do *irrealis*, projeta um querer ou uma expectativa do falante, e, assim, é muito mais provável que o falante utilize mais a forma *ir+infinitivo* para marcar valores de incerteza, dúvida, possibilidade, que são representados por formas modais epistêmicas ou por formas predominantemente temporais futuras, do que para marcar valores aspectuais, que estão mais no domínio do *realis*, já que se atualizam mais em tempos de presente e de passado.

A seguir, dedicamo-nos à análise de cada um dos *types* identificados para a construção *ir+infinitivo*, atentando para os fatores linguísticos determinantes do predomínio de cada função.

1.1 Função Aspectual

O traço semântico essencial para o reconhecimento de uma construção *ir+infinitivo* como predominantemente ASPECTUAL é o de [+/- duração]. Em nossas ocorrências, identificamos a atualização de quatro tipos de aspecto: *semelfactivo* e *iterativo*, na face quantitativa, e *Perfectivo* e *Imperfectivo*, na face qualitativa (CASTILHO, 2002). É importante ressaltar que as faces qualitativa e quantitativa não são identificações aspectuais que se excluem; ao contrário, as expressões aspectuais combinam-se nesses dois planos (CASTILHO, 2002), conforme exemplificam as ocorrências (55), (56) e (57).

(55) **Aspecto Imperfectivo Inceptivo Semelfactivo**
ele vendia e usava vendia e usava... aí chegô(u) uma hor/ um:: tempo que a polícia pegô(u) ele e ele foi/ fugi(r) da polícia... de moto... a polícia deu um tiro nele... uhm morreu na hora..
 (AC-062; NR; L.39)

(56) **Aspecto Imperfectivo Iterativo**

eu já che::go vô(u) limpá(r) a mi::nha vô(u) cuidá(r) da jan::ta [Doc.: uhum ((concordando))] marido chega tipo se::te sete e me::ia... (AC-032; DE; L.147)

(57) **Aspecto Perfectivo Semelfactivo**

*nós começô(u) a namorá(r) de um tempo pra lá nós... foi... aí quando nós **foi vê(r)** já tava... bem:: firme o namoro...quando foi vê(r) eu já tava mais na casa dela do que na minha né?... (AC-029; NE; L.17)*

Dentre os dezesseis fatores de análise considerados no estudo da multifuncionalidade da construção *ir+infinitivo*, podem ser considerados relevantes para a análise da função aspectual como um todo: *Flexão Temporal V1*; *Tipo de Texto*; *Distância temporal de ME em relação ao MF*; *Tipo sintático da oração*; *Tipo de Estado de coisas em que ocorre a construção*; *Tipo de frase*; *Presença de circunstante à direita ou à esquerda da construção* e *Presença de material interveniente*. Os demais critérios não foram considerados relevantes, porque seus fatores correspondentes não foram recorrentes na função aspectual em específico. Os resultados dessa análise encontram-se reunidos na tabela 02, dada a seguir.

Tabela 02: Fatores linguísticos relevantes para a noção Aspectual de *ir+infinitivo*

Fatores <i>Type</i>	Flexão Temporal V1	Distância temporal ME/MF	Tipo sintático da oração	Tipo de Estado de coisas	Tipo de frase	Presença de circunstante	Tipo de Texto	Material interveniente
Aspectual 280 tokens 18,8% da amostra	Pretérito Perfeito Indicativo 51,8% (145/280)	Anterior 69,6% (195/280)	Coordenada ou Justapostas 52,5% (147/280)	Atividade 53,6% (150/280)	Declarativa Afirmativa 96,4% (270/280)	À direita ou à esquerda 36% (101/280)	Narrativa 60% (168/280)	Presença 6% (17/280)
	Presente Indicativo 28,2% (79/280)	Atemporal 26,8% (75/280)	Adverbiais 15% (42/280)	Realização 24% (67/280)	Outros 3,6% (10/280)			
	Pretérito Imperfeito Indicativo 19,3% (54/280)	Outras 3,6% (10/280)	Outros 32,5% (91/280)	Outros 22,4% (67/280)				
	Outras 0,7% (2/280)							

Com base nos fatores linguísticos predominantes nesse *type*, podemos elencar algumas características prototípicas da construção *ir+infinitivo* com *Função Aspectual*: (i) a flexão temporal de V1 mais recorrente é a de Pretérito Perfeito (51,8%), constatação que se justifica por ME anterior ao MF ser a distância temporal mais frequente (69,6%) e pelo tipo de texto

predominante ser o narrativo (60%) (cf. ocorrências (55) e (57)). Por assim se manifestar, este *type* não pode ser considerado, na maioria dos casos (97,2%), alternante de futuro sintético; (ii) tem como contexto sintático favorecedor a coordenação ou justaposição (52,5%); (iii) a força ilocucionária que propicia a emergência dessa função é a Declarativa Afirmativa (96,4%); (iv) a presença de material interveniente na construção *ir+infinitivo*, tais como pausa e sintagma nominal-sujeito²¹, ainda que pequena (6% das ocorrências desse *type*), revela que a função aspectual ainda não está tão gramaticalizada ou não está tão *conectada*, nos termos de Lehmann (1982); (v) a presença de circunstâncias à direita ou à esquerda do grupo verbal é representativa (36% do total de *tokens* aspectuais) e mostra também uma aproximação semântica da construção de valor aspectual, com o sentido original de deslocamento do verbo *ir*, o que indicia que essa função se atualizaria nos estágios iniciais de gramaticalização de *ir+infinitivo*; e, por fim, (vi) o tipo de estado de coisas mais frequente em que ocorre essa função é o de *Atividade* [+ dinâmico, + controlado, - télico] (cf. ocorrências (55) e (56)), visto que o número maior de ocorrências aspectuais são imperfectivas, portanto, atéticas. É identificado também o estado de coisas *Realização* [+dinâmico, + controlado, + télico], coocorrendo com a *função aspectual perfectiva semelfactiva*, em que o evento é apresentado como acabado (cf. ocorrência (57)).

A seguir, passamos à caracterização individual das funções aspectuais identificadas em nosso *corpus*, à apresentação dos fatores linguísticos determinantes de cada uma delas e às análises qualitativas de ocorrências prototípicas.

²¹Dentre os materiais intervenientes/pausas identificados em perífrases aspectuais, temos: 47% (8/17) de pausas; 35% (6/17) de pronomes; 18% (3/17) de sintagma nominal-sujeito. É, principalmente, a presença de SN-sujeito que nos permite dizer que uma perífrase está pouco conectada, pois essa revela que V1 e V2 ainda não funcionam como um complexo unitário. A função aspectual foi a única que permitiu tal ocorrência. As pausas são também significativas para apontarmos um grau de conectividade menor da construção. Já a presença de pronomes foi verificada em todos os *types* como será visto adiante, entretanto, a nosso ver, não influi no grau de gramaticalidade da perífrase, pois, em nosso *corpus*, o pronome como parte estrutural do verbo, deu-se, categoricamente, entre V1 e V2, não tendo ocorrido em posição enclítica.

1.1.1 Aspecto Imperfectivo Iterativo

Submetem-se a essa classificação ocorrências em que o estado de coisas não é apresentado como terminado, e o que quer se mostrar é a repetição, pluralidade ou habitualidade do evento, que pode se manifestar no presente, como em (58a), ou no passado, como em (59a).

(58) **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO**

- a. *já penduro no varal quando chega à tarde quando minha mãe **vai chegará(r)** do serviço... já tá tudo prontinho a ro(u)pa lava::da* (AC-022; RP; L.483)
- b. *já penduro no varal quando chega à tarde quando minha mãe **chega** do serviço... já tá tudo prontinho a ro(u)pa lava::da*
- c. **já penduro no varal quando chega à tarde quando minha mãe **chegará** do serviço...*

(59) **IR_{PRET. IMP. IND.} + INFINITIVO**

- a. *Meu filho estudava em escola longe e eu todo dia **ia buscá(r)** ele né?... no mesmo horário...* (AC-062; NE; L.90)
- b. *Meu filho estudava em escola longe e eu todo dia **buscava** ele né?... no mesmo horário...*
- c. **meu filho estudava em escola longe e eu todo dia **buscaria** ele né?...*

Nesse *type*, a construção *ir+infinitivo* tem V1 flexionado na maioria dos casos no Presente do Indicativo (73,7%), como em (58a). Nesses casos, tem sempre valor *atemporal*, pois o falante a utiliza para marcar a pluralidade/iteração de um estado de coisas; contudo é também recorrente a flexão no Pretérito Imperfeito do Indicativo (26,2%), como em (59a), em que a construção tem sempre valor de habitualidade em um momento passado; nela o ME é sempre anterior ao MF.

No que se refere ao estatuto sintático da oração em que ocorre a construção, Orações Coordenadas ou Justapostas são as mais recorrentes para essa função (43,4%), como em (59a). Orações Adverbiais foram também constatadas, ainda que em menor número (23,2% do total). Propiciam a emergência dessa função orações adverbiais temporais encabeçadas por conjunções parafraseáveis por expressões de habitualidade como *todo dia*, *sempre* etc (cf. ocorrência (58a)).

A presença de circunstantes com valores frequentativos, conforme exemplifica (59a), é verificada em 36,3% das ocorrências desse *type*; tais expressões intensificam e, muitas vezes, são determinantes para o domínio da função Aspectual Imperfectiva Iterativa, o que corrobora o postulado de Castilho (2002), para quem, muitas vezes, o valor aspectual é percebido no discurso. Frases Declarativas Afirmativas são os contextos mais recorrentes para predominância dessa função (91,9%), uma vez que ao apresentar um evento como habitual, o falante o declara como certo/verdadeiro.

Por fim, o tipo de texto mais frequentemente identificado para essa função foi o Relato de Procedimento (32,3%), justificável pelo fato de esse tipo permitir descrições de eventos cuja realização é frequentativa/iterativa, como se verifica, por exemplo, em receitas, ou instruções em que o que é dito tem um valor atemporal e habitual (cf. ocorrência (58a)). O tipo de texto Relato de Opinião foi o segundo mais frequente (24,2%); por permitir ao falante a expressão de suas opiniões e/ou julgamentos, é um contexto que favorece o aparecimento de construções com valores atemporais.

Em (58a), temos uma ocorrência em que a construção *ir+infinitivo* assume um valor Aspectual Imperfectivo Iterativo, identificado pela recorrência dos seguintes fatores linguísticos: V1 flexionado no Presente do Indicativo, tempo mais recorrente para essa função; a construção *ir+infinitivo* é a forma escolhida pelo falante, porque o que ele busca é marcar a habitualidade de um estado de coisas, fato comprovado pela atemporalidade do grupo verbal, que pode ser substituído pelo Presente do Indicativo (tempo zero), como mostra (58b). Ainda que não haja a presença de outro circunstante aspecto-temporal, é perceptível que o falante descreve a rotina de outrem, constatação favorecida pelo tipo de texto Relato de Procedimento, e também por se tratar de uma Oração Adverbial Temporal encabeçada pela conjunção *quando* desencadeadora, em contextos como esse, de uma leitura de habitualidade. O tipo de frase Declarativa Afirmativa, a mais frequente para essa função, é também

identificada nessa ocorrência, já que o falante declara como verdadeira a realização de um evento habitual.

Em (59a), V1 está flexionado no Pretérito Imperfeito do Indicativo. Esse é o segundo *tense* mais atualizado nessa função aspectual. Propicia, em contextos como esse, a leitura de habitualidade em um passado (ME anterior a MF), o que pode ser comprovado pela possível paráfrase com o Pretérito Imperfeito do Indicativo, conforme mostra (59b). A presença do circunstante temporal *todo dia* confirma o significado de iteração do evento. A construção insere-se em uma Oração Coordenada, tipo sintático mais frequente para a função Aspectual Imperfectiva Iterativa e tem, incidindo sobre o enunciado do qual faz parte, uma força ilocucionária declarativa afirmativa.

Pelo fato de essa função aspectual denotar sempre iteratividade, nenhuma das ocorrências permite alternância com futuro sintético, como mostrado em (58c) e (59c), o que nos leva a concluir que a construção *ir+infinitivo*, nesse *type*, não constitui variante na expressão de futuridade do PB.

1.1.2 Aspecto Imperfectivo Inceptivo Semelfactivo

Enquadram nessa classificação ocorrências em que o evento é visto como singular e atético, pois o falante, nesse caso, faz uma referência explícita à estrutura temporal interna de uma situação (COMRIE, 1976, p. 04), focalizando apenas o início de um estado de coisas.

Os tempos verbais mais associados a essa função são Pretérito Perfeito do Indicativo (63,3%), por meio do qual o falante foca o início de um evento atético que aconteceu em um momento anterior ao momento da fala, como mostra (60a), e o Pretérito Imperfeito do Indicativo (32,2%), por meio do qual o foco também se volta para o início de um evento atético que pode ter acontecido em um momento anterior ao momento da fala (61a) ou em um futuro em relação a um passado (62a).

- (60) **IR_{PRET. PERF. IND.} + INFINITIVO**
- a. *uma S-10 tava vin(d)o na/ em/ na toda né? numa curva assim... aí ele **foi virá(r)** o cara veio com tudo e quase veio pra cima pra e/ dele né? aí aí ele se jogô(u) no barranco* (AC-023; NR; L.179)
- b. *uma S-10 tava vin(d)o na/ em/ na toda né? numa curva assim... aí ele **começou virar** o cara veio com tudo e quase veio pra cima pra e/ dele né? aí aí ele se jogô(u) no barranco*
- (61) **IR_{PRET. IMPERF. IND.} + INFINITIVO**
- a. *ele se trancô(u) no quarto falan(d)o que ia dormi(r) aí quando meu amigo foi vê(r) ele tava ten/ ele tem/ **ia acendê(r)** um cigarro pra pra fumá(r)...* (AC-001; NR; L.91)
- b. *ele se trancô(u) no quarto falan(d)o que ia dormi(r) aí quando meu amigo foi vê(r) ele tava ten/ ele tem/ **começava a acender** um cigarro pra pra fumá(r)...*
- c. **aí quando meu amigo foi vê(r) ele tava ten/ ele tem/ **acenderia** um cigarro pra pra fumá(r)...*
- (62) **IR_{PRET. IMPERF. IND.} + INFINITIVO**
- a. *sempre fico é lá no FUNdo mesmo que tá é bem gostoso tem::... um jardim:: assim cheio de gra::ma... tem a ducha lá que é onde... **ia tê(r)** pisCIIna... agora num vai mais.* (AC-010; DE; L.197)
- b. *sempre fico é lá no FUNdo mesmo que tá é bem gostoso tem::... um jardim:: assim cheio de gra::ma... tem a ducha lá que é onde... **teria** pisCIIna... agora num vai mais.*

Orações Coordenadas ou Justapostas foram o tipo oracional mais frequente (58,9%) dessa função. O tipo de frase mais recorrente é a Declarativa Afirmativa (98,9%) e o tipo de texto, o Narrativo, predominância justificável pelo fato de que a maioria dos eventos, nesse *type*, são anteriores ao MF, como mostram (60a) e (61a).

Como leitura dominante em (60a), o falante se vale da construção *ir+infinitivo* para marcar o início de um estado de coisas singular e não acabado – o que se comprova pela paráfrase em (60b), possível de ser construída por recurso ao fasal *começar*. V1 está flexionado no *Pretérito Perfeito do Indicativo*, tempo mais recorrente nessa função (63,3%), fato que, em princípio, pode parecer paradoxal, já que este tempo verbal é prototípico de aspecto perfectivo; contudo, essa contradição se desfaz quando consideramos que a expressão temporal não se dá apenas pela presença de morfemas ou auxiliares, mas também pela presença de adverbiais ou elementos que favoreçam a interpretação temporal. A interpretação

temporal/aspectual de (60a) não é a de Pretérito Perfeito nem de Aspecto Perfectivo, já que, claramente, a ação descrita não foi acabada. É possível identificarmos, ainda que em segundo plano, uma leitura de tempo passado, já que o evento é *anterior* ao momento da fala (ME, MR - MF); tal distância temporal é categórica quando V1 flexiona-se no Pretérito Perfeito do Indicativo e é favorecida pelo tipo de texto Narrativo. O contexto sintático em que ocorre a construção "foi virar" é o de coordenação, tipo mais recorrente para essa função; o falante narra um evento apresentando-o como verdadeiro, já que o enunciado é escopado por uma força ilocucionária Declarativa Afirmativa.

Em (61a), fica claro que o falante usa a construção *ir+infinitivo* para marcar o início de um evento, o que também se confirma pela paráfrase possível de *ir* por *começar* em (61b), predicções acerca das quais nada podemos afirmar sobre o completamento da ação; o evento é também singular, não-reiterativo. Por assim se comportar, esse grupo verbal tem como leitura predominante a de Aspecto Imperfectivo Inceptivo Semelfactivo. V1 está flexionado no Pretérito Imperfeito do Indicativo, segundo tempo verbal mais recorrente para essa função (32,2%) e prototípico do aspecto imperfectivo. Em (61a) verifica-se que o ME é anterior ao MF, distância temporal que é favorecida pelo tipo de texto narrativo e que inviabiliza a substituição dessa construção pelo futuro sintético (61c). A força ilocucionária que incide sobre o enunciado é a Declarativa Afirmativa, a mais recorrente para essa função.

Em (62a), nossa leitura aspectual deve-se a dois fatores: (i) a flexão verbal do auxiliar no Pretérito Imperfeito do Indicativo; e (ii) a oração que se segue, a qual mostra que, de fato, o estado de coisas não foi acabado. É importante salientar que a perífrase *ia ter* tem valor de Futuro do Pretérito (*teria*), conforme mostrado em (62b) e, como dito anteriormente, o futuro em si, bloquearia o aspecto (TRAVAGLIA, 1982). Contudo, a presença da segunda oração parece ser recurso de que o falante lança mão para explicitar que, na verdade, o estado de coisas formado pela perífrase verbal não foi terminado, apontando, assim, para o tempo

interno de realização de um estado de coisas, que poderia ter se realizado, mas não se realizou. Favorece também o predomínio dessa função o fato de essa ser uma oração Declarativa Afirmativa.

Embora duas distâncias temporais tenham sido constatadas para esse *type*, a maioria das ocorrências tem o ME anterior ao MF (90% dos *tokens* dessa função); assim, são poucas as ocorrências que admitem alternância com o futuro sintético (10%), como é o caso de (62a), mas não de (61a) e tampouco de (60a).

Um dado interessante a ser observado nesse *type* é que, quando V1 encontra-se flexionado no Pretérito Imperfeito do Indicativo, e a construção tiver futuridade como leitura secundária (62a), o falante toma como referência um momento anterior ao MF (MR - MF - ME). Essa constatação não se verifica quando V1 está flexionado no Pretérito Imperfeito do Indicativo e no Pretérito Perfeito do Indicativo, e a construção tiver um *time* de anterioridade ((60a) e (61a)), pois, nesses casos, o MR coincide ou como ME ou com MF (MR, ME - MF ou ME - MF, MR).

1.1.3 Aspecto Imperfectivo Cursivo Semelfactivo

Esse tipo aspectual atualiza-se em contextos cujo estado de coisas é visto como não acabado e singular; por recurso a ele, o falante faz referência a um evento em curso, sem referência alguma a sua reiteração, conforme exemplifica (63a).

- (63) **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO**
- a. *apesar de tudo ela disse que sem::pre amô(u) ele que sempre vai amá(r)... apesar da mor::te dele né?... (AC-038; NR; L.139)*
 - b. *apesar de tudo ela disse que sem::pre amô(u) ele que sempre amará... apesar da mor::te dele né?...*

Como se pode verificar na tabela 01, a função de Aspecto Imperfectivo Cursivo Semelfactivo não se atualizou com muita frequência na construção *ir+infinitivo* (0,2% das

ocorrências/3 *tokens*), o que não nos impediu, entretanto, de identificar os fatores linguísticos que acionam essa função, principalmente, V1 no Presente do Indicativo, casos em que a construção terá leitura atemporal, favorecida também pela presença de um circunstante com valor frequentativo (02/03 ocorrências), como mostra a ocorrência em (63a).

Embora em (63a) haja a presença do circunstante *sempre*, a leitura predominante é semelfactiva, dado o tipo semântico do V2 (*amar*): um verbo cuja semântica rejeita a iteração/habitualidade, ou seja, impossibilita uma interpretação de evento plural ou que possa ser reiterado.

Outra característica que diferencia essa função do Aspecto Imperfectivo Iterativo é o fato de ela permitir, categoricamente, a alternância com o futuro sintético (63b). O tipo de contexto sintático e o tipo de texto não foram fatores determinantes dessa função, pois cada uma das três ocorrências atualiza-se em um tipo diferente de oração (Encaixada, Relativa e Coordenada) e em tipo de texto também diferente (Narrativa, Relato de Opinião e Descrição). Já a modalidade Declarativa Afirmativa de frase é o fator que parece mesmo favorecer a predominância desse tipo aspectual, como em todas as demais funções aspectuais.

1.1.4 Aspecto Perfectivo Semelfactivo

Esse tipo aspectual é identificado em ocorrências em que o evento é visto como singular e terminado, sem que seja possível a distinção ou subdivisão do evento em fases temporais (COMRIE, 1976, p. 04). A ocorrência (64a) exemplifica essa função.

- (64) **IR_{PRET.PERF.IND.} + INFINITIVO**
- a. *uma amiga minha **foi viajá(r)** pra Laranjais e ela achô(u) o hotel de lá muito bonito...*
(AC-004; NR; L.62)
 - b. *uma amiga minha **viajou** pra Laranjais e ela achô(u) o hotel de lá muito bonito...*

No que diz respeito aos fatores linguísticos que desencadeariam a leitura predominante de Aspecto Perfectivo Semelfactivo, podemos citar: (i) a flexão categórica de V1 no Pretérito

Perfeito do Indicativo, tempo verbal prototípico do Perfectivo que propicia leituras télicas e estabelece uma distância temporal ME anterior a MF típica de texto Narrativo, propriedade predominante para esse *type* (82,1%). Essas propriedades não permitem variação da perífrase com futuro sintético em nenhuma de suas ocorrências; (ii) Realização (73,8%) e Mudança (13,6%) foram os estados de coisas mais frequentes que ocorreram nesse *type*, o que é explicável por ambos possuírem o traço semântico [+télico], indispensável para uma leitura predominantemente perfectiva; (iii) o tipo sintático oracional e o tipo de frase mais recorrentes foram, respectivamente, Coordenadas/Justapostas (56%) e Declarativas Afirmativas (100%).

Três evidências contribuem para a identificação do aspecto perfectivo em (64a): (i) flexão temporal de V1 no Pretérito Perfeito; (ii) o fato de tratar-se de um estado de coisas Realização, mostra que, de fato, o evento já foi acabado [+télico]; e (iii) a possível paráfrase do grupo verbal pelo Pretérito Perfeito, como mostra (64b). É interessante observar que o Aspecto Perfectivo só pode ser apreendido como leitura predominante sobre a de tempo (passado), pela combinação dessas três evidências; somente a flexão do auxiliar no Pretérito Perfeito não seria suficiente para afirmar que o estado de coisas é, de fato, acabado. Tal hipótese pode ser justificada pelo fato de que **IR_{PRET.PERF.IND.} + INFINITIVO** não é parafraseável, em quaisquer contextos, pelo pretérito perfeito, não se constituindo, sempre, variantes de uma mesma função. A ocorrência (60a) confirma essa hipótese.

1.2 Função Temporal

A função temporal propriamente dita, aquela que se sobrepõe às demais leituras de Aspecto ou Modo, atualiza-se em ocorrências que contem o traço [+asseverativo], conforme ilustram (65) e (66). De acordo com Bárbara (1975, *apud* LONGO, 1990), somente orações asseverativas, aquelas cujo valor de verdade ou falsidade podem ser comprovados, podem conter tempo em sua estrutura subjacente.

(65) **Tempo Futuro Próximo**

a gente foi pro Habib's... foi eu uma colega e a minha irmã:: e o ex-namorado dela e ele falô(u) assim – “ôh eu vô(u) levá(r) dois colegas meus” (AC-046; NE; L.11)

(66) **Tempo Futuro do Pretérito**

ai nós falamo(s) que ia ajudá(r) e::la dá(r) uma força pra ela no chá de bebê... aquelas coisa toda que todo mundo fala... (AC-072; NR; L.182)

Para a identificação desse *type*, foram relevantes, dentre os dezesseis fatores de análise considerados na análise multifuncional, os seguintes: *Distância temporal de ME em relação a MF; Tipo de Estado de coisas em que ocorre a construção; Flexão Temporal VI; Tipo de Texto; Tipo sintático da oração; Tipo de frase e Presença de circunstante à direita ou à esquerda da construção*. Esses critérios encontram-se detalhados na tabela 03 abaixo. Os demais critérios não se mostraram recorrentes para a identificação de uma determinada função temporal.

Tabela 03: Fatores linguísticos que favorecem o predomínio da Função Temporal de *ir+infinitivo*

Fatores <i>Type</i>	Distância temporal ME//MF	Tipo de Estado de coisas	Flexão Temporal VI	Tipo de Texto	Tipo sintático da oração	Tipo de frase	Circunstante à direita ou à esquerda
Temporal (03) 631 tokens 42,3% da amostra	Futuro Próximo 54,5% (344/631)	Atividade 52,1% (329/631)	Presente do Indicativo 86,4% (545/631)	Narrativa 39% (245/631)	Coordenadas/Justaposta 62,8% (396/631)	Declarativa Afirmativa 58,8% (371/631)	Presença 25,7% (162/631)
	Futuro de uma situação irreal 29,3% (185/631)	Dinamismo 29% (183/631)	Pretérito Imperfeito Indicativo 12,4% (78/631)	Relato de Opinião 27,6% (174/631)	Encaixadas 11,3% (71/631)	Comissiva 24,4% (154/631)	
	Futuro de uma situação (81/631) 12,8%	Estado 11,1% (70/631)	Outras 1,2% (8/631)	Outros 33,4% (212/631)	Outros 25,9% (164/631)	Outros 16,8% (106/631)	
	Outras 3,4% (21/631)	Outros 7,8% (49/631)					

O *type* temporal de *ir+infinitivo* é o mais representativo da nossa amostra (42,3%). Caracteriza-se por *VI* flexionado, principalmente, no Presente do Indicativo (86,4%) e por

uma leitura de futuridade da construção, valor confirmado pela distância temporal mais recorrente para esta função: Futuro Próximo (54,5%) (cf. ocorrência (65)). Por indicar predominantemente tempo futuro, todos os grupos verbais dessa função são parafraaseáveis pelo futuro sintético (100%), o que nos permite seguramente afirmar que *ir+infinitivo* com função temporal é uma variante na codificação de futuridade no PB.

O tipo de texto mais frequente para esse *type* é o Narrativo (39%), constatação que, inicialmente nos pareceu contraditória, uma vez que esse tipo de texto é marcado predominantemente por formas de passado. Contudo, ao cruzarmos o critério *tipo de texto* com *tipo de discurso*, pudemos constatar que, 85,5% das ocorrências de *ir+infinitivo* em narrativas ocorreram em discurso direto,²² o que explicaria o aparecimento da noção de futuridade em textos narrativos. A ocorrência (65) exemplifica essa constatação. As ocorrências que não compõem um discurso direto e que pertencem a essa tipologia textual são, normalmente, formadas por enunciados do tipo "*eu vou te contar uma história...*".

Identificamos que 52,1% dos estados de coisas são Atividade [+din, +cont, -tél], como mostram (65) e (66), e 29% são Dinamismo [+din, -cont, -tél], predominância justificável por ambos serem atélicos, traço que se verifica em eventos futuros.

O contexto sintático que favorece a emergência dessa função é o de Coordenação ou Justaposição (62,8%), e a força ilocucionária mais recorrente é a Declarativa Afirmativa (58,8%).

A presença de circunstâncias à direita ou à esquerda da construção, embora bem menor em relação à função Aspectual (36%), é ainda relevante (29,6%) e revela uma aproximação semântica considerável do grupo verbal com verbo pleno *ir* (=deslocamento). É interessante também observar que 8% (50/631) das ocorrências desse *type* permitem material interveniente entre V1 e verbo principal, contudo trata-se, na maioria dos casos, de pronomes oblíquos

²² Essa percentagem de ocorrência de *ir+infinitivo* em discurso direto e em textos narrativos engloba todas as funções da perífrase verbal, não apenas a temporal.

(68%), que parecem não interferir no grau de conexidade da perífrase, pois este é um fenômeno que faz parte da própria estrutura temática verbal.²³

A seguir passamos à descrição de cada uma das funções temporais de *ir+infinitivo*: apresentamos os fatores linguísticos relevantes no predomínio de cada uma das funções e realizamos análises de ocorrências prototípicas de cada *type*.

1.2.1 Tempo Futuro Próximo

A função de Futuro Próximo é identificada como leitura dominante em enunciados [+asseverativos], em que o falante, embora relate um evento futuro em relação ao MF, compromete-se com sua realização. Todas as construções de *ir+infinitivo* nessa função são, categoricamente, parafraseáveis pelo futuro simples. Em (67a), apresentamos uma ocorrência prototípica de Futuro Próximo.

(67) **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO**

- a. *ai ela falô(u) assim – “ah eu quero” –... eu falei – “então vô(u) falá(r) pa ele vim aqui”*
(AC-046; NE; L.80)
- b. *ai ela falô(u) assim – “ah eu quero” –... eu falei – “então **falarei** pa ele vim aqui”*

Os correlatos que concorrem para a atualização dessa função em construção *ir+infinitivo* são:

- (i) o grupo verbal tem V1 flexionado no Presente do Indicativo (99,2% dos casos) e expressa, em 64,6% dessas ocorrências, um evento que se realizará em um Futuro Próximo, em relação ao momento da fala, como mostra (67), e em 34,6%, um evento futuro em relação a uma situação irreal, como mostra (68) abaixo. Em (67) e (68), a fórmula temporal pode ser representada por MF, MR - ME, mostrando tratar-se de um tempo verbal relativo, pois

²³ Dentre os materiais/pausas intervenientes na perífrase *ir+infinitivo* com função temporal, identificamos: 68% (34/50) de pronomes; 20% (10/50) de pausa; 12% (6/50) de partículas de reforço. Como já dito em nota anterior, não consideramos que pronomes estruturais intervenientes influenciem o grau de gramaticalidade da perífrase, pois sua posição, em nossos dados, é, categoricamente, entre V1 e V2.

o falante toma como referência um presente psicológico que coincide com o momento da fala. Em construções com essa função, o evento é considerado oriundo do presente, o que, segundo Fleischmann (1982, p. 18), diferencia tal função do futuro simples, que seria uma época quase autônoma em relação ao presente.

(68) **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO**

- a. *eu vô(u) falá(r) como/ como/ como eu faria pra sai(r) daqui e chegá(r) na casa do meu pai (...) desço até::... até a rua Elias Abissanra... (que jeito que eu faço?) [Doc.: uhum] que é a rua da minha casa viro à esquerda... éh::... e vô(u) sai(r) em frente/ em frente ao/ ao prédio (AC-083; RP; L.292)*
- b. *eu vô(u) falá(r) como/ como/ como eu faria pra sai(r) daqui e chegá(r) na casa do meu pai (...) desço até::... até a rua Elias Abissanra... (que jeito que eu faço?) [Doc.: uhum] que é a rua da minha casa viro à esquerda... éh::... e sairei em frente/ em frente ao/ ao prédio (AC-083; RP; L.292)*

(ii) o tipo sintático oracional que favorece a emergência de Futuro Próximo é o de Coordenação/Justaposição (68,2%);

(iii) Declarativas Afirmativas (54,7%) e Comissivas (28,4%) são as forças ilocucionárias mais recorrentes nessa função, já que, por meio delas, o falante declara como certa a realização de um estado de coisas ou se compromete em realizá-lo em futuro próximo. Tais tipos de frases vêm a intensificar o traço [+asseverativo], indispensável para o reconhecimento da categoria TEMPO como leitura predominante;

(iv) o tipo de texto em que essa função é mais frequente é o Narrativo (32,1%), contudo, o contexto de ocorrência mais frequente é o de Discurso Direto (33,6%), como exemplifica (67a). Essa constatação nos permite afirmar que, embora o tipo de texto que melhor atualiza essa função seja o narrativo, o evento que o falante descreve não necessariamente é passado. Outro fato que propicia o aparecimento dessa função em narrativas é a presença de fórmulas introdutoras do tipo "*Eu vou te contar uma história...*" ou "*Eu vou falar sobre...*". Disso concluímos que não é o tipo de texto narrativo que favorece a emergência dessa função, mas partes dele que não pertencem a esse gênero, mas se mesclam a ele,

dada a impossibilidade de se construir um texto puro.

Em (67a), há o predomínio de Futuro Próximo, já que parece inequívoca a certeza do falante sobre a realização do estado de coisas, ainda que se trate de um evento futuro. Pode-se depreender também nesse enunciado o que Fleischmann (1982) denomina *Relevância do Presente*, que, segundo a autora, é característica inerente às formas futurizadas (futuro analítico), pois nelas, o evento futuro é mostrado como oriundo no presente. Essa leitura parece ser possível pelo caráter aspectual prospectivo inerente ao verbo *ir*. V1 está flexionado no Presente do Indicativo, mas a marcação temporal é de Futuro Próximo. A leitura de Tempo pode ser identificada como predominante pela presença do traço [+ asseverativo], reforçada pela força ilocucionária Comissiva, na qual o falante se compromete com a realização de um estado de coisas, e pela possível paráfrase com o futuro sintético mostrada em (67b).

Embora seja possível atribuir à construção em (67b) uma leitura modal epistêmica de certeza, esta é secundária e atribuível ao que é próprio do modo Indicativo. No que diz respeito ao tipo de texto em que se encontra essa ocorrência, ainda que apareça em um contexto narrativo, por meio do discurso reportado, o falante reproduz literalmente a situação em que o evento enunciado é posterior a sua enunciação.

1.2.2 Tempo Futuro do Pretérito

Essa função atualiza-se em ocorrências em que V1 aparece flexionado, na maioria das vezes, no Pretérito Imperfeito do Indicativo (96,3%), e em que o grupo verbal é, categoricamente, parafraseável pelo Futuro do Pretérito ou Condicional. O evento é apresentado, em 100% dos casos, como futuro em relação a outro evento (MR) passado (MR - MF - ME). Para a identificação desse *type* há de estar também presente o traço [+asseverativo], conforme mostra a ocorrência (69a).

(69) **IR_{PRET. IMPER. IND.} + INFINITIVO**

- a. *um moleque maior falô(u) que **ia batê(r)** nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá e brincade(i)ra lá e começô(u) empurrá(r) ele... (AC-067; NR; L.170)*
- b. *um moleque maior falô(u) que **bateria** nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá e brincade(i)ra lá e começô(u) empurrá(r) ele...*

Outros fatores linguísticos favorecem o predomínio do Futuro do Pretérito: (i) o contexto sintático de Orações Encaixadas (51,9%) e a frequência representativa de Discurso Indireto (33,3%); essas constatações vêm a ratificar o postulado de Fleischmann (1982, p. 10) de que tempos relativos, como é o caso do Futuro do Pretérito, localizam o tempo de um evento, tipicamente, em cláusulas dependentes, em relação a um ponto de referência estabelecido, geralmente, na cláusula principal; (ii) frases Declarativas Afirmativas (80,2%); e (iii) tipo de texto Narrativo, já que o evento, embora seja apresentado como futuro, toma como referência um fato passado.

Transpondo essas propriedades típicas da função Futuro do Pretérito para a análise da ocorrência prototípica apresentada em (69a), temos que: há a marcação de um tempo futuro em relação a um ponto de referência passado; contudo, toda essa situação já ocorreu em um passado (MR - MF - ME); essa distância temporal é favorecida também pelo tipo de texto Narrativo. O predomínio da leitura temporal pode ser aqui identificado pela presença do traço [+asseverativo], já que o falante, ao enunciar o evento como futuro, tem convicção de sua realização e pela possibilidade de paráfrase com Futuro do Pretérito em (69b). A construção *ir+infinitivo* ocorre em uma oração encaixada e se atualiza por meio do discurso indireto, comportamento este bastante recorrente em tempos relativos (FLEISCHMANN, 1982).

1.2.3 Tempo Futuro Remoto

Representam esse *type* ocorrências de *ir+infinitivo* que codificam, em primeiro plano, um tempo futuro factual e de realização distante em relação ao MF, como mostra (70a).

(70) **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO**

- a. *eu ficava sempre falan(d)o –“um dia eu **vô(u) passá(r)** de lá vô(u) conhecê(r) ela”* (AC-067; NE; L.07)
- b. *eu ficava sempre falan(d)o –“um dia eu **passarei** de lá vô(u) conhecê(r) ela”*

A leitura de futuridade remota é favorecida, nesse *type*, pela presença de circunstantes de valor remoto (61,1%), tais como *um dia*, *futuramente*, *mais pra frente*, enentre outros. V1 encontra-se flexionado, em 94,4% das ocorrências, no Presente do Indicativo e o grupo verbal é, categoricamente, parafraseável pelo futuro simples. O contexto sintático que propicia a emergência de Futuro Remoto é o de Coordenação/Justaposição (55,5%) e a força ilocucionária mais recorrente é a Declarativa Afirmativa (83,3%). Narrativas são o tipo de texto mais frequente (61,1%), mas o Discurso Direto determina 22,2% das ocorrências desse *type*.

Em (70a), a leitura de Futuro Remoto é atribuível, principalmente, à presença do circunstante *um dia*, que transmite a ideia de evento distante. Isso não contradiz o postulado de Fleischmann (1982) de que formas futurizadas possuem um vínculo com o presente, porque, na verdade, não é o grupo verbal que dá o valor de futuro remoto, mas todo enunciado escopado pelo circunstante temporal. Isso se reflete no resultado estatístico: a maioria das ocorrências desse *type* (61,1%) possui circunstante temporal com valor remoto à esquerda ou à direita da construção; as que não possuem circunstantes (38,9%), é o contexto em que a construção ocorre que mostra que o evento ocorrerá em um momento futuro distante em relação ao MF, não o grupo verbal propriamente dito. Um exemplo é apresentado em (71).

- (71) *... agora todos estão esperando o dia do juízo que Jesus **vai voltá(r)**... e **vai separá(r)**... joio do trigo... que é ímpios dos salvos... então **vai tê(r)** a salvação...* (AC-106; NR; L.391)

Em (70a), a leitura de Tempo foi a dominante por se tratar de enunciado [+asseverativo] e pelo grupo verbal ser alternante de futuro sintético, conforme mostra (70b).

A ocorrência faz parte de uma narrativa, contudo o falante se vale do Discurso Direto, o que viabiliza a utilização do tempo verbal futuro nesse tipo de texto.

1.3 Função Modal

Para todas as funções modais identificadas, há um valor secundário de futuridade implícito, uma vez que, na expressão do tempo futuro, as categorias tempo e modo estão muito imbricadas (cf. discussão capítulo 1 deste trabalho). O predomínio da função modal é atribuível às construções de *ir+infinitivo* pelo fato de as perífrases fazerem parte de construções não-asseverativas, pois o falante não está certo quanto à realização do estado de coisas; ele projeta muito mais um "querer", um "dever" ou uma "expectativa" do que propriamente localiza um evento como posterior ao momento da fala, não sendo possível, portanto, reconhecer aí função predominantemente temporal, mas modal. As ocorrências (72), (73) e (74) comprovam essa constatação.

- (72) **Modalidade orientada para o falante**
no dia seguinte ele me ligô(u)... – “vamo(s) vamo(s) sai(r)?” (AC-046; NE; L.59)
- (73) **Modalidade orientada para o agente**
cê vai pegar as seis bananas cê vai partí(r)... mais ou menos em três porque num pode sê(r) muito GROssa... (AC-046; RP; L.383)
- (74) **Modalidade Epistêmica de Possibilidade**
–“óh tá lá (inint.) (cês i(r) lá) só que os cara falô(u) ó num aparece lá se aparecê(r) lá eles vai prendê(r) todo mundo”–... (AC-109; NR; L.301)

Como se pode verificar pelas ocorrências acima, três foram os tipos de funções modais identificadas em nosso corpus: (i) *modalidade orientada para o falante* (ordem, pedido, exortação); (ii) *modalidade orientada para o agente* (desejo, dever, obrigação, permissão); (iii) *modalidade epistêmica de possibilidade* (BYBEE *et al.*, 1991). À exceção da primeira, em que a construção é escopada por uma força ilocucionária Exortativa, em todas as demais funções a forma perifrástica poderia constituir uma alternante da expressão de futuro na sua

forma sintética. Porém, como veremos no momento da análise, nesses casos não é a noção de futuridade que se sobressai, mas a de modalidade.

Dentre os critérios utilizados para análise da multifuncionalidade de *ir+infinitivo*, foram determinantes para a identificação da função Modal: *flexão temporal de V1*; *Tipo de estado de coisas em que ocorre a construção*; *Tipo sintático da oração em que ocorre a construção*; *Presença e localização de circunstantes*; *Presença de proposição/verbos modais*; *Tipo de frase em que ocorre a construção*; *Tipo de Texto*; *Distância temporal entre ME e MF*. Os demais critérios de análise não são considerados para essa função, porque não se mostraram relevantes para a distinção de leitura de um dado tipo modal. Os resultados dessa análise encontram-se reunidos na tabela 04 a seguir.

Tabela 04: Fatores linguísticos que favorecem o predomínio da Função Modal de *ir+infinitivo*

Fatores Type	Tipo de frase	Tipo sintático da oração	Flexão temporal de V1	Tipo de Texto	Tipo de estado de coisas	Distância temporal entre ME e MF	Circunstante à direita ou à esquerda da construção	Proposição / verbos modais
MODALIDADE (03) 463 tokens 31% da amostra	Declarativa Afirmativa 46,3% (217/469)	Coordenadas/ Justapostas 36,2% (170/469)	Presente do Indicativo 79,3% (372/469)	Narrativa 35,6% (167/469)	Atividade 56,5% (265/469)	Futuro Próximo 43,1% (202/469)	Presença 16,6% (78/469)	Presença 21,7% (102/469)
	Interrogativa 14,7% (69/469)	Principais de Advérbiais 32,9% (154/469)	Pretérito Imperfeito Indicativo 13,2% (62/469)	Relato de Opinião 32,4% (152/469)	Dinamismo 29,4% (138/469)	Futuro de situação irreal 37,1% (174/469)		
	Imperativa 10,9% (51/469)	Encaixadas 18,8% (88/469)	Imperativo 1,8% (8/469)	Relato de Procedimento 25,8% (121/469)	Outros 14,1% (66/469)	Outra 19,8% (93/469)		
	Exortativa 9,4% (44/469)	Principais de Encaixadas 5,1% (24/469)	Outros 5,7% (27/469)	Descrição 6,2% (29/469)				
	Optativas 6,6% (31/469)	Outros 7% (33/469)						
	Outros 12,1% (57/469)							

A partir da análise da tabela acima, pudemos traçar algumas características de construções *ir+infinitivo* com função modal, tais como:

- (i) V1 está flexionado, na maioria das ocorrências (79,3%), no Presente do Indicativo,

e o grupo verbal denota, em 43,1% das ocorrências, um futuro próximo em relação ao MF (cf. ocorrência (72) e (74)) e, em 37,1% das ocorrências, um futuro de uma situação irreal (cf. ocorrência (73)); contudo trata-se, em ambos os casos, de um futuro não-asseverativo;

(ii) o contexto sintático mais comum para construções desse *type* é o de coordenação ou justaposição (36,2%), seguido do de principais de adverbiais (32,9%), sendo essa constatada, principalmente, na modalidade epistêmica de possibilidade (cf. (74)), já que apódoses de construções condicionais apresentam eventos em potencial, passíveis de realização;

(iii) frases declarativas afirmativas foram as mais recorrentes (46,3%), embora muitas outras tenham sido identificadas para subfunções modais, conforme mostraremos adiante na análise qualitativa de ocorrências prototípicas;

(iv) o tipo de texto mais frequente foi o Narrativo (35,6%), contudo grande parte das ocorrências foi encontrada em contextos de Discurso Direto (28,8%), o que explicaria a recorrência de expressão de futuridade em textos narrativos (cf. (72) e (74));

(v) o estado de coisas que mais coocorreu com a função modal foi o de Atividade (56,5%), seguido do de Dinamismo (29,4%), ambos eventos não-acabados, assim como são também os estado de coisas futuros;

(vi) a frequente presença de proposições e verbos modais (21,7%), intensifica a leitura modal do grupo verbal não se constituindo, contudo, condição para sua atualização;

(vi) há, em algumas ocorrências, presença de material interveniente (38/469 ou 8,1%), mas esses não influenciam o grau de conectividade do grupo verbal, pois se trata, na maioria dos casos, de pronomes clíticos (71%) que fazem parte da própria estrutura temática do verbo;²⁴

(vii) há ainda a presença de circunstantes à direita ou à esquerda da construção

²⁴ Neste *type*, 71% (27/38) dos materiais intervenientes são pronomes; 18,5% (7/38) são pausas; 10,5% (4/38) são partículas de reforço. Como já apresentado, em notas anteriores, pronomes clíticos intervenientes parecem não intervir no grau de gramaticalidade da perífrase *ir+infinitivo*.

(16,6%), porém muito menor se compararmos às funções Tempo e Aspecto, o que nos permite hipotetizar que essa função seria a que mais se distancia do valor original de deslocamento do verbo *ir*, sendo assim um *type* mais gramaticalizado que os demais.

A seguir, apresentamos o detalhamento do comportamento da função modal, os fatores linguísticos determinantes de cada uma das funções e as análises de ocorrências prototípicas.

1.3.1 Modalidade orientada para o falante (MOF)

Sob essa função, a construção *ir+infinitivo* pode codificar dois tipos de valores modais: o primeiro é o de **convite/encorajamento** do falante ao ouvinte para a realização de um estado de coisas, como mostra (75a) e (76a); o segundo valor modal identificado é o de **ordem/pedido** do falante ao ouvinte para que esse realize um determinado estado de coisas, como mostra (77a).

- (75) **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO**
- a. *ai minha filha... eu sei que::... – “vamo(s) fazê(r) uma macumba?... nós temo(s) que fazê(r) uma macumba pa matá(r) essa mulher” (AC-100; NR; L.114)*
 - b. ** ai minha filha... eu sei que::... – “faremos uma macumba?... nós temo(s) que fazê(r) uma macumba pa matá(r) essa mulher”*
- (76) **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO**
- a. *ai você numera um tanto certo de cartas pra cada pessoa que tá jogan(d)o vamo(s) supor que tenha:: cinco pessoas... né?... (AC-035; RP; L.444)*
 - b. ** ai você numera um tanto certo de cartas pra cada pessoa que tá jogan(d)o suporemos que tenha:: cinco pessoas... né?...*
 - c. *ai você numera um tanto certo de cartas pra cada pessoa que tá jogan(d)o suponhamos que tenha:: cinco pessoas... né?...*
- (77) **IR_{IMPERATIVO} + INFINITIVO**
- a. *“não professor pára de passá(r) matéria” – ele – “não agora cês vão copiá(r) seus filho da mãe (AC-023, NR, L.167)*
 - b. *“não professor pára de passá(r) matéria” – ele – “não agora cês copiarão / copiem seus filho da mãe”*

Sob essa função, a construção *ir+infinitivo* não é intercambiável, na maioria das ocorrências (94,2%), pelo futuro sintético, embora possamos reconhecer nelas o traço *irrealis*.

O contexto sintático que propicia a emergência dessa função é o de Coordenação/Justaposição (63,5%), contudo foi também constatada uma frequência bastante relevante de Oração principal de Encaixadas (27%), como mostra (76), em construções "quase-cristalizadas", mas ainda não identificada com a classe de Marcadores Discursivos.

Sob valor modal de **convite/encorajamento** do falante ao ouvinte, elencamos as seguintes propriedades: V1 aparece flexionado no Presente do Indicativo com sujeito, na maioria dos casos (84,6%), na 1ª. Pessoa do Plural; há a preponderância da força ilocucionária Exortativa (84,6%).

Em (75a) identificamos a leitura de MOF como dominante, pois o falante promove um convite/encorajamento ao ouvinte para a realização conjunta de um dado estado de coisas; esse valor está restrito à 1ª. Pessoa do Plural. É possível identificarmos a presença do traço semântico de *irrealis* do evento codificado pelo verbo principal, o que nos permite também uma leitura, ainda que secundária, de tempo futuro, não constituindo, porém, forma alternante de futuro sintético, conforme mostrado em (75b). O enunciado em análise é escapado por uma força ilocucionária Exortativa, o que corrobora a leitura predominante de MOF. É possível que essa função seja uma especialização da perífrase verbal *ir+infinitivo*, uma vez que possui um contexto muito particular de ocorrência que se destaca, claramente dos demais.

No caso de (76a), o convite a uma suposição é leitura ainda possível, como mostra (76c), dada semântica do que ainda pode ser considerado verbo principal. Contudo essa leitura vem sofrendo um desbotamento (*bleaching*) decorrente, talvez, da alta frequência de uso da expressão "vamos supor", que está tornando-se cristalizada, cumprindo função muito mais discursiva do que de MOF. Ocorrências como (76a), porém, ainda não podem ser consideradas Marcador Discursivo, pois compõem uma estrutura de encaixamento e ainda possuem semântica de suposição. Veremos, mais adiante, na função Marcador Discursivo, estruturas já mais dessemantizadas de "vamos supor" e num contexto sintático de oração livre.

Seria, talvez, um estágio mais gramaticalizado da expressão. Sob essa função, a paráfrase de *ir+infinitivo* pelo futuro sintético é agramatical, conforme mostrado em (76b).

Sob valor modal de **ordem/pedido** do falante ao ouvinte, elencamos as seguintes propriedades: V1 aparece flexionado no Imperativo ou com valor de Imperativo (15,4%) e, a força ilocucionária predominante é a Imperativa (15,4%).

Em (77a), estão presentes o traço *irrealis*, pois o evento ainda não se realizou, e o valor modal de ordem, constatações confirmadas pelas possíveis paráfrases pelo futuro simples e pelo Imperativo, conforme mostramos em (77b). Contudo, o valor que predomina é o de MOF, porque a intenção do falante, ao elaborar esse enunciado, é a de impor a outrem a realização de um determinado estado de coisas, intenção essa que se realiza com o escopo da força ilocucionária Imperativa sob a sentença.

1.3.2 Modalidade orientada para o agente (MOA)

As nuances semânticas que se atualizam nas construções dessa função vão desde desejo até obrigação. As que possuem valores predominantes de obrigação têm como força ilocucionária incidente a Imperativa (44,9%), como mostrado em (78a), e as com valores predominantes de desejo têm como força ilocucionária predominante a Optativa (31,6%), como mostrado em (79a), ou seja, aquela por meio da qual o falante indica para o ouvinte seu desejo de que uma situação categórica evocada pelo conteúdo comunicado acontecesse (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p.72).

- (78) **IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO**
- a. *então você vai lê(r) a embalagem... o que não precisa do choque térmico... que aí que você vai fazê(r) você vai pegá(r) a forminha... você já vai passá(r)... não é fácil não viu?*
(AC-106; RP; L.548)
 - b. *então você lerá / deve ler a embalagem... o que não precisa do choque térmico... que aí que você vai fazê(r) você pegará/deve pegar a forminha... você já passará/deve passar... não é fácil não viu?*

(79) **IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO**

- a. *eu gosto MU::ITO de animal amo ... vô(u) sê(r) bió::loga... quero me formá(r) em bióloga (AC-006; RO; L.553)*
- b. *eu gosto MU::ITO de animal amo ... serei bió::loga... quero me formá(r) em bióloga*

As construções *ir+infinitivo* que caracterizam esse *type* são, em 98% das ocorrências, variantes de futuro sintético; V1 aparece flexionado no Presente do Indicativo (94,9%) e o valor temporal da construção refere-se a tanto a futuro de uma situação irreal (50%) quanto a futuro próximo (41,8%). Embora se reconheça o valor de futuridade desse *type*, a leitura predominante é a modal, pois não há factualidade na predição dos estados de coisas. O tipo de texto mais recorrente para a função MOA é o de Relato de Procedimento, pois o falante ao relatar procedimentos para se atingir determinados fins, apresenta-os ao ouvinte como deveres a serem cumpridos.

Na ocorrência em (78a), em primeiro plano, temos uma leitura MOA, já que o falante solicita ao ouvinte a realização de alguns procedimentos, a fim de ver realizado um determinado estado de coisas, leitura também favorecida pelo tipo de texto Relato de Procedimento. Tais procedimentos podem ser interpretados como deveres/obrigações colocados ao ouvinte, o que é confirmado pela possível paráfrase pelo modal *dever* em (78b). A força ilocucionária que recai sobre o enunciado é a Imperativa, não a Imperativa prototípica, mas uma Imperativa que passou por uma modificação ilocucionária (DIK, 1997), já que o falante atenua a força do ato de fala como uma estratégia de preservação de face, sem alterar, contudo, o tipo ilocucional básico da sentença, o Imperativo.²⁵ A presença de frases Imperativas atenuadas são recorrentes neste *type* (44,9%) como um todo. O grupo verbal é alternante de futuro sintético e trata-se de um futuro de uma situação irreal, já que foi criada artificialmente para relatar o modo de preparo de uma receita culinária.

²⁵ Ocorrências cuja força ilocucionária incidente foi imperativa atenuada com valor de "dever"/"obrigação" foram classificadas como MOA por não serem imperativas prototípicas. Se assim se manifestassem, cumpririam outra função, a MOF.

Já em (79a), a construção *vou ser* expressa uma intenção/desejo do enunciador em ver realizado um determinado estado de coisas [-asseverativo]. Tal valor é reforçado pela paráfrase feita pelo falante, em seu próprio discurso, na qual utiliza o auxiliar modal *querer* (*quero me formá(r) em biologia*). A presença de verbos modais intensificadores da função Modo/Modalidade acontece em 8,2% das ocorrências deste *type*. O enunciado é escopado por uma força ilocucionária Optativa, que reforça a predominância da MOA. Embora a leitura modal esteja em primeiro plano, identificamos também um valor de futuridade, confirmado pela possível paráfrase pelo futuro sintético, conforme mostrado em (79b).

1.3.3 Modalidade Epistêmica de Possibilidade (MEP)

Integram a função MEP ocorrências em que o falante apresenta um estado de coisas como possível, porém incerto, conforme exemplificado em (80a), (81a) e (82a).

- (80) **IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO**
- a. *mas às vez nunca dá certo porque se eles tivé(r) a carta... eles vai sabê(r) que é sinal falso... é a única coisa que tem* (AC-059; RP; L.190)
- b. *mas às vez nunca dá certo porque se eles tivé(r) a carta... eles saberão que é sinal falso... é a única coisa que tem*
- (81) **IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO**
- a. *deixa eu vê(r) se eu vô(u) lembrá(r) como é que ela conheceu ele... ah eu num lembro não.* (AC-006; NR; L.192)
- b. *deixa eu vê(r) se eu lembrarei como é que ela conheceu ele... ah eu num lembro não.*
- (82) **IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO**
- a. *era educação física mesmo... jogava já handebo::l... eu num sabia o que era handebo::l... num sabia d/ como que era um::... será que eu vô(u) lembrá(r)?... câm::bio jogo de câm::bio... êh aí aprendi jogá(r) handebo::l* (AC-006; RO; L.506)
- b. *Era educação física mesmo... jogava já handebo::l... eu num sabia o que era handebo::l... num sabia d/ como que era um::... será que eu lembrarei?... câm::bio jogo de câm::bio... êh aí aprendi jogá(r) handebo::l*

Sob essa função, o grupo verbal tem V1 flexionado, em 73,7% dos casos, no Presente do Indicativo. A maioria das construções (92,8%) tem, ainda que em segundo plano, leitura de

futuridade, já que são parafraseáveis pelo futuro sintético e tem o Futuro Próximo (37,6%) ou futuro de uma situação irreal (35,7%) como valores temporais. Contudo, sobressai-se o caráter modal, pois o que o falante intenciona mostrar é, exatamente, a não-factuality do evento.

O contexto sintático que propicia a emergência dessa função são Orações Principais de Adverbiais (45,1%), principalmente, de Condicionais, conforme exemplifica a ocorrência (80a), e Orações Encaixadas (25,4%), em que, um verbo modal ou uma proposição modal, presente na oração principal, escopa e modaliza a oração subordinada, como mostramos em (81a).

Verbos ou proposições modais aparecem, com maior frequência neste *type* (29,5%) e intensificam o valor de incerteza dos eventos. A força ilocucionária mais recorrente é a Declarativa Afirmativa (66,1%), uma vez que o falante declara como certa a possibilidade ou a sua incerteza em relação à ocorrência de um evento; frases interrogativas, porém, tiveram também uma frequência bastante relevante (21,6%) e propiciaram a preponderância de MEP, pois nada se pode afirmar sobre a realização ou não dos estados de coisas nelas contido. A ocorrência (82a) ilustra essa constatação.

Em (80a), é possível reconhecermos o predomínio da Modalidade Epistêmica de Possibilidade, pois o falante tem dúvidas a respeito da factuality do evento que está sendo relatado como futuro. Essa leitura é favorecida pelo tipo sintático do período: construções condicionais se apoiam, basicamente, numa hipótese (NEVES, 2000, p. 832), razão pela qual o falante não tem certeza sobre a realização do evento [-asseverativo]. No enunciado em análise, a apódose só é verdadeira se a condição expressa na prótase for satisfeita; assim, no momento em que é enunciada, a apódose é uma possibilidade de ocorrência, daí a predominância desse *type*. Uma leitura de futuridade também pode ser feita, haja vista a possível substituição pelo futuro simples, como mostra (80b), porém está em segundo plano, pois o que o falante parece querer mostrar, ao utilizar a construção, é a sua incerteza quanto à

realização do estado de coisas.

Em (81a), o falante tem dúvidas a respeito da realização do estado de coisas, leitura que é intensificada pelo escopo da oração principal *deixa eu ver (se)*, funcionando aqui como proposição modalizadora (KOCH, 1986) de probabilidade sobre o grupo verbal, daí o predomínio de MEP. Uma leitura de futuridade também pode ser feita, haja vista a possível substituição pelo futuro simples, como mostra (81b), porém menos evidente.

Em (82a), exemplificamos a função MEP favorecida por uma frase interrogativa, cuja força ilocucionária torna a realização do estado de coisas incerta, o que favorece a preponderância da MEP. Está presente também um valor de futuridade secundário, identificado pela viabilidade de alternância pelo futuro sintético (82b) e pela noção temporal de futuro próximo atribuível ao grupo verbal.

1.4 Outras funções de *ir+infinitivo* para além do complexo TAM

Para além das funções TAM, identificamos também, para a perífrase *ir+infinitivo*, as funções de marcador discursivo e função ambígua, conforme mostramos a seguir.

1.4.1 Função de Marcador Discursivo (MD)

Antes de apresentarmos as características das construções *ir+infinitivo* que comportam a função MD, é importante que façamos algumas considerações sobre essa função.

A noção de MD vem sendo amplamente discutida entre os estudiosos da área, e a maior crítica que sobre ela recai, segundo Guerra (2007), é o fato de não existir uma noção minimamente consensual sobre o que de fato sejam esses elementos. Muitos autores compartilham a ideia de que os MDs operam na organização do discurso, mas divergem em relação ao aspecto da organização. Outros os equiparam a Marcadores Conversacionais (MARCHUSCHI, 1989), os quais compreendem mecanismos diretamente relacionados à organização conversacional do discurso. A imprecisão de conceito para MD tem como

consequência diferentes constituintes arrolados sob essa função: conjunções, advérbios, formas verbais, sintagmas relativamente cristalizados, orações inteiras, sons não lexicalizados e procedimentos de natureza não-verbal (GUERRA, 2007, p.10).

Por uma questão de recorte teórico, não constitui prerrogativa desta pesquisa a discussão dos conceitos que estão relacionados à noção de MD, contudo as construções *ir+infinitivo* que atualizam esse *type* parecem ter mais uma função de marcadores conversacionais, pois, como formas cristalizadas, são utilizadas pelo falante como uma estratégia discursiva para ganhar tempo e melhor elaborar sua fala.

Em construções *ir+infinitivo*, a função MD foi reconhecida como predominante em ocorrências cujo grupo verbal está em um processo de dessemantização mais avançado, já que o valor dos itens que compõem a construção não são mais vistos separadamente, mas em bloco. Trata-se de formas já cristalizadas ou em vias de cristalização. Há, em algumas das construções, resquícios semânticos das formas fontes, contudo, ainda nelas, pode-se perceber uma abstratização do sentido original. A nosso ver, essas construções, talvez, se atualizem nos estágios finais de gramaticalização do verbo *ir*. Entretanto, uma afirmação como essa exigiria um estudo diacrônico do verbo *ir*, o qual pretendemos realizar futuramente. Apresentamos, em (83a), (84a) e (85a), ocorrências representativas da função MD.

- (83) **Ir PRESENTE IND. + Infinitivo**
- a. *então esse CREme eu vô(u) te falá(r) pra você cê põe três litro de leite* (AC-89; RP; L.105)
 - b. * *então esse CREme eu falarei pra você cê põe três litro de leite*
- (84) **Ir PRESENTE IND. + Infinitivo**
- a. *ah eu acho porque:: vamos supor mente vazia é a oficina do diabo né? então:: lá é um lugar que cê num fica de mente vazia* (AC 029-RO; L.205)
 - b. * *ah eu acho porque:: suporemos mente vazia é a oficina do diabo né? então:: lá é um lugar que cê num fica de mente vazia*
- (85) **Ir PRESENTE IND. + Infinitivo**
- a. *tem pessoas que pinta o cabelo e já qué(r) fazê(r) uma escova... entendeu? então o que que vai acontecê(r)? vai lavá(r) o cabelo dessa pessoa... vai dá(r) uma... uma secada pa pegá(r) aquela parte mais... éh úmida... (AC-072; RP; L.524)*

- b. **tem pessoas que pinta o cabelo e já qué(r) fazê(r) uma escova... entendeu? então o que que **acontecerá**? vai lavá(r) o cabelo dessa pessoa... vai dá(r) uma... uma secada pa pegá(r) aquela parte mais... éh úmida...*

Dentre os fatores linguísticos utilizados para a análise multifuncional de *ir+infinitivo*, foram selecionados como determinantes da função MD: *tipo de frase, tipo de texto, flexão temporal de V1, pessoa e número do sujeito e tipo sintático da oração*. Os demais critérios de análise, por não terem tido fatores recorrentes para esse *type*, não foram selecionados. Na tabela abaixo, apresentamos os resultados da análise para a função MD.

Tabela 05: Fatores Linguísticos determinantes da função Marcador Discursivo de *ir+infinitivo*

Fatores Type	Tipo de frase	Tipo de Texto	Flexão temporal de V1	Pessoa e Número do Sujeito	Tipo sintático da oração
MARCADOR DISCURSIVO 65 tokens 4,4% da amostra	Declarativa Afirmativa 55,4% (36/65)	Relato de Procedimento 40% (26/65)	Presente do Indicativo 98,5% (64/65)	1ª. pessoa plural 85,5% (47/55)	Orações Livres 100% (65/65)
	Exortativa 27,7% (18/65)	Relato de Opinião 30,8% (20/65)	Pretérito Imperfeito Indicativo 1,5% (1/65)	Outras 14,5% (8/55)	
	Interrogativa 15,4% (10/65)	Descrição 15,4% (10/65)			
	Outros 1,54% 1/65	Narrativa 13,8% (9/65)			

Como se pode perceber, o grupo verbal, sob a função MD, tem V1 flexionado, na maioria das ocorrências, no Presente do Indicativo (98,5%) e na 1ª. Pessoa do Plural; tem como forças ilocucionárias incidentes a Declarativa Afirmativa (55,4%), Exortativa (27,7%) e Interrogativa (15,4%), conforme mostramos nos exemplos de (83) a (85).

O contexto sintático que favorece a emergência dessa função é, categoricamente, o de Orações Livres, já que, por serem MDs, estão em processo de dessemantização e, por isso, não têm dependência de sentido com outras orações. Os tipos de texto mais frequentes em que

se verifica essa função são os Relatos de Procedimento (40%) e de Opinião (30,8%). Essa função não é, categoricamente, alternante de futuro sintético, como argumentamos em seguida.

Em (83a), apresentamos uma ocorrência em que o grupo verbal tem a forma de uma expressão cristalizada bastante recorrente na modalidade falada do PB. Tal construção, embora contenha o traço *irrealis*, não é alternante de futuro simples, conforme se verifica em (83b), já que o uso dessa forma daria à sentença um valor semântico diferente do pretendido pelo falante ao utilizar a forma analítica. A força ilocucionária que incide sobre o enunciado é a Declarativa Afirmativa, mais recorrente para essa função como um todo (55,4%). A oração em que ocorre a construção é livre, já que não há vínculo semântico entre ela e as orações que lhe são antepostas ou pospostas.

Em (84a), força ilocucionária incidente é a Exortativa, embora ocorra de forma atenuada: não só é possível depreendermos um resquício da leitura de convite a uma suposição, como também o valor de marcador conversacional que parece vir em primeiro plano: o falante vale-se da construção como uma estratégia para ganhar tempo e decidir de que forma fará a explicação do que vem relatando.²⁶ A diferença de construções como essa para a construção "vamos supor que", classificada como MOF, é que essa possui mais claro o valor de convite/encorajamento ao ouvinte do que aquela. Na função de MOF, a construção faz parte de uma estrutura de encaixamento, já na de MD trata-se de uma oração livre, pois não há dependência semântica entre as orações. Construções "vamos supor que" talvez pertençam a um estágio anterior de Gramaticalização de "vamos supor", forma em processo de cristalização. Não é possível paráfrase pelo futuro sintético, como mostra (71b).

Construções como a apresentada em (85a), escopadas por força ilocucionária Interrogativa e ocorrentes como Orações Livres, são muito frequentes na língua falada e

²⁶ Esse MD é, particularmente, uma estratégia de que a informante em questão lança mão com muita frequência.

funcionam como sequenciadores do discurso. Por operarem no nível da organização conversacional é que foram classificadas como MDs, razão pela qual a substituição pelo futuro sintético não é possível, como mostramos em (85b), já que alteraria o sentido daquilo que o falante pretende dizer: de uma situação atemporal, passaria a codificar um evento futuro.

1.4.2 Função Ambígua

Identificamos ambiguidade nos casos de construções de *ir+infinitivo* em que há sobreposições de leituras (deslocamento > finalidade > aspecto imperfectivo iterativo > modalidade epistêmica) decorrentes, principalmente, da presença de material interveniente entre os elementos da construção e da flexão de V1 no Infinitivo. Exemplificam essa função as ocorrências (86a), (87a) e (88a).

- (86) **Ir** PRET. PERF. IND. + **Infinitivo**
- a. *nós ligamo(s) pra mãe da M... pra mãe da M. e pra minha mãe daí elas foram lá na praça achá(r) essa meNIna... (AC-010; NE; L.68)*
- b. ** nós ligamo(s) pra mãe da M... pra mãe da M. e pra minha mãe daí elas acharão lá na praça essa meNIna...*
- (87) **Ir** PRESENTE IND. + **Infinitivo**
- a. *tem um time agora na fazenda aí né?... é aqui perto... na cidade... daí eu vô(u) lá jogá(r)... fico jogan(d)o... (AC-041; NE; L.121)*
- b. **tem um time agora na fazenda aí né?... é aqui perto... na cidade... daí eu jogarei lá)... fico jogan(d)o...*
- (88) **Ir** PRESENTE IND. + **Infinitivo**
- a. *por exemplo o:: meu supervisor... fala –“óh hoje tem:: menor desacompanhado pra desembarcá(r)... cê... vai lá... buscá(r)?” (AC-51; RP; L.402)*
- b. *por exemplo o:: meu supervisor... fala –“óh hoje tem:: menor desacompanhado pra desembarcá(r)... cê... buscará lá?*

Construções com função ambígua são de extrema importância para o processo de gramaticalização, pois mostram, exatamente, o caráter gradual e não discreto da mudança, em que, muitas vezes, a interpretação é induzida pelo contexto, revelando, segundo Heine *et al.*

(1991), um processo metonímico atuante no processo de mudança.

Para a análise de ocorrências com função ambígua foram relevantes os seguintes critérios: *tipo sintático da oração, flexão temporal de V1, tipo de texto, distância temporal entre ME e MF, tipo de frase, tipo de estado de coisas, presença de material interveniente*, os quais se encontram descritos na tabela abaixo. Os demais critérios da análise multifuncional não foram selecionados como determinantes dessa função.

Tabela 06: Fatores Linguísticos determinantes da Função Ambígua de *ir+infinitivo*

Fatores	Tipo sintático da oração	Flexão temporal de V1	Tipo de Texto	Distância temporal entre ME e MF	Tipo de frase	Tipo de estado de coisas	Material interveniente
Type							
Função Ambígua 53 tokens 3,5% da amostra	Coordenadas/ Justapostas	Pretérito Perfeito Indicativo	Narrativa	Anterior	Declarativa Afirmativa	Atividade	Presença
	54,8% (29/53)	45,3% (24/53)	68% (36/53)	68% (36/53)	87% (46/53)	68% (36/53)	89% (47/53)
	Encaixadas	Infinitivo	Relato de Opinião	Atemporal	Outros	Realização	
	22,6% (12/53)	26,4% (14/53)	22,6% (12/53)	17% (9/53)	13% (7/53)	32% (17/53)	
	Outros	Outras	Outros	Futuro			
	22,6% (12/53)	28,3% (15/53)	9,4% (5/53)	15% (8/53)			

As construções *ir+infinitivo* em que predomina a sobreposição de funções não são, na maioria das ocorrências, parafraseáveis pelo *futuro sintético* (87,2%). Isso pode ser explicado pela recorrência dos seguintes fatores linguísticos: (i) flexão de V1 no Pretérito Perfeito do Indicativo (45,3%), (ii) ME anterior ao MF; (iii) alta frequência de material interveniente (89%), o que faz com que, em muitas ocorrências, se sobressaia o valor de deslocamento no espaço, inviabilizando a alternância pelo futuro simples. O contexto sintático favorecedor dessa função é a Coordenação/Justaposição (54,8%), seguido das Orações Encaixadas (22,6%). Declarativa Afirmativa é a força ilocucionária mais frequente (87%) e Atividade foi o estado de coisas que mais coocorreu com essa função (68%), já que a maioria das ocorrências eram imperfectivas. Estado de coisas Realização também teve frequência relevante (32%), mostrando que muitas funções ambíguas continham o traço [+ télico].

Em (86a), são possíveis leituras de deslocamento com uma finalidade e Aspecto Perfectivo. Trata-se de um estágio anterior à reanálise em que os locativos ainda se encontram separando os elementos do grupo verbal, indiciando uma polissemia. Não é possível alternância pelo futuro simples, como mostra (86b), já que o evento é passado e télico.

A ocorrência em (87a) permite o reconhecimento de funções de deslocamento com uma finalidade e Aspecto Imperfectivo Iterativo. A presença do circunstante locativo interveniente é que responde pela primeira leitura, já que indicia um estágio anterior à reanálise de *ir+infinitivo*, em que havia [estrutura de deslocamento] + [estrutura de finalidade]; já a segunda leitura é propiciada pela sentença como um todo, pois é possível perceber que o falante descreve uma rotina, um estado de coisas que ele realiza habitualmente. Nessa ocorrência também não é possível substituição pelo futuro sintético (87b), já que a construção não é utilizada para marcar um evento como posterior ao momento da fala, mas sim um evento atemporal, que contém o traço [+habitual].

Já em (88a), é possível deprendermos leituras de deslocamento com uma finalidade, atribuíveis pela presença do locativo no interior do grupo verbal, e de MEP, já que o falante, ao conferir ao seu enunciado uma força ilocucionária Interrogativa, não tem certeza da realização do estado de coisas. Contudo, nesse caso, como pode ser verificado em (88b), é possível paráfrase pelo futuro simples, talvez pela presença da função modal que, por seu caráter incerto, está intrinsecamente relacionada à noção de futuridade.

Nesta primeira parte da análise, apresentamos as diferentes funções que se atualizam, sincronicamente, em construções *ir+infinitivo* encontradas em nosso corpus. Identificamos, por meio de análise criteriosa de fatores linguísticos, aqueles que favorecem a emergência de cada *type*, e exemplificamos cada uma das funções com ocorrências prototípicas seguidas de suas análises qualitativas.

Consideramos a hipótese de que a multifuncionalidade do grupo verbal em estudo é resultado da manifestação de diferentes graus de sua gramaticalidade. Por esse motivo, faz-se necessária a identificação dos graus de gramaticalidade de cada um dos *types*, a fim de propormos um possível *cline* de gramaticalidade para *ir+infinitivo* e para checarmos a possibilidade de a gramaticalização desse grupo verbal estar ocorrendo no interior de um processo de gramaticalização das categorias verbais flexionais (BYBEE, 1995). A determinação do grau de gramaticalidade é o tema desta segunda parte do presente capítulo.

Parte II - Grau de Gramaticalização das funções de *ir+infinitivo*

Nesta parte, aferimos o grau de gramaticalidade a cada *type* de *ir+infinitivo*²⁷. Valemo-nos de dois critérios para realizar esta análise: (i) Frequência *token* e *type* da construção *ir+infinitivo*, pois, de acordo com Bybee (2003) formas mais gramaticalizadas se tornam mais frequentes; e (ii) Critérios de auxiliaridade (cf. seção 2.1.4), que permitem medir o grau de conexão (LEHMANN, 1995 [1982]) entre os elementos que compõem a construção verbal.

2.1 Frequência como critério

Conforme já mostrado na tabela 01, o *type* mais produtivo da construção *ir+infinitivo* é o Temporal (42% da amostra), seguido do Modal (31% da amostra), Aspectual (19% da amostra) e Função Ambígua (4% da amostra). O gráfico abaixo ilustra a frequência de ocorrência dos *types* de *ir+infinitivo*.

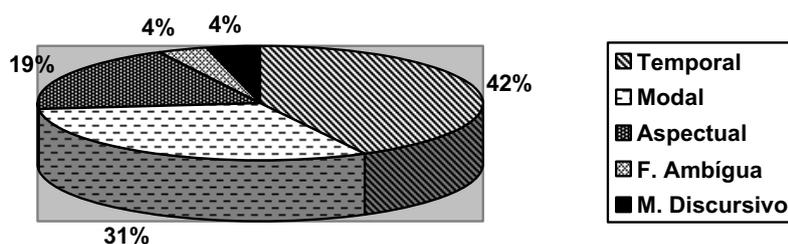


Gráfico 01: Frequência *type* de *ir+infinitivo*

²⁷ Não entram, nesta parte da análise, construções nas quais predominam a Função Marcador Discursivo, uma vez que sob esse *type*, o verbo *ir* não tem comportamento de verbo auxiliar; apenas compõe, com o verbo principal, um tipo de expressão cristalizada, cujo sentido só pode ser depreendido pela construção como um todo. A nosso ver, essa função parece atualizar-se nas etapas finais da Gramaticalização de *ir+infinitivo*, contudo, por extrapolar o domínio TAM, não participará das análises que se desenvolvem nesta segunda parte da pesquisa.

Valendo-nos do critério de frequência do item no discurso para medirmos a gramaticalidade dos *types* de *ir+infinitivo*, teríamos, por hipótese, para a construção, o *cline* de gramaticalização apresentado na figura 05.

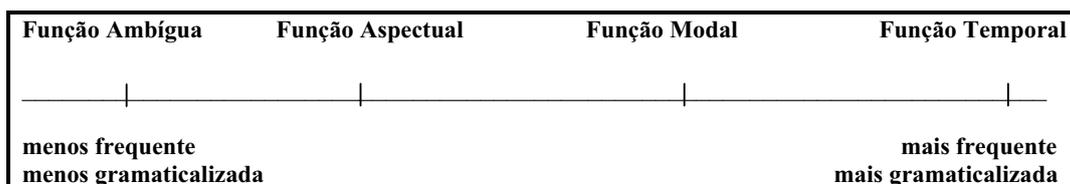


Figura 05: *Cline* de Gramaticalidade de *ir+infinitivo* pelo critério Frequência (BYBEE, 2003)

Pelo critério frequência, a função Temporal seria a mais gramaticalizada, a função ambígua a menos gramaticalizada e as funções Aspectuais e Modais teriam grau de gramaticalização intermediário. Este *cline*, embora baseado em dados sincrônicos, corrobora parcialmente resultados de vários estudos diacrônicos entre línguas (FLEISCHMANN, 1982; BYBEE *et al.*, 1991; CAMÁRA, 1956), que atestam que formas de futuro são criações secundárias resultantes da gramaticalização de formas, inicialmente, modais (cf. capítulo 1).

O aparecimento da categoria aspecto no *cline* justifica-se pelo fato de não estarmos estudando apenas construções de *ir+infinitivo* com valor de futuridade, mas todas as funções que essa construção pode abarcar, inclusive as de perfectividade/imperfectividade, singularidade/habitualidade codificadas pela função Aspectual. Assim, o valor aspectual é apenas mais um valor que o grupo verbal pode abarcar e seria menos gramatical, pelo critério considerado, por sua baixa frequência em nosso *corpus* de análise.

O *cline*, conforme apresentado na figura 05, não atestaria nossa hipótese inicial de trabalho de que a gramaticalização de *ir+infinitivo* ocorreria, hipoteticamente, em um processo maior de gramaticalização das categorias verbais flexionais (Aspecto > Tempo > Modo/Modalidade). Vejamos, a seguir, os resultados da análise da atualização dos critérios de auxiliaridade para aprofundarmos essa discussão.

2.2 Critérios de Auxiliaridade

Para medirmos o grau de conexão entre as construções *ir+infinitivo*, aplicamos os critérios de auxiliaridade (cf. seção 2.1.4) às ocorrências prototípicas²⁸ de cada *type* de *ir+infinitivo*. Quanto maior o número de critérios atualizados, maior o grau de conexão e, portanto, maior o grau de gramaticalização do *type*. Apresentamos, no quadro a seguir, ocorrências prototípicas de cada função de *ir+infinitivo*.

<i>Types de ir+infinitivo</i>		Ocorrências Prototípicas
T1	Aspecto Imperfectivo Iterativo	<i>as mulheres às vezes vão passeá(r) pra lá no/ nas férias... elas ficam bem assustada quando chega e vê aquilo lá</i> (AC-093; DE; L. 146)
T2	Aspecto Imperfectivo Inceptivo Semelfactivo	<i>no o(u)tro dia... foi sabê(r) que::... é:: aconteceu um acidente na B.R. cento e cinquenta e três um ônibus foi desviá(r) d'um buRACO... e bateu de frente com um caminhão...</i> (AC-077; NR; L.109)
T3	Aspecto Imperfectivo Cursivo Semelfactivo	<i>apesar de tudo ela disse que sem::pre amô(u) ele que sempre vai amá(r)... apesar da mor::te dele né?...</i> (AC-038; NR; L.139)
T4	Aspecto Perfectivo Semelfactivo	<i>uma amiga minha foi viajá(r) pra Laranjais e ela achô(u) o hotel de lá muito bonito...</i> (AC-004; NR; L.62)
T5	Tempo Futuro Próximo	<i>ele já foi viajá(r) comigo pra Ibitinga até... depois de amanhã na sexta-fe(i)ra a gente vai:: vai voltá(r) pra lá::</i> (AC-046; NE; L.115)
T6	Tempo Futuro Remoto	<i>eu ficava sempre falan(d)o –“um dia eu vô(u) passá(r) de lá vô(u) conhecê(r) ela”–</i> (AC-067; NE; L.07)
T7	Tempo Futuro do Pretérito	<i>um moleque maior falô(u) que ia batê(r) nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá e brincade(i)ra lá e começô(u) empurrá(r) ele...</i> (AC-067; NR; L.170)
T8	Modalidade orientada para Falante	<i>ai minha filha... eu sei que::... – “vamo(s) fazê(r) uma macumba?... nós temo(s) que fazê(r) uma macumba pa matá(r) essa mulher”</i> (AC-100; NR; L.114)
T9	Modalidade Orientada para Agente	<i>então você vai lê(r) a embalagem... o que não precisa do choque térmico... que aí que você vai fazê(r) você vai pegá(r) a forminha... você já vai passá(r)... não é fácil não viu?</i> (AC-106; RP; L.548)
T10	Modalidade Epistêmica (Possibilidade)	<i>mas às vez nunca dá certo porque se eles tivé(r) a carta... eles vai sabê(r) que é sinal falso... é a única coisa que tem</i> (AC-059; RP; L.190)
T11	Função Ambígua	<i>nós ligamo(s) pra mãe da M.... pra mãe da M. e pra minha mãe daí elas foram lá na praça achá(r) essa meNina...</i> (AC-010; NE; L.68)

Quadro 08: Ocorrências prototípicas dos *types de ir+infinitivo*

No quadro 09, à página seguinte, encontra-se a análise das ocorrências de T1 a T11 de acordo com os critérios de auxiliaridade. Na última linha do quadro, aferimos, com base na análise realizada, o grau de gramaticalidade de cada um dos *types de ir+infinitivo*.

Como se pode notar, a construção *ir+infinitivo* encontra-se em um estágio já avançado de gramaticalização. Não há grandes discrepâncias entre os graus de gramaticalidade de cada

²⁸ Ocorrências prototípicas são aquelas que atualizaram o maior número de fatores linguísticos determinantes de cada função.

type e inexistem graus baixos de gramaticalização, com exceção da função ambígua (Grau 2), na qual a maioria das ocorrências (63%) não tem ainda o grupo verbal formado; voltaremos a ela adiante.

Critérios de Auxiliabilidade	Ocorrências prototípicas dos <i>types</i> de <i>ir+infinitivo</i>										
	Aspectuais				Temporais			Modais			Ambíguas
	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11
1. Inseparabilidade na perífrase (prosódica, sintática e semântica)	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
2. Detematização (sem propriedade de predicação)	-	-	+	-	-	-	+	+	+	+	-
3. Incidência da negação sobre a perífrase	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
4. Restrição paradigmática (defectividade)	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
5. Frequência alta (auxiliar + v. na forma nominal)	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
6. Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
7. Impossibilidade de desdobramento da oração	-	-	+	-	+	+	+	+	+	+	-
8. Critério da apassivização	-	-	+	-	-	-	-	+	+	+	+
9. Recursividade (coocorrência com a mesma raiz)	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
10. Oposição a uma forma simples correspondente	+	-	+	+	+	+	+	-	+	+	-
Grau de Gramaticalidade	6	5	9	6	8	7	8	8	9	9	2

Quadro 09: Atualização dos Critérios de Auxiliabilidade às ocorrências prototípicas de *ir+infinitivo*

Outro dado que confirma um estágio avançado de gramaticalização dessa construção é a atualização do critério Recursividade, exemplificado pela ocorrência em (89).

- (89) “*eu/ eu quero eu quero uma arma?*” – *vamo(s) supor* – “*eu quero?*” – – “*ah num tem/ num tem jeito de comprá(r)?... a ilegal eu vô(u) comprá(r) é ilegal eu vô(u) í(r) num algum lugar aí eu conSIgo*” (AC-062; RO; L.444)

Segundo Longo & Campos (2002, p. 472), “o fato de um verbo poder incidir sobre uma base idêntica é indicio de que os falantes não sentem o verbo auxiliar e a base como sinônimos, e de que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo valor gramatical”, posição também de Heine (1993). De fato, é o que vem acontecendo ao verbo *ir*. Falantes vêm desautomatizando dele a ideia de deslocamento quando o utilizam na construção *ir+infinitivo*.

O único resquício semântico da forma fonte que parece permanecer na nova construção é o de [movimento], porém mais abstratizado, pois deixa de ser no espaço e passa a ser no tempo.

No que diz respeito à função ambígua, seu grau de gramaticalidade destoa das demais funções, porque se trata de construções que, na maioria dos casos, ainda não passaram por reanálise; são ainda formadas por uma estrutura de deslocamento e uma de finalidade. Por esse motivo os critérios 01, 03, 05 e 06 (*Inseparabilidade, Incidência da negação sobre o grupo, Frequência alta e fixa V1+V2 e Incidência do circunstante temporal sobre o grupo*), que se atualizam em todos os outros *types* da construção verbal, não se atualizam na função ambígua: nela, os grupos verbais, por não estarem ainda conectados, permitem (i) desdobramento oracional, (ii) incidência da negação e de circunstantes temporais a cada um dos verbos independentemente e (iii) presença de materiais intervenientes entre os elementos do grupo verbal. Por assim se manifestar, esse *type* é também o que menos se detematiza, pois V1 ainda mantém a estrutura argumental original do verbo *ir*: um sujeito agente que se desloca e um complemento locativo.

Embora os graus de gramaticalidade não sejam tão discrepantes entre as funções TAM de *ir+infinitivo*, eles ainda nos permitem tecer algumas conclusões. *Types* Aspectuais, com exceção do Aspecto Imperfectivo Cursivo Semelfactivo, por sua baixa frequência no *corpus* de análise (3/1492 ou 0,2%), estariam em um estágio intermediário de gramaticalização (Graus 5 e 6), constatação decorrente do fato de as ocorrências prototípicas desse *type* ainda estarem ligadas à estrutura argumental do verbo *ir* por apresentarem resquícios semânticos de deslocamento em direção a uma meta e, sendo assim, não estariam totalmente detematizadas. Isso pode ser confirmado por um dado contido na análise dos *types* aspectuais: é a função que mais possui circunstantes agregados ao grupo verbal (36% das ocorrências). Por não estarem totalmente dessemantizadas e por possuírem locativos, essas ocorrências ainda podem ser desdobradas em duas estruturas: [deslocamento] + [finalidade]. O critério da *Recursividade*

não foi atualizado em nenhum *type* aspectual, o que vem a confirmar que, sob essa função, *ir* não é um auxiliar prototípico.

Types Temporais, com grau 7 ou 8, estariam mais gramaticalizados que os Aspectuais, cujos graus variam de 5 a 6. Embora alguns dos *types* temporais ainda não estejam totalmente *detematizados* (futuro próximo e remoto), já não é mais possível, às ocorrências prototípicas, o desdobramento oracional.

Outro critério que, categoricamente, não se atualiza nesses *types* é o da *apassivização*. De acordo com Lobato (1975) "se há na língua uma classe de auxiliares, esses devem pertencer ao grupo de verbos suscetíveis de coocorrer com um verbo apassivável", o que não acontece com o grupo verbal *ir+infinitivo* sob a função temporal.

O critério da *Recursividade* só foi atualizado no *type* Futuro Próximo, o que indicia que essa função seria, dentro de um *continuum*, um pouco mais gramaticalizada que as demais funções temporais de Futuro Remoto e Futuro do Pretérito.

Já os *types* Modais são, por sua vez, os mais gramaticalizados, com graus variando entre 8 e 9. Só não atualizam o critério da *Recursividade*, uma vez que, em nosso *corpus* de análise, não identificamos nenhuma ocorrência com função modal em que *ir* tenha incidido sobre uma base idêntica, e, no caso da MOF, o critério da *Oposição a uma forma simples correspondente* também não foi verificado, já que a perífrase, sob valor de exortação, não é variante de futuro.

A partir dos resultados obtidos da análise dos critérios de auxiliaridade, formulamos o seguinte *cline* para a gramaticalização de *ir+infinitivo* mostrado na figura 06.

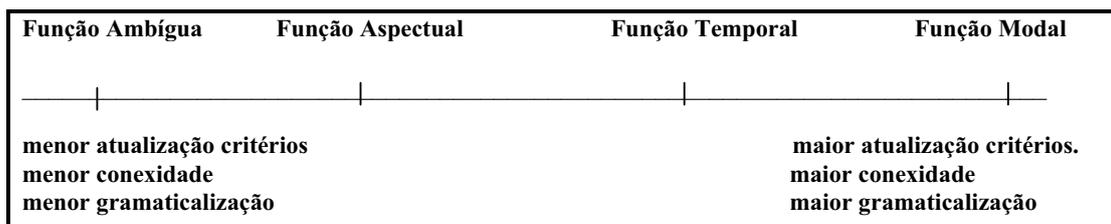


Figura 06: *Cline* de Gramaticalidade de *ir+infinitivo* pelos Critérios de Auxiliaridade (HEINE, 1993; LOBATO, 1975; LONGO, 1990 e LONGO E CAMPOS, 2002)

O *cline* acima ratificaria o postulado de Bybee (1985) sobre a ordem universal de ocorrência dos morfemas flexionais em relação ao radical e consequente ordem de gramaticalização das categorias verbais: Aspecto seria, dentre as demais categorias verbais, a menos gramatical por ser mais necessária ao sentido lexical do verbo, Tempo seria uma categoria intermediária e Modo/Modalidade seria a mais gramatical, por escopar toda a sentença (*Aspecto > Tempo > Modo/Modalidade*). Temos claro, entretanto, que a confirmação dessa escala de gramaticalização requer uma comprovação diacrônica, o que pretendemos desenvolver em pesquisa futura.

É importante frisar que são muitos os estudos diacrônicos que atestam que o futuro teria surgido muito mais para cumprir uma função modal do que temporal, como já dito anteriormente. Contudo, a nosso ver, isso não inviabiliza um comportamento sincrônico em que Tempo se gramaticaliza em Modo/Modalidade, porque, mesmo diacronicamente, depois que uma forma se estabiliza como puramente temporal, novas matizes modais podem começar a surgir pela própria necessidade que o falante tem de se fazer mais expressivo.

Em uma análise comparativa entre os *clines* de gramaticalização de *ir+infinitivo*, obtidos a partir da análise de diferentes critérios, percebe-se que, pelo *critério frequência*, Modo/Modalidade gramaticaliza-se em Tempo, portanto Tempo seria a categoria mais gramaticalizada; pelos critérios de auxiliaridade, Tempo gramaticaliza-se em Modo/Modalidade, portanto Modo/Modalidade seria a categoria mais gramaticalizada. Como explicar aparente divergência?

Fernandes (2010), em trabalho que investiga o domínio funcional aspectual de perífrases constituídas pelos verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio, vale-se também dos critérios *frequência* (BYBEE, 2003) e dos *critérios de auxiliaridade* (LOBATO, 1975; LONGO, 1990; HEINE, 1993; LONGO/CAMPOS, 2002; ILARI & BASSO, 2008) para elaborar um *cline* que apresenta o grau de gramaticalidade de cada uma

das construções aspectuais estudadas. A autora conclui que, para o estudo de formas agrupadas sob um dado domínio funcional, o critério frequência é o mais adequado para aferir o grau de gramaticalidade de cada construção e que "os critérios de auxiliaridade aplicados não são necessários nem suficientes para determinar o grau de gramaticalidade das perífrases, já que um dos critérios - Inseparabilidade - pode determinar todos os outros" (FERNANDES, 2010, p. 62).

No que diz respeito ao estudo da multifuncionalidade de *ir+infinitivo*, analisamos, exatamente, a situação contrária: investigamos uma única forma que integra diferentes domínios funcionais – Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade. Talvez, por esse motivo, o grau de gramaticalização seja, ao contrário do estudo de Fernandes (2010), mais bem aferido por meio dos critérios de auxiliaridade do que pelo critério frequência. Tal afirmação decorre do fato de que, pela frequência, não podemos recompor a escala de gramaticalização das categorias verbais flexionais (Aspecto > Tempo > Modo/Modalidade) elaborada com base nos estudos de Bybee (1985), mas podemos recompô-la por meio da atualização dos critérios de auxiliaridade. Assim, defendemos, neste trabalho, que não há uma incoerência entre os critérios utilizados para se medir o grau de gramaticalização de perífrases, mas há sim critérios especializados para cada uma das finalidades de pesquisa. Para um estudo que leve em conta formas diferentes de codificação de uma mesma função, *Estratificação*, nos termos de Hopper (1991), a ferramenta mais adequada seria o *critério frequência*; já para um estudo que leve em conta uma forma e os diferentes domínios funcionais que ela pode vir a integrar, *Divergência*, nos termos de Hopper (1991), a ferramenta mais adequada seria a aplicação dos *critérios de auxiliaridade*.

Parte III - Estudo Variacionista: A Alternância entre Futuro Sintético e Analítico

3.1 Um caminho para o estudo variacionista

No início da execução deste trabalho, a noção de futuridade parecia-nos ser a única passível de atualização na construção verbal em estudo, já que, à primeira vista, *ir+infinitivo* era uma variante com função exclusivamente temporal. Contudo, durante o levantamento dos dados, verificamos também a existência de funções aspectuais, em construções com valores atemporais e anteriores ao momento da fala, funções modais com formas "quase"-cristalizadas e funções de marcador discursivo; todas não intercambiáveis pelo futuro sintético. Uma das contribuições de nosso trabalho é, portanto, a de mostrar que o grupo verbal *ir+infinitivo*, apresenta muitas outras funções além da de futuridade.

O gráfico seguinte permite visualizar a porcentagem de ocorrências de *ir+infinitivo* parafraseáveis e não-parafraseáveis pelo futuro sintético.

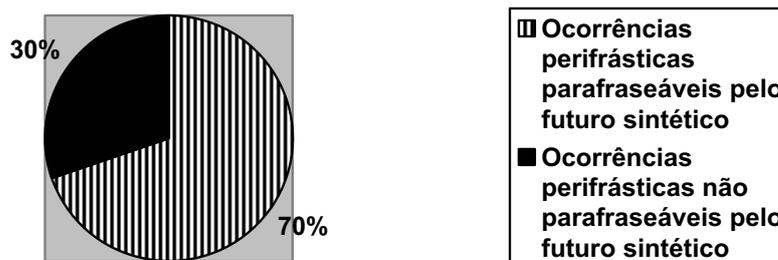


Gráfico 02: Percentual de ocorrências perifrásticas alternantes ou não de futuro sintético

Como se pode notar no gráfico 02, construções *ir+infinitivo* são mais recorrentes quando codificam futuridade. Não se pode desconsiderar, entretanto, a existência de outros valores não-futuros.

Na tabela 07 abaixo, elencamos todos os *types* do grupo verbal e apresentamos a porcentagem daqueles que possibilitam uma alternância com o futuro sintético.

Tabela 07: Funções de *ir+infinitivo* alternantes de futuro sintético

<i>Types de ir+infinitivo</i>	Frequência de ocorrências possíveis de se alternarem com futuro sintético
Aspecto Imperfectivo Iterativo	0%
Aspecto Imperfectivo Inceptivo Semelfactivo	6,7%
Aspecto Imperfectivo Cursivo Semelfactivo	100%
Aspecto Perfectivo Semelfactivo	0%
Tempo Futuro Próximo	100%
Tempo Futuro Remoto	100%
Tempo Futuro do Pretérito	100%
Modalidade orientada para Falante	5,8%
Modalidade Orientada para Agente	98%
Modalidade Epistêmica (Possibilidade)	92,8%
Marcador Discursivo	0%
Função Ambígua	12,8%

Em *types* aspectuais, as construções *ir+infinitivo* nem sempre são intercambiáveis pelo futuro sintético. Embora a função aspectual cursiva permita, categoricamente, a alternância pela variante sintética, ela tem uma baixa frequência no *corpus* (três ocorrências ou 0,2% da amostra). Assim, pode-se afirmar que as funções aspectuais mais frequentes para a construção *ir+infinitivo* inibem, em maioria, a leitura de tempo futuro, o que corrobora o postulado de Travaglia (1981) e Castilho (2002) que postulam ser o tempo futuro um bloqueador do aspecto. Os casos em que a alternância é verificada podem ser explicados em termos de outras estratégias de que o falante se vale, tais como, uso de circunstantes ou expressões de tempo, que acabam por contribuir para a coocorrência de um valor de futuridadade.

Em *types* temporais, os *tokens* de *ir+infinitivo* são, categoricamente, parafraseáveis pelo futuro sintético (100%), ou seja, todas as manifestações da categoria tempo nessa construção, são manifestações de tempo futuro.

Types de Modalidade Orientada para o Agente (desejo > obrigação) e Modalidade Epistêmica (possibilidade) apresentam construções alternantes com futuro sintético na maioria das ocorrências (98% e 92,8%, respectivamente). Esse resultado já era esperado, pois as

noções atualizadas por essas categorias modais estão muito imbricadas com a própria definição que se tem de tempo futuro. Já o *type* Modalidade Orientada para o Falante teve baixa alternância com o futuro sintético (5,8%) e isso se explica pelo fato de que a maioria das construções de *ir+infinitivo* que subjazem a essa função têm como V1 um verbo no imperativo ou uma força ilocucionária imperativa ou exortativa, o que inviabiliza sintática e semanticamente a alternância com a forma sintética.

O *type* ambíguo teve um percentual relevante de construções parafraseáveis pelo futuro sintético (12,8%), mas ainda considerado baixo se comparado às funções temporais e de Modalidade Epistêmicas e Modalidade Orientadas para o Agente. Trata-se de ocorrências em início de processo de gramaticalização e, em muitas delas, a perífrase ainda não se encontra formada. As nuances semânticas que se sobrepõem, nessa função, são as de deslocamento com uma finalidade e Aspecto, principalmente Imperfectivo Iterativo. As construções que permitem paráfrase por futuro sintético são aquelas que, embora ambíguas, já apresentam um valor de futuridade, ainda que secundário.

O *type* Marcador Discursivo não permitiu, em nenhuma das ocorrências, paráfrase com futuro sintético, já que se trata de uma construção não mais situada no nível da frase; são formas cristalizadas e utilizadas pelo falante como estratégias discursivo-pragmáticas.

Para a análise variacionista, selecionamos, dentre todas as funções que *ir+infinitivo* atualiza, apenas aquelas intercambiáveis pelo futuro sintético (Futuro do Presente e do Pretérito) e com valor predominantemente Temporal (Tempo Futuro Imediato, Tempo Futuro Remoto, Tempo Futuro do Pretérito). A essas ocorrências somamos às de futuro sintético, intercambiáveis pelo futuro analítico (Presente e do Pretérito). Os *tokens* de cada variante são mostrados na tabela 08 a seguir.

Tabela 08: Distribuição Geral das variantes de tempo futuro no dialeto do interior paulista

Variável	Variantes	Tokens das variantes	Tokens da variável
Tempo Futuro Próximo e Remoto	Futuro do Presente Sintético (<i>amarei</i>)	14 2,6%	555 100%
	Futuro do Presente Analítico IR _{Presente Ind.} + INFINITIVO (<i>you amar</i>)	540 97,2%	
	Futuro do Presente Analítico IR _{Futuro Pres. Ind.} + INFINITIVO (<i>irei amar</i>)	1 0,2%	
Tempo Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito Sintético (<i>amaria</i>)	48 37%	130 100%
	Futuro do Pretérito Analítico IR _{Pret. Imperf. Ind.} + INFINITIVO (<i>ia amar</i>)	80 61,5%	
	Futuro do Pretérito Analítico IR _{Futuro Pret. Ind.} + INFINITIVO (<i>iria amar</i>)	2 1,5%	

Como se observa na tabela acima, houve apenas uma ocorrência de **IR_{FUTURO PRES. IND.} + INFINITIVO** com valor de futuridade próxima, conforme mostramos em (90). Pela baixa frequência e também pela proximidade sintático-semântica, foram amalgamadas às ocorrências dessa mesma construção em que V1 está flexionado no presente.

- (90) *por exemplo tá lá éh:: quem irá buscá(r)... éh:: a mãe... tem o nome da mãe e o R.G... aí pega o/ o::... o Tio vai buscá(r)... a gente num pode entregá(r) ele pro tio* (AC-051; RP; L.414)

O mesmo procedimento foi tomado com as duas únicas ocorrências de **IR_{FUTURO PRET. IND.} + INFINITIVO**, mostradas em (91) e (92), com valor de tempo Futuro do Pretérito: amalgamamo-as às ocorrências de **IR_{PRET. IMPERF. IND.} + INFINITIVO** sob a mesma justificativa dada anteriormente.

- (91) *ele fa/ com/ PROMETEU pro meu irmão que NUNCA MAIS ele iria colocá(r)... uma gota de álcool na boca...* (AC-072; NE; L.91)

- (92) *ela veio e falô(u) que ela iria tirá(r) essa criança... entendeu?... que ela i/ tava pensan(d)o de abortá(r) essa criança...* (AC-072; NR; L.176)

De acordo com Oliveira (2006, p. 109), a baixa frequência dessas variantes parecem indicar uma tentativa do falante de se manifestar de maneira mais formal, para contornarem a possível informalidade da perífrase com o verbo *ir* no Presente ou no Pretérito Imperfeito.

Entretanto, em nosso trabalho, o falante do interior paulista parece preferir ainda a forma sintética para realizar um registro mais formal à utilização da forma analítica com V1 no Futuro simples ou Futuro do Pretérito, dada a quantidade de dados encontrados de cada uma das variantes.

Tomadas as decisões de amalgamar duas das variantes inicialmente propostas, a distribuição dos dados passa a ser a apresentada na tabela 09 dada a seguir.

Tabela 09: Distribuição Geral definitiva das variantes de tempo futuro no dialeto do interior paulista

Variável	Variantes	Tokens das variantes	Tokens da variável
Tempo Futuro Próximo e Remoto	Futuro do Presente Sintético	14 2,5%	555 100%
	Futuro do Presente Analítico IR _{PRESENTE IND.} + INFINITIVO	541 97,5%	
Tempo Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito Sintético	48 37%	130 100%
	Futuro do Pretérito Analítico IR _{PRET. IMPERF. IND.} + INFINITIVO	82 63%	

A partir da leitura da tabela acima, percebemos que a quantidade de ocorrências de Futuro do Presente sintético identificada em nosso *corpus* mostrou-se insuficiente para análise de regra variável, indiciando um caso de mudança instaurado em favor do Futuro do Presente analítico. Essa constatação justifica a realização de apenas uma análise qualitativa da marcação de tempo Futuro Próximo/Remoto em suas formas sintéticas e analíticas.

No que diz respeito à marcação de tempo Futuro do Pretérito tem-se ainda, entre os falantes do interior paulista, uma variação bastante considerável, cabendo, portanto, um estudo quantitativo dessa codificação temporal. As análises qualitativa e quantitativa são apresentadas a seguir.

3.2 Análise qualitativa do Futuro do Presente Sintético e Analítico

Nossos dados confirmam que já não é mais possível dizer que Futuro do Presente

sintético está em variação com a construção **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO** no dialeto do interior paulista (cf. tabela 09). A análise da sincronia atual revela que, para a marcação de Futuro Próximo/Remoto, a forma analítica é a variante *default*, e o Futuro do Presente sintético é utilizado apenas em contextos bastante específicos, conforme mostramos a seguir.

Dentre as 14 ocorrências de Futuro do Presente sintético identificados, verificamos os seguintes comportamentos:

(i) três ocorrências têm um mesmo contexto de futuro, como mostram (93) e (94), uma espécie de enumeração de eventos.²⁹

(93) *então amanhã nós estaremos in(d)o pra lá ficaremos lá mais uns/ acho que uns dez dias lá pescan(d)o* (AC-093; DE; L. 191)

(94) *ai nós saímos em Rio Verde de Rio Verde nós... passamos por... Caiapônia... de Caiapônia nós iremos até éh.: Piranhas... depois de Piranhas Aragarça* (AC-093; RP; L. 295)

Em (93), o primeiro *token* ocorre dentro de uma expressão comumente denominada *gerundismo*, bastante comum na modalidade falada; o segundo que o segue parece também se realizar sinteticamente por obediência ao critério formal de que marca leva a marca e zero leva a zero (POPALCK, 1979, p. 80, *apud* OLIVEIRA, 2006). Interessante também é que os três *tokens* são proferidos pelo mesmo informante, o que também nos leva a pensar que a utilização dessa forma pode ser uma característica própria deste falante em específico, uma idiosincrasia, portanto, e não de sua comunidade de fala.

(ii) seis ocorrências, também provenientes de um mesmo informante, têm o mesmo contexto de futuro dentro do discurso bíblico, como seguem apresentadas de (95) a (99).

(95) *na bíblia tam(b)ém fala –“na vida tereis aflição”–... mas eu venci o mundo JeSUS venceu tudo... né?* (AC-106; NR; L.379)

(96) *Ele... já diz (inint.)... –“tudo o que você pedir ao meu Pai”– Jesus falô(u)... –“em Meu nome... ((barulho de motocicleta)) te dará”* (AC-106; NE; L.179)

²⁹ Observe que, em uma mesma ocorrência pode haver mais de uma manifestação de futuro, como é o caso de (93).

- (97) *porque na bíblia fala – “será salva toda a sua casa”... falei –“puxa vida eu e minha casa”* (AC-106; NE; L.255)
- (98) *éh... – “EU... e minha casa serviremos ao Senhor” – essa frase... eu falei –“puxa vida”– eu e minha casa serviremos ao Senhor o que que eu quero ma/ de maior nessa vida* (AC-106; NE; L.257)
- (99) *falei –“Senhor... vai me mostran(d)o tudo o que num é seu... tudo o que tivé(r) dentro da minha casa... que não fô(r) do Seu... o Senhor me mostra que eu vô(u) pegá(r)... e jogarei fora tudo* (AC-106; NE; L.244)

Nas ocorrências de (95) a (97), o falante utiliza a forma sintética em uma citação literal do discurso bíblico, na qual reproduz, na íntegra, por meio do discurso direto, a fala de outrem; já em (98) e (99), ele utiliza a forma sintética para interpretar as mensagens bíblicas.

Interessante salientar que, em (99), o falante se vale, inicialmente, da forma analítica *vou pegar* e, logo em seguida, da forma sintética em *jogarei*, para se reportar a um momento posterior ao primeiro que também é futuro. Essa ocorrência reforça o postulado de Fleischmann (1982) de que formas analíticas têm um vínculo com o presente, enquanto formas sintéticas pertencem a um futuro mais distante, mantendo uma independência maior em relação ao momento da fala.

(iii) quatro ocorrências ou com verbo *ser* ((100), (102), (103)) ou com verbo *ter* ((101)).

- (100) *engravidada uma menina de quinze anos... grávida que que será dessa menina no futuro?... que que que será?* (AC-022; RO; L.546)
- (101) *tem que pedi(r) pra Deus pra para que::... nada de muito grave aconteça porque... o que acontecê(r)... você terá que respondê(r) por aquilo né?"* (AC-103; NE; L.99)
- (102) *éh éh eu serei até ignorante em achá(r) isso é até radical achá(r) que a minha mane(i)ra é uma mane/ é uma mane(i)ra certa...* (AC-109; RO; L.593)
- (103) *já saiu até na revista Veja... o Brasil::... possivelmente será o:: o:: uma Arábia Saudita só que do petróleo ver::de* (AC-139; RO; L.589)

De acordo com Santos (1997 *apud* GIBBÓN, 2000), o tamanho do verbo tem relação com a escolha das variantes de futuro. Para a autora, quanto mais sílabas ele possui, mais provável é o uso da forma perifrástica, já que o uso do futuro sintético já acrescenta uma nova

sílaba ao verbo, o que o tornaria maior e mais pesado. Assim, pelo princípio da economia linguística, verbos monossilábicos, como *ter/ser*, tenderiam a ocorrer mais na forma variante sintética.

Importante retomarmos também a hipótese que apresentamos no início deste trabalho de que o futuro sintético ainda resistiria no sistema por causa de seu ensino explícito como "forma correta" de marcar tempo futuro. De fato, isso se confirmou em nossos dados, ainda que esses tenham sido escassos. Dos seis informantes que produziram as 14 ocorrências com futuro sintético, 5 possuem ensino médio completo (11 *tokens*) e apenas 1 possuía primeiro ciclo do fundamental completo (3 *tokens*), ou seja, 79% dos dados de Futuro do Presente sintético foram produzidos por falantes mais escolarizados.

No que diz respeito ao fator social idade, 79% das ocorrências foram proferidas por informantes entre 36-55 anos (terceira variante da variável idade), o que também reforça a tendência sociolinguística de que falantes mais velhos preservariam a variante mais conservadora.

Já com relação ao fator social gênero, 57% dos dados foram produzidos por mulheres e 43% por homens. Embora a diferença não seja discrepante, corrobora a tendência sociolinguística de mulheres serem mais inovadoras quando se trata de fenômenos sem estigma.

Embora nossa análise tenha sido feita com base em variedade falada do PB contemporâneo, podemos afirmar que já se implementou, na matriz linguística e social, a mudança na forma de expressão de futuridade próxima/remota, em favor da variante analítica.

3.3 Análise quantitativa do Futuro do Pretérito Sintético e Analítico

Em nossa amostra, identificamos um total de 130 formas verbais que atualizam, predominantemente, o Tempo Futuro do Pretérito. Desse total, 63% (82/130) manifestam-se

sob a forma analítica e 37% (48/130), sob a forma sintética. No gráfico 03, observam-se os percentuais acima apresentados.

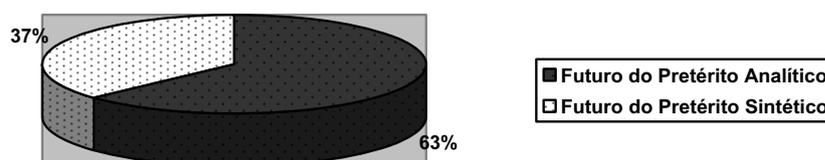


Gráfico 03: Percentual de ocorrência de Futuro do Pretérito analítico e sintético no dialeto riopretano

Como podemos observar, o percentual de Futuro do Pretérito analítico, forma inovadora, prevalece sobre o sintético, forma conservadora. Esse resultado indicia que estamos diante de um caso de mudança em curso, uma vez que, na sincronia atual, a variante analítica tem sido cada vez mais frequente, na marcação de Futuro do Pretérito, em detrimento da forma sintética. Tal processo pode ter motivação na mudança já instaurada pela expressão de Futuro do Presente.

Passamos, a seguir, à análise dos grupos de fatores que, selecionados como relevantes pelo programa GoldVarb, favorecem a atualização do Futuro do Pretérito analítico.

3.3.1 Significância dos fatores considerados

Dentre os 12 grupos de fatores linguísticos e sociais considerados para a análise Sociolinguística de marcação de Futuro do Pretérito (cf. seção 1.2.3.2), foram selecionados como relevantes, pelo programa GoldVarb, apenas cinco, conforme mostramos em (104).

(104) Ordem de significância dos fatores:

- 1°. *Estatuto Sintático da oração*
- 2°. *Paradigma Verbal*
- 3°. *Tipo de Estado de Coisas*
- 4°. *Tipo de Texto*
- 5°. *Idade*

Foram descartados da análise multidimensional, na ordem dada a seguir, as seguintes variáveis: *Tipo de Sujeito; Sexo; Paralelismo Formal; Concordância sujeito-verbo, Pessoa gramatical e número do sujeito; número de sílabas do verbo principal; escolaridade.*

Nas análises que se seguem, apresentamos os resultados somente para os grupos de fatores selecionados pelo programa. Para a apresentação, levamos em consideração a hierarquia decrescente de importância de cada um deles para a aplicação da regra variável – Futuro do Pretérito analítico.

3.3.1.1 Estatuto Sintático da Oração

Este grupo de fator foi proposto, como já apresentado anteriormente, sob a justificativa de que formas analíticas e sintéticas poderiam ter contextos sintáticos específicos de ocorrência. Conforme mostramos, a motivação dessa proposta deu-se com base nos trabalhos de Bybee (2001), sobre a localização da forma inovadora em orações complexas, e de Fleischmann (1982), sobre a localização de *tenses* relativos nas sentenças.

Essa variável linguística foi a mais relevante dentre todas as analisadas em nosso trabalho. Apresentamos, na sequência, na tabela 10, o percentual e o peso relativo (PR, daqui em diante) de cada fator dessa variável, a fim de averiguar qual deles favoreceu a aplicação da forma analítica.

Tabela 10: Frequência e PR do Futuro do Pretérito analítico com relação à variável *Tipo Sintático da Oração*

Fatores	Frequência		Peso Relativo
Subordinada	52/64	81,2%	.720
Principal de Subordinada	6/26	23,1%	.095
Coordenada/Justaposta	24/40	60%	.489

Input 0.749 /Sig .043

A partir dos resultados apontados pela tabela acima, podemos afirmar que o contexto sintático de *orações subordinadas* favorece em 81,2% a emergência do Futuro do Pretérito analítico, com PR de .72. Um exemplo é apresentado em (105).

(105) *um moleque maior falô(u) que ia batê(r) nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá e brincade(i)ra lá e começô(u) empurrá(r) ele... (AC-067; NR; L.170)*

Tal resultado contraria o postulado de Bybee (2001) de que formas inovadoras tendem a ocorrer em orações principais, pois a variante inovadora, em nosso estudo, foi, principalmente, identificada em orações subordinadas. Em contrapartida, o resultado ratifica o postulado de Fleischmann (1982) de que tempo relativo, como o Futuro do Pretérito, localiza o evento em orações dependentes, tomando como base um ponto de referência, estabelecido, geralmente, na oração principal; em outras palavras, formas de Futuro do Pretérito ocorreriam, com maior frequência, em orações subordinadas, o que, de fato, foi constatado em nossos dados. Mais especificamente, nossos resultados apontam que dentre as formas de Futuro do Pretérito em estudo, a que é mais frequentemente representada em uma sentença subordinada é a de Futuro do Pretérito analítico.

Orações Coordenadas ou Justapostas têm um PR intermediário (.489), mas não influenciam a aplicação da regra, e orações principais de subordinadas têm o menor PR (.095), contexto que desfavorece a variante analítica.

A maioria das ocorrências de Futuro do Pretérito analítico ocorre em posição de oração encaixada, por serem produzidas em contextos em que o falante reproduz a fala de outrem – discurso indireto, conforme mostrado em (105). Das 33 ocorrências de discurso indireto com Futuro do Pretérito, 27 (78,8%) são de Futuro de Pretérito analítico. Houve a tentativa de checar o grupo de fator *Tipo de Discurso* para a análise Sociolinguística, a fim de verificarmos o PR dessa variável para a aplicação da regra, porém, como são poucas os contextos de discurso direto (5/130), tivemos problemas de ortogonalidade na rodada final

dos dados³⁰. Dessa forma, teve de ser excluído.

3.3.1.2 Paradigma Verbal

Esta variável, segunda mais relevante pela seleção do programa GoldVarb, foi proposta, como já apresentado na metodologia, sob a expectativa de que verbos regulares favoreceriam o futuro analítico.

Segue, na tabela 11, as frequências e PR desse grupo de fatores para a forma analítica.

Tabela 11: Frequência e PR do Futuro do Pretérito analítico com relação à variável *Paradigma Verbal*

Fatores	Frequência		Peso Relativo
Verbo Regular	52/66	78,8%	.803
Verbo Irregular	30/64	46,9%	.190

Input 0.749 /Sig .043

Baseados nos resultados oferecidos pela tabela, podemos afirmar que falantes produzem o futuro analítico, quase categoricamente (PR .803), com verbos regulares e, futuro sintético com os irregulares (PR .810). Deve-se observar que verbos irregulares exigem desinências específicas e, por esse motivo, falantes poderiam querer evitá-los; contudo, conforme aponta Oliveira (2006, p. 117), o fato de eles admitirem mais futuro simples do que os verbos regulares pode estar relacionado à extensão vocabular, pois sabe-se que a maioria dos verbos irregulares são monossilábicos (CÂMARA JÚNIOR, 1985); por esse motivo, a colocação de um morfema flexional não o tornaria extenso. Assim quanto maior a extensão do verbo, maior o uso da perífrase, pois o uso da forma analítica implicaria o aumento de mais uma sílaba ao verbo. Outra justificativa para o predomínio do futuro sintético em formas irregulares pode ser oferecida pelo fenômeno da *estocagem* (BYBEE, 2003), já tratado anteriormente no capítulo de Metodologia.

Por meio do cruzamento das variáveis *Paradigma Verbal* e *Paralelismo Discursivo*,

³⁰ O problema de ortogonalidade se caracteriza por número baixo de ocorrência para um dado fator.

identificamos que 60% das ocorrências (12/20) que atualizaram o fator *marca leva a marca* ocorreram com verbos regulares. Dentre esses verbos, 83% (10/12) compõem a construção verbal *ir+infinitivo* de Futuro do Pretérito. Dessa forma, temos que verbos regulares favorecem o fenômeno do paralelismo discursivo e esse, por sua vez, ocorre, na maior parte dos casos, com formas analíticas, conforme ilustramos a seguir com a ocorrência (106).

- (106) *começô(u) com aquele ciú::mes... que ia estudá(r) fo::ra que ia mudá::(r)... ma::s... assim... eu acho que num tem nada... a vê::(r)* (AC-052; NE; L.26)

Como já apresentado anteriormente, pesquisas anteriores (GIBBÓN, 2000; OLIVEIRA, 2006) postularam que futuro sintético ocorreria, na maioria dos casos, com verbos monossilábicos por um princípio de extensão vocabular. Tendo em vista que a maioria dos verbos monossilábicos em Língua Portuguesa é irregular, era esperado que, ao cruzarmos as variáveis Paradigma Verbal e Número de Sílabas, o futuro sintético se atualizasse, na maioria dos casos, com verbos irregulares e monossilábicos e, o futuro analítico, com verbos regulares com duas ou mais sílabas, o que, de fato, se confirmou.

Dentre os verbos regulares de duas ou mais sílabas, 79% (52/66) ocorreram na variante analítica, como ilustra (107), e 56% (24/43) dos verbos irregulares de uma sílaba ocorreram na variante sintética, como mostra (108).

- (107) *ai nós falamo(s) que ia ajudá(r) e::la dá(r) uma força pra ela no chá de bebê... aquelas coisa toda que todo mundo fala...* (AC-072; NR; L.182)

- (108) *não pensan(d)o negativo mas num teria como... ele cumprí(r) com tudo aQUilo... que ele tá prometen(d)o agora como existe né?...* (AC-103; RO; L.470)

3.3.1.3 Tipo de Estado de Coisas

O tipo de estado de coisas foi a terceira variável selecionada pelo programa. Conforme já exposta, nossa hipótese era a de que o estado de coisas *Ação* favoreceria a variante analítica por dois motivos básicos: (i) falantes que se valem de sujeitos agentes se comprometeriam

mais com a realização do evento, e comprometimento do falante é mais bem identificado em formas analíticas, já que se trata de um valor modal; (ii) o verbo *ir*, mesmo mais gramaticalizado, conserva o traço de [movimento], logo, seria mais frequente em estados de coisas *Ação*.

Os resultados da análise desse grupo de fator com relação à variante analítica são apresentados na tabela 12.

Tabela 12: Frequência e PR do Futuro do Pretérito analítico com relação à variável *Tipo de Estado de Coisas*

Fatores	Frequência		Peso Relativo
Ação [+ din.] [+con.]	39/57	68,4%	.570
Processo [+ din.] [- con.]	20/31	64,5%	.483
Posição [-din.] [+ con.]	7/22	31,8%	.086
Estado [-din.] [-con.]	16/20	80%	.869

Input 0.749 /Sig .043

Como se pode notar, os resultados não confirmam totalmente nossa hipótese inicial, pois o estado de coisas *Ação*, ainda que relevante, com PR. de .570 e percentual de 68,4% de ocorrência, não é o contexto que mais favorece a aplicação da regra. É sim o estado de coisas mais frequente (57/130) quando consideramos o total de dados de Futuro do Pretérito, contudo o que favorece em 80% a emergência da forma analítica é o estado de coisas *Estado* com .868 de PR. Tal resultado nos surpreendeu, pois era esperado, com base em resultado de estudos anteriores (OLIVEIRA, 2006, MALVAR, 2003), que esse estado de coisas inibisse o uso perifrástico, pela própria natureza desse tipo de evento, que se contrapõe à ideia de movimento, presente no verbo *ir* mesmo nos seus estágios mais avançados de gramaticalização (movimento no espaço > movimento no tempo). O estado de coisas *Processo*, embora não favoreça a perífrase, tem um PR intermediário (.483), e *Posição* tem PR bastante baixo (.086).

Embora inesperado, o resultado dessa análise pode estar indiciando que a forma perifrástica é realmente mais gramaticalizada, pois não exige, na maioria das ocorrências,

sujeito Agente, exigência primeira do verbo pleno *ir* indicador de deslocamento espacial, constatação que vem a corroborar o postulado da Gramaticalização de que à medida que um item se gramaticaliza, torna-se mais genérico, perdendo, assim, restrições sintáticas antes exigidas pela forma fonte, conforme prevê o princípio da *Extensão ou Generalização Contextual* (HEINE, 2003).

Importante destacar que propusemos, inicialmente, os grupos de fatores *Tipo semântico do sujeito* e *Animacidade do Sujeito*, a fim de controlarmos, mais especificamente, a perda de restrições sintáticas, contudo, deparamo-nos com problemas de sobreposição de grupos de fatores no momento de rodarmos os dados no programa GoldVarb, o que nos obrigou a desconsiderar essas variáveis nas rodadas do GoldVarb.

3.3.1.4 Tipo de Texto

O tipo de texto ou gênero discursivo apresentava, em nossa análise inicial, quatro variantes: *Narrativa*, *Descrição*, *Relato de Procedimento* e *Relato de Opinião*, distinção essa proposta pelo próprio Banco de Dados IBORUNA. Contudo os tipos de texto *Descrição* e *Relato de Procedimento* tiveram poucas ocorrências na amostra que compusemos para a análise Sociolinguística, o que nos causou problemas de ortogonalidade na rodada final. Por isso, os amalgamamos em um único fator, como mostramos na tabela 13.

A hipótese que motivou a análise desta variável foi a de que a manifestação de formas analíticas e sintéticas é dependente do tipo textual. Na tabela abaixo, apresentamos os resultados de cada fator deste grupo, a fim de identificar qual deles estaria favorecendo a aplicação da forma analítica.

Tabela 13: Frequência e PR do Futuro do Pretérito analítico com relação à variável *Tipo de Texto*

Fatores	Frequência		Peso Relativo
Narrativa	64/87	73,6%	.656
Descrição/Relato de Procedimento	6/11	54,5%	.229
Relato de Opinião	12/32	37,5%	.208

Input 0.749 /Sig .043

Com base nos resultados apresentados na tabela, é possível apontarmos textos Narrativos como favorecedores da forma analítica, pois têm 73,6% do percentual de ocorrência e PR .656. Já os textos Descrição/Relato de Procedimento e Relato de Opinião apresentam PR bem mais baixos (.229/.208, respectivamente), não sendo fatores que influenciam a escolha da variante analítica, mas da variante sintética, cujos resultados são complementares aos apresentados na tabela 13 para a variante analítica.

Como dito anteriormente, um cruzamento que poderia ser produtivo para explicitar a presença de formas de futuro em textos narrativos seria entre as variáveis Tipo de Texto e Tipo de Discurso Relatado, cruzamento que não foi feito por problemas de ortogonalidade, ou seja, baixíssimo número de ocorrência de Futuro do Pretérito em discurso direto. Entretanto, a ausência desse cruzamento leva-nos a considerar então o cruzamento entre Tipo de Texto de Tipo de Oração. Como se constata, a variante analítica ocorre mais frequentemente em *orações subordinadas* (41/64 ou 64%) encaixadas em predicados de atos de fala, como mostra (109).

(109) *ele se trancô(u) no quarto falan(d)o que ia dormi(r) aí quando meu amigo foi vê(r) ele tava ten/ ele tem/ ia acendê(r) um cigarro pra pra fumá(r)...* (AC-001; N; L.91)

Já textos do tipo *Relato de Opinião* (RO) favorecem a variante sintética (20/32 ou 62,5%), cujas ocorrências, em 50% (10/20) das vezes, situam-se em *Orações principais de subordinadas*, como mostra (110).

(110) *as mulheres por exemplo... elas não **fariam** aborto...* (AC-072; RO; L.570)

Interessante ressaltar o comportamento dos falantes em relação à marcação do tempo Futuro do Pretérito no contexto de *orações coordenadas ou justapostas*. Em textos *Narrativos* (N), a forma analítica é a eleita para esse contexto sintático (19/28=68%) como mostra (111), enquanto, em *Relatos de Opinião* (RO), prevalece a variante sintética (5/8=62%), conforme

exemplo (112). A escolha de uma das variantes de Futuro do Pretérito mostra, claramente, a atuação do fator tipo de texto nesse contexto sintático.

(111) *e nessas quatro mil pessoas assim:: eles iam escolhê(r) (entre) quatro... quatro pessoas apenas [Doc.: uhm] quatro qué(r) dizê(r) a possibilidade seria de mil a um.. (AC-035; N; L.22)*

(112) *[é::] tem um certo gasto... né?... mas... teria que sê(r) diferente (AC-90; RO; L.511)*

3.3.1.5 Idade

A variável Idade apresentava também, no início da análise, cinco variantes, a saber: (i) 7 a 15 anos; (ii) 16 a 25 anos; (iii) 26 a 35 anos; (iv) 36 a 55 anos e (v) mais de 55 anos. Essa estratificação foi também proposta pelo Banco de Dados IBORUNA, sob a justificativa de que “a primeira representa a fase em que os padrões linguísticos estão ainda em fixação e da segunda em diante, a motivação é buscada na pressão social sobre a linguagem do indivíduo, variável de acordo com a inserção no mercado de trabalho” (GONÇALVES, 2008, p.04). Contudo, ao rodarmos os dados, houve *knockout*³¹ para a variante 07-15 anos, pois não ocorreu de falantes dessa faixa etária, na amostra que compusemos, terem produzido futuro sintético. Dessa forma tivemos de amalgamar essa variante à de 16 a 25 anos, conforme mostra tabela 14 para tornar viável a análise.

Consideramos importante o controle dessa variável, pois ela nos permitiria constatar se o fenômeno em estudo é um caso de variação estável ou de uma mudança em curso. Partindo da hipótese de que seria um caso de mudança em curso, dada a frequência maior com que ocorre em relação à forma sintética, era esperado que falantes mais jovens empregassem a forma analítica e que os usos sintéticos se restringissem às amostras de falantes mais velhos. Os resultados para essa variável, que tomou a forma analítica como valor de aplicação, encontram-se reunidos na tabela 14 a seguir.

³¹ *Knockout* ocorre quando não há variação do fenômeno em relação a algum fator, porque em zero ou em cem por cento dos casos ocorre apenas uma variante; trata-se, pois, de uma regra categórica.

Tabela 14: Frequência e PR do Futuro do Pretérito analítico com relação à variável *Idade*

Fatores	Frequência		Peso Relativo
07 - 15 anos/16 - 25 anos	21/31	67,7%	.721
26 - 35 anos	25/38	65,8%	.652
36 - 55 anos	13/29	44,8%	.237
+ de 55 anos	23/32	71,9%	.352

Input 0.749 /Sig .043

Como se pode perceber, parte de nossa hipótese se confirmou nos dados: falantes mais jovens, de fato, são os que mais produzem futuro analítico, com PR de .721 e frequência de 67,7%. Esse resultado já nos permite dizer que estamos diante de um caso de *mudança em progresso*.

Na faixa etária de 26 a 35 anos, conforme esperado, há um decréscimo no índice percentual e no PR de futuro analítico (.652 de PR), contudo há, no terceiro e quarto fatores, uma leve inversão dos resultados em relação a nossas expectativas que previa que o uso da forma analítica decresceria à medida em que fosse avançando a faixa etária. Não é o que se verifica para esses dois últimos fatores, pois falantes da faixa etária de mais de 55 anos produzem mais a forma analítica (.352) do que falantes um pouco mais jovens, da faixa etária de 36 a 55 anos (.237). Esse resultado, apesar de se apresentar como uma contraexpectativa, pode ser explicado recorrendo-se à pressão social a que o indivíduo se submete ao longo de seu convívio social: a terceira faixa etária usa mais a forma sintética, porque está mais sujeita a pressões normativas da língua em razão das exigências do mercado de trabalho, pressão que diminui para indivíduos da quarta faixa etária, para os quais se verifica o aumento do uso da forma analítica; muito provavelmente trata-se de indivíduos que já estão mais “livres” de imposições sociais, porque estão fora do mercado de trabalho.

Ao cruzarmos as variáveis *Idade* e *Sexo/gênero*, percebemos que em todos os dados produzidos por mulheres (67/130 ou 51,6%), independentemente da faixa etária em que se encontram, há o predomínio da forma analítica de Futuro do Pretérito. Tal resultado reforça nossa tese de que *ir+infinitivo* não é fenômeno estigmatizado, pois, como já apresentado

anteriormente, embora mulheres sejam mais conservadoras em relação à norma padrão, são também inovadoras quando se trata de fenômenos em variação sem estigma.

Com relação aos homens, a maioria deles também se vale da forma analítica, contudo, na faixa etária intermediária (de 36 a 55 anos), valem-se, em 80% (12/15) dos casos, da variante sintética, talvez por pressão do grupo social a que se liga, principalmente o mercado de trabalho.

Em resumo...

Tomando como base as análises acima elaboradas, mostramos, na tabela 15 a seguir, todos os fatores que exercem influência sobre o falante no momento da escolha por uma das variantes de Futuro do Pretérito.

Tabela 15: Fatores que influenciam a escolha de uma das variantes de Futuro do Pretérito

Futuro do Pretérito Analítico <i>(Ia amar)</i>		Futuro do Pretérito Sintético <i>(Amaria)</i>	
Fatores influentes	Frequência	Fatores influentes	Frequência
Orações Subordinadas	81,2% (52/64)	Orações Principais de Subordinadas	76,9% (20/26)
Verbo Regular e com mais de duas sílabas	79% (52/66)	Verbo Irregular e Monossilábico	56% (24/43)
Estado de coisas <i>Estado</i>	80% (16/20)	Estado de coisas <i>Posição</i>	68,2% (15/22)
Texto Narrativo	73,6% (64/87)	Relato de Opinião	62,5% (20/32)
Faixa etária mais jovem (07-25 anos)	67,7% (21/31)	Faixa etária intermediária (36-55anos)	55,2% (16/29)

O presente trabalho teve como foco a noção de futuridade – Futuro Próximo, Futuro Remoto e Futuro em relação a um passado – codificada, atualmente, por formas sintéticas e analíticas (*Princípio da Estratificação*; HOPPER, 1991). Tivemos como objetivos de pesquisa (i) apresentar a multifuncionalidade da construção verbal *ir+infinitivo*, uma das variantes analíticas de futuridade, selecionada, neste trabalho, como fenômeno de estudo; (ii) compor a escala de gramaticalização da perífrase, com base em dados do PB contemporâneo; (iii) identificar como falantes do interior paulista realizam a marcação de futuridade; se se trata de fenômeno variável ou caso de mudança instaurado em favor da forma analítica. Supúnhamos, com base em resultados de pesquisas anteriores (GIBBÓN, 2000; OLIVEIRA 2006; SANTOS, 2000), que, por adotarmos como *corpus* de análise amostras de língua falada, a forma analítica seria a variante *default* e que, por essa razão, a noção de futuridade, no dialeto riopretano, já não seria mais um fenômeno variável. Contudo, o resultado não comprovou de todo nossa expectativa.

No que diz respeito à multifuncionalidade de *ir+infinitivo*, identificamos, sincronicamente, doze diferentes funções para esse grupo verbal: quatro funções **Aspectuais** (*Imperfectiva Iterativa*, *Imperfectiva Inceptiva Semelfactiva*, *Imperfectiva Cursiva Semelfactiva* e *Perfectiva Semelfactiva*); três funções **Temporais** (*Futuro Próximo*, *Futuro Remoto* e *Futuro do Pretérito*); três funções **Modais** (*Orientada para o falante*; *Orientada para o Agente*; *Epistêmica de Possibilidade*); e duas funções para além do complexo **TAM** (*Marcador Discursivo* e *Função Ambígua*).

Embora tenhamos identificado esses 12 diferentes *types*, a maior frequência *token* ficou por conta das funções de *Tempo Futuro Próximo* (35,6% da amostra) e *Modalidade Epistêmica de Possibilidade* (21,4% da amostra). A alta frequência nesses dois *types* pode ser

explicada pelo fato de *ir+infinitivo* estar em processo de gramaticalização e vir se especializando na codificação de tempo futuro, resultado que ratifica a hipótese de Bybee (2003), segundo a qual a frequência de uso das construções gramaticalizadas aumenta conforme a gramaticalização se desenvolve.

Hipotetizamos, durante toda a pesquisa, que a multifuncionalidade de *ir+infinitivo* seria resultado da manifestação de diferentes graus de gramaticalização dessa construção. Por essa razão, aferimos o grau de gramaticalidade de cada *type* de *ir+infinitivo*, recorrendo à apuração da frequência (BYBEE, 2003) e à aplicação dos critérios de auxiliaridade (HEINE, 1993; LOBATO, 1975; LONGO, 1990; LONGO & CAMPOS, 2002). Constatamos que, sob a atuação do princípio da *Divergência* (HOPPER, 1991), o grau de gramaticalidade é mais bem aferido pela aplicação dos critérios de auxiliaridade (cf. seção 2.2 do capítulo V) do que pela apuração da frequência da forma em gramaticalização.

Supúnhamos, com base nos estudos de Bybee (1985) acerca da gramaticalização das categorias verbais flexionais, que a gramaticalização de *ir+infinitivo* ocorreria em um processo maior de gramaticalização das categorias verbais (Aspecto > Tempo > Modo/Modalidade), expectativa que se comprovou em nossa análise, ainda que a escala de gramaticalização a que chegamos careça de uma comprovação diacrônica.

Com relação ao comportamento dos falantes do interior paulista na marcação de futuridade, podemos dizer que, para a codificação de tempo Futuro do Presente, a mudança já foi instaurada em favor da variante analítica: 97,5% dos *tokens* de Futuro do Presente são de formas analíticas e apenas 2,5% são de formas sintéticas, e os usos sintéticos têm contextos muito específicos de uso, como o de citação de discurso bíblico. O mesmo não se pode afirmar para o Futuro do Pretérito que, em nosso dialeto, ainda é um fenômeno variável, já que 63% de nossos dados ocorrem sob a forma analítica e 37% sob a forma sintética.

A análise sociolinguística empreendida para os casos de Futuro do Pretérito nos

permitiu identificar que os fatores que influenciam o falante na escolha por uma das formas de futuro são: Tipo de oração, Paradigma verbal, Tipo de estado de coisas, Tipo de Texto e Idade. Orações subordinadas, verbos regulares, estados de coisas do tipo Estado e faixas etárias mais jovens favorecem a aplicação da regra, isto é, favorecem o predomínio da variante analítica de Futuro do Pretérito. O resultado geral apontou-nos para um possível tratamento da noção de Futuro do Pretérito como um caso de mudança em progresso, já que falantes mais jovens são os que mais se valem da forma analítica para a codificação desse tempo verbal.

No balanço geral, consideramos que nossos resultados responderam satisfatoriamente aos objetivos a que nos colocamos alcançar, porém suscitaram também muitas outras questões as quais elencamos a seguir.

- **Sobre a gramaticalização de *ir+infinitivo*:** será que obteríamos o mesmo resultado para a ordem de atualização das funções Aspecto, Tempo e Modo/Modalidade na construção *ir+infinitivo* em um estudo de caráter diacrônico?
- **Sobre a multifuncionalidade do futuro sintético:** quais seriam os valores/funções que se atualizam, sincronicamente, no futuro sintético, já que, por uma breve análise de nossos dados, pudemos identificar muitas funções que podem ser atribuídas ao futuro sintético que vão além do valor temporal?
- **Sobre a função Marcador Discursivo:** essa função se daria nos estágios finais do processo de gramaticalização de *ir+infinitivo* ou comporia um outro *cline* de gramaticalização, já que nela o verbo *ir* não tem funcionamento de auxiliar? E ainda, qual a relação deste *type* com a Modalidade Orientada para o Falante?
- **Sobre a análise variacionista:** se adotássemos, além do *corpus* sincrônico de língua falada, um *corpus* sincrônico de língua escrita, haveria alternância entre Futuro do Presente sintético e Futuro do Presente analítico? Se essa variação se verificar,

teríamos de tratá-la como estilística?

Tais questionamentos mostram o quão produtivo é o tema de pesquisa em questão e que os resultados aqui apresentados podem ser investigados ainda de forma mais aprofundada em trabalho futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALMEIDA, J. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- BALEEIRO, M. I. A. *O futuro do presente do português culto falado em São Paulo*. 1988. 196f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1978
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes Editores, 2006.
- BENTIVOGLIO, P. A variação nos estudos sintáticos. *Estudos Linguísticos*. Campinas, v.14, p.07-29, 1987.
- BERLINCK, R. de A. Sobre o lugar do funcional na análise sociolinguística variacionista. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v.31, 2002.
- BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- _____. Main clauses are innovative, subornative clauses are conservative: consequences for the nature of constructions. In: BYBEE, J., NOONAN, M. *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p.01-17.
- _____. Mechanisms of change in Grammaticization: The Role of Frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (eds.) *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackell, 2003. p.602-623.
- BYBEE, J.L.; PAGLIUCA W. The evolution of future meaning. In: RAMAT, A.G.; CARRUBA O.; BERNINI, G. (eds.) *Papers from the VIIth International Conference on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 109-122.
- BYBEE, J.L.; PAGLIUCA, W.; PERKINS R. Back to the future. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*, vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-58.
- _____. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CAMACHO, R.G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, C., ABRAÇADO, J. (Orgs.) *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7letras, 2003. p.55-65.
- _____. Uma reflexão crítica sobre a Teoria Sociolinguística. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo: EDUC, v. 26, n.1, 2010 (no prelo).
- CÂMARA JÚNIOR, J.M. *Uma forma verbal portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.
- _____. *Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro : J. Ozon, 1970
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1968.

_____. Aspecto Verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2002. p.83-121.

COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge : Cambridge University Press, 1976.

CORÔA, M. L. M. S. *Tempo e Temporalidade na língua*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas - SP.

_____. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

COSTA, S. B. B. *O aspecto em Português*. São Paulo: Contexto, 2002.

COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

CUNHA & CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht, Holland ; Providence, U.S.A.: Foris Publications, 1997 [1989].

FERNANDES, F.O. *Construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver seguidos de gerúndio: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*. 2010. Relatório de Iniciação Científica em Estudos Linguísticos – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

FLEISCHMANN, S. *The future in thought and language: diachronic evidence from Romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FONSECA, A.M.H. Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade (TAM) na expressão de futuridade. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v.39, 2010 (no prelo).

GALBIATTI, M. E. *Análise comparativa do processo de Gramaticalização das perífrases conjuncionais Agora que e Já que*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

GIBBÓN, A. O. *A expressão de tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York : Academic Press, 1979.

_____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GONÇALVES, S.C.L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso do português do Brasil*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas.

GONÇALVES, S.C.L. *et al. Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

GONÇALVES, S.C.L. Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista, 2007. Disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>> Acesso em: 10 mar. 2010.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). In: MAGALHÃES, J. P.; TRAVAGLIA, L. C. (Orgs.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. 1

ed. Uberlândia: UFU, 2008, v. 1, p. 1-10.

GORSKI, E.; TAVARES, M. A. *Teoria da variação/mudança e funcionalismo linguístico: (in)compatibilidades*. Texto inédito, 2009.

GUERRA, A. R. *Funções Textual-Interativas dos Marcadores Discursivos*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

_____. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.D. & JANDA, R. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p.575-601.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. London: University of Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K. Layers and operators in Functional Grammar. *Journal of Linguistics* 25.1, p.127-157, 1989.

_____. Mood and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN C.; MUGDAN, J. (eds) *Morphology: A handbook on inflection and word formation*. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p.1190-1202.

_____. La tipología lingüística. In: Mairal, R. & Gil. J. (eds.), *En torno a los universales lingüísticos*. Madrid: Cambridge University Press/Ediciones, 2004. p.89-111.

_____. The grammaticalization of tense and aspect. In: HEINE, B. & NARROG, H. (eds). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. New York: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, N. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamin, 1991. p.17-35.

HOPEER, P., TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

ILARI, R. *A expressão de tempo em português*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCK, I.V. A questão das modalidades numa nova gramática da língua portuguesa. *Estudos Linguísticos*, v.13, p.227-36, 1986.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. *Language* 45:4, p.715-762. 1969.

_____. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. v.1. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. v.2. Oxford: Blackwell, 2001.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v. 1.), 1995 [1982].

LIMA-HERNANDES, M. C. P. L. *A Interface Sociolinguística/Gramaticalização*

- estratificação de usos de tipo, feito, igual e como, sincronia e diacronia*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas.
- LOBATO, L. M. P. Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo: Critérios de Auxiliaridade. In: _____. *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.
- LONGO, B. N. O. *A Auxiliaridade e a Expressão do Tempo em Português*. 1990. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- LONGO, B. O., CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A.C. S. (orgs.). *Gramática do Português Falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-497.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MALVAR, Elisabete. *O presente do futuro no português oral do Brasil*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Ottawa, Ottawa.
- MARCUSCHI, L. A. . Marcadores Conversacionais do Português Brasileiro: Formas, Posições e Funções. In: Castilho, Ataliba Teixeira de. (Org.). *Português Falado no Brasil*. Campinas: EDUNICAMP, 1989. p. 281-321.
- NARO, A. J., BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói, n.9, p. 125-134, 2000.
- NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- NUNES, J.J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 9 ed. Lisboa: Clássica Editora, 1989.
- OLIVEIRA, J. M. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, M. *Amare aveva or amare iva? A new look at the grammaticalization of Portuguese Conditional*. *Linguística*, 15/16. São Paulo: ALFAL/USP, p.175-184, 2003/2004.
- OLIVEIRA E SILVA, G.M. & PAIVA, M.C. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M. & SCHERRE, M.M.P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos*. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.334-378.
- PALMER, F.R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947.
- RUBIO, C.F. *A Concordância Verbal na língua falada na região Noroeste do Estado de São Paulo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- SARMENTO, L. L. *Gramática em textos*. São Paulo: Moderna, 2005.
- SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A. – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. São Paulo: EDUC, v. 9, n. 1, 1993.
- SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos de Linguagem*. Belo

Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.7, n.2, p. 29-59, 1998.

SILVA, A. *A expressão de futuridade no português falado*. Araraquara: UNESP; São Paulo: Culura Acadêmica Editora, 2002.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics metaphorical and cultural aspects of semanticstructure*. Cambridge : Cambridge University Press, 1991, [1990].

TRAUGOTT, E. C. Meaning change in the development of grammatical markers. *Language Science* 2, p. 44-61, 1980.

TRAUGOTT, E. C. Pragmatic Strengthening and grammaticalization. *Berkeley Linguistics Society* 14, p. 406-416, 1988.

TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 189-218.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1982.

ULTAN, R. The Nature of Future Tenses. In: GREENBERG, J.H. *Universals of human language iv: word structure*. Standford: Standford University Press, 1978. p.83-124.

WEINER, E.J. & LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, 19, p.29-58, 1983.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 16 de agosto de 2010

ANA MARIA HERNANDES DA FONSECA

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.